



# Convergência

523

Julho e Agosto • 2019 • ANO LIV

Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil - CRB  
ISSN 0010 - 8162





Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad  
Editor: Irmão Lauro Daros, fms  
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj  
Irmã Helena Teresinha Rech, sst  
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Jaldemir Vitório, sj  
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes  
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida  
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms  
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo  
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 – Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540  
E-mail: [crb@cbnacional.org.br](mailto:crb@cbnacional.org.br)  
[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73





## Sumário

### Editorial

FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DISSER 5

### Mensagem do papa

AS BODAS DE CANÁ 9

### Mártires/Santos

PADRE JOSÉ CALVI, SERVO DE DEUS E MISSIONÁRIO DOS  
OBLATOS DE SÃO JOSÉ 11  
*Pe. Miguel Piscopo, osj*

### Informes

CRÔNICA DE UM CENTENÁRIO 21  
*Padre Mauro Negro, osj*

125 ANOS DE AMOR, GLÓRIA E REPARAÇÃO AO SAGRADO  
CORAÇÃO DE JESUS 31  
*Irmã Maria Vilma Ravazzoli, ascj*

MISSÃO EM MOÇAMBIQUE 36  
*Frei Cláudio Sérgio de Abreu, ofmcap*

### Artigos

PSICOLOGIA: CAMINHO DE LIBERTAÇÃO PARA O AMOR 48  
*Lourdes Degrandis*

O CUIDADO DA CASA COMUM: COMO CAMINHO DE  
ESPIRITUALIDADE E JUSTIÇA 58  
*Padre José Ivo Follmann, sj*

CRISES NA VRC. APONTAMENTOS A PARTIR DO  
MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO 70  
*Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap*

AS FORMAS DE INABITAÇÃO DE DEUS NA ALMA:  
UMA SISTEMATIZAÇÃO A PARTIR DO PENSAMENTO  
DE EDITH STEIN 83  
*Frei Hércules de Vasconcelos Moreno, ofm*





POLÍTICAS PÚBLICAS E VIDA RELIGIOSA 96  
CONSAGRADA: O CUIDADO  
*Padre João da Silva Mendonça Filho, sdb*

O QUE A PASTORAL DA JUVENTUDE ESPERA DA VRC 105  
*Irmão Joilson de Souza Toledo, fms*





## FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DISSER!

IRMÃO LAURO DAROS, FMS

A XXV AGE, de 10 a 14 de julho de 2019, terá como Lema “Fazei tudo o que Ele vos disser”. A CRB está em sintonia com Mensagem do Papa, que expressa, referindo-se às Bodas de Caná: “Servir o Senhor significa ouvir e colocar em prática a sua Palavra. É a recomendação simples, mas essencial da Mãe de Jesus e é o programa de vida do cristão. Para cada um de nós, encher a ânfora equivale a confiar-se à Palavra de Deus para experimentar a sua eficácia na vida”.

Para celebrar o Centenário da chegada dos Oblatos de São José ao Brasil, a Seção Mártires/Santos publica a biografia do Pe. José Calvi, Servo de Deus. “Padre José Calvi foi um heroico missionário no Brasil. Como verdadeiro filho espiritual de São José Marelllo, fundador dos Oblatos de São José, na sua vida curta e intensa ele percorreu extraordinariamente o caminho marelliano da santidade. Com São José, o guarda do Redentor, ele aprendeu a viver constantemente na presença de Jesus e a buscar sempre ‘os interesses dele’. Ele percebeu encarnadas em São José Marelllo e reproduziu na sua vida as virtudes características do Carpinteiro de Nazaré, a completa disponibilidade à vontade de Deus e o abandono confiante em suas Mãos de Pai”.

Continuando a celebração dos cem anos dos Oblatos no Brasil, a Seção Informe inicia-se com “Crônica de um Centenário”, do Pe. Mauro Negro, osj. Escreve o autor: “Os Oblatos de São José comemoram, no ano de 2019, seu aniversário de cem anos em terras do Brasil. É um acontecimento





memorável. Em dois sentidos: memorável, pois é o tempo de marcar uma data que indica a vida, a história, as derrotas e conquistas; é memorável, pois recorda-se de um tempo passado, de uma caminhada já feita. E também é memorável no sentido de ter uma memória a ser valorizada: pessoas, situações, lugares, trabalhos, e tantas outras expressões humanas otimizadas pela Fé, pela Esperança e pela Caridade! É preciso fazer Memória disto tudo. Se hoje estamos aqui é porque, antes de nós, por cem anos, pessoas corajosas e generosas deram de si, ousaram ir além, criaram e formaram. Este artigo tenta ser um reconhecimento aos Oblatos de São José chamados “Irmãos Maiores”, e a todos os Religiosos e Religiosas, Presbíteros e Leigos que vivem este Carisma, no Brasil, há cem anos”.

Irmã Maria Vilma fala dos 125 anos de Amor, Glória e Reparação ao Sagrado Coração de Jesus, referindo-se ao Ano Jubilar para as Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, que celebram 125 anos de fundação do Instituto. “Aos 30 de maio de 1894, em Viareggio, Itália, a Bem-Aventurada Clélia Merloni fundou o Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, cujo Carisma é o próprio Coração de Jesus, no compromisso de torná-Lo mais conhecido, amado e glorificado”.

Frei Cláudio, membro da Diretoria da CRB, relata a visita a Moçambique, realizada no final de 2018, com os objetivos principais de visitar e pregar retiro para as Irmãs que estão em missão na Salawe ou Silva Macua, Diocese de Pemba, Moçambique. O texto é longo, mas é uma narrativa agradável e detalha a importante missão da CRB em Moçambique, com a Comunidade Inter, formada de quatro Religiosas de quatro Congregações.

A Seção Artigos está com seis textos. O primeiro artigo é da Irmã Lourdes Degrandis, “Psicologia: Caminho de Libertação para o Amor”. Expressa a autora que, “para compreender esse ser humano, estudar sua psique, debruçar-se sobre suas manifestações emocionais, sentimentais e comportamentais, surge, ao longo da história da humanidade, a Psicologia, como fonte de conhecimento, estudo, ciência que se detém em compreender o ser humano. Essa fonte de conhecimento, como o rio com diversas ramificações e afluentes, a psicologia é composta de diferentes teorias. Seja qual for a abordagem, todas estão a serviço da pessoa humana. Ajudam na compreensão de si mesmo e do outro, o outro diferente do si, que caminha a seu lado e o auxilia em seu reconhecimento. Só se reconhece e descobre na convivência”.

Pe. José Ivo Follmann publica “O ‘Cuidado da Casa Comum, como caminho de espiritualização e justiça’”. Vivemos tempos de degradação





civilizacional na sociedade humana em geral e no Brasil em particular. O autor se pergunta: “Neste cenário, qual o papel da espiritualidade? De que espiritualidade que precisamos? Que luzes a dimensão espiritual oferece para essa humanidade ameaçada e moribunda? Diversas podem ser as respostas; talvez mais perguntas apareçam. A literatura é grande. Vou tomar um atalho conhecido. Entendo que o “*cuidado da casa comum*” é uma das indicações mais originais e completas que chama para uma espiritualidade nos tempos presentes. É uma ‘fórmula’ consagrada pelo papa Francisco na sua encíclica *Laudato Sí*, em 2015”.

Frei Vanildo trata das “Crises na VRC. Apontamentos a partir do Magistério do Papa Francisco”, pois “a eleição do Cardeal Bergoglio como Papa (Bispo de Roma, como ele se apresentou) significou uma lufada de ar fresco em meio ao marasmo miasmático em que vivia a Cúria Romana e parte significativa da Igreja Católica. Retomando o espírito do Concílio Vaticano II, o papa Francisco abriu as portas e janelas para que o Espírito arejasse os espaços eclesiais com sua novidade e criatividade e, ao mesmo tempo, convidou os católicos a sair das preocupações intraeclesiais e “ir ao encontro” dos grandes desafios que o mundo de hoje apresenta para aqueles e aquelas que querem viver e propagar a Boa Nova do Reino”.

“As formas de inabitação de Deus na alma: uma sistematização a partir do pensamento de Edith Stein” é texto de Frei Hércules de Vasconcelos Moreno, que, entre tantos ensinamentos, esclarece o conceito de “inabitação”. Ele explica: “Inicialmente, é necessário compreender o real sentido da terminologia “inabitação”, a fim de obter clara consciência diante de sua real significação, relacionando, assim, os elementos que estão presentes nessa abordagem, bem como os autores que tratam eloquentemente da temática da inabitação divina, a qual é íntima união com Deus”.

Considerando que a CF traz temas para a vida toda, não apenas para a Quaresma, Pe. Mendonça oferece o texto “Políticas públicas e Vida Religiosa Consagrada: o cuidado”. Pergunta-se o autor: “Como fazer uma leitura proativa das Políticas Públicas e justiça a partir da Vida Religiosa Consagrada (VRC)? Temos algo a mudar dentro de nossas estruturas para impedir que as práticas de poder sejam evangélicas e responsabilmente livres? O texto base da CF afirma que política pública é “o cuidado do todo realizado pelo Governo ou pelo Estado. São as ações discutidas, programadas e executadas em favor de todos os membros da sociedade” (Cf. Texto base, n. 8). As ações de Governo, em nosso caso, são as metas e programações dos superiores e seus conselhos, cujo executor





é temporário, portanto muda conforme se alternam os governantes. As ações permanentes são as de Estado que garantem as necessidades básicas como saúde, segurança, educação, saneamento básico, etc. No caso da VRC, trata-se de nossa comunhão eclesial com o corpo da Igreja onde estamos inseridos. Estas ações exigem continuidade”.

Finalizando, Ir. Joilson de Souza reflete sobre “O que a Pastoral da Juventude espera da VRC”. O que esperar destas páginas? O autor responde: “Neste artigo fizemos duas escolhas. Uma é a de focar na Pastoral da Juventude (PJ), que tem por referência a Teologia da Libertação, que se reconhece filha das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e neta da Ação Católica. A outra escolha foi fazer do artigo um exercício de diálogo com alguns jovens. Dialogando com falas de jovens intentamos esboçar uma teologia da VRC em sintonia com o processo sinodal. O caminho que Francisco nos propõe e os anseios dos jovens e discipulados hoje pedem *mais amor*. Um mergulho na misericórdia de Deus a partir do seguimento de Jesus, vivenciando um amor sem medidas, tensionando escolhas, posturas e sentimentos até chegarem à estatura de Cristo (Ef 4,13), é o que você encontrará nestas páginas”.

Sejamos dóceis e simples como Maria, que abriu a mente e o coração a serviço da Luz, para “fazer tudo o que Ele nos disser”, pois Cristo é o Caminho, a Verdade, a Vida.





## AS BODAS DE CANÁ

PAPA FRANCISCO

FONTE: [HTTP://W2.VATICAN.VA](http://w2.vatican.va)

Hoje nos concentramos sobre o primeiro dos milagres de Jesus, que o evangelista João chama de “sinais”, porque Jesus não os fez para suscitar maravilhas, mas para revelar o amor do Pai. O primeiro destes sinais prodigiosos é relatado justamente por João (2, 1-11) e se realiza em Caná da Galileia. Trata-se de uma espécie de “portal de ingresso”, em que são esculpidas palavras e expressões que iluminam todo o mistério de Cristo e abrem o coração dos discípulos. Vejamos algumas.

Na introdução encontramos a expressão “Jesus com os seus discípulos” (v. 2). Aqueles que Jesus chamou para segui-Lo ligou-os a si em uma comunidade e, agora, como uma única família, são convidados todos para as bodas. Dando início ao seu ministério público nas bodas de Caná, Jesus se manifesta como o esposo do povo de Deus, anunciado pelos profetas, e nos revela a profundidade da relação que nos une a Ele: é uma nova Aliança de amor. O que há no fundamento da nossa fé? Um ato de misericórdia com o qual Jesus nos ligou a si. E a vida cristã é a resposta a esse amor, é como a história de dois apaixonados. Deus e o homem se encontram, se buscam, se encontram, se celebram e se amam: justamente como o amado e a amada no Cântico dos Cânticos. Todo o resto é consequência dessa relação. A Igreja é a família de Jesus em que se derrama o seu amor; é este amor que a Igreja protege e quer dar a todos.

No contexto da Aliança, compreende-se também a observação de Nossa Senhora: “Não tem vinho” (v. 3). Como é possível celebrar as núpcias e fazer festa se falta aquilo que os profetas indicavam como um elemento típico do banquete messiânico (cfr Am 9, 13-14; Gl 2, 24; Is 25, 6)? A





água é necessária para viver, mas o vinho exprime a abundância do banquete e a alegria da festa. É uma festa de bodas na qual falta o vinho; os recém-casados se envergonham disso. Imaginem vocês terminar uma festa de casamento bebendo chá, seria uma vergonha. O vinho é necessário para a festa. Transformando em vinho a água das ânforas utilizadas “para a purificação ritual dos judeus” (v. 6), Jesus realiza um sinal eloquente: transforma a Lei de Moisés no Evangelho, portador de alegria. Como diz João: “A Lei foi dada por meio de Moisés, a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (1, 17).

As palavras que Maria dirige aos empregados vêm coroar o quadro sponsal de Caná: “Façam o que Ele vos disser” (v. 5). É curioso: são as últimas suas palavras reportadas nos Evangelhos: são a sua herança que entrega a todos nós. Também hoje Nossa Senhora diz a todos nós: “Façam o que Ele vos disser”. É a herança que nos deixou: é belo! Trata-se de uma expressão que retoma a fórmula de fé utilizada pelo povo de Israel no Sinai em resposta às promessas da Aliança: “Quanto o Senhor disse, nós o faremos”! (Es 19, 8). E de fato em Caná os empregados obedecem. “Jesus disse a eles: encham de água as ânforas. E os encham até a borda. Disse a eles de novo: agora peguem e levem àquele que dirige o banquete. E eles levaram” (vv. 7-8). Nestas bodas, de fato é estipulada uma Nova Aliança e aos servos do Senhor, isso é, a toda a Igreja, é confiada uma nova missão: “Qualquer coisa que vos diga, faça”! Servir o Senhor significa ouvir e colocar em prática a sua Palavra. É a recomendação simples, mas essencial da Mãe de Jesus e é o programa de vida do cristão. Para cada um de nós, encher a ânfora equivale a confiar-se à Palavra de Deus para experimentar a sua eficácia na vida. Então, junto ao chefe do banquete que provou a água transformada em vinho, também nós podemos exclamar: “Tu guardastes a parte boa do vinho até agora” (v. 10). Sim, o Senhor continua a reservar aquele vinho bom para a nossa salvação, assim como continua a jorrar do lado transpassado do Senhor.

A conclusão do relato soa como uma sentença: “Isso, em Caná da Galileia, foi o início dos sinais realizados por Jesus; Ele manifestou a sua glória e os seus discípulos acreditaram Nele” (v. 11). As bodas de Caná são muito mais que o simples relato do primeiro milagre de Jesus. Como uma arca do tesouro, Ele protege o segredo da sua pessoa e o da sua vinda: o esperado Esposo dá início às bodas que se cumprem no Mistério pascal. Nestas bodas Jesus liga a si os seus discípulos com uma Aliança nova e definitiva. Em Caná os discípulos se tornam a sua família e em Caná nasce a fé da Igreja.

Àquela boda todos nós somos convidados, porque o vinho não vem mais a faltar!





# PADRE JOSÉ CALVI, SERVO DE DEUS E MISSIONÁRIO DOS OBLATOS DE SÃO JOSÉ

PE. MIGUEL PISCOPO, OSJ

*Padre José confortava e tranquilizava até com o sorriso.*

## Prefácio

Padre José Calvi foi um heróico missionário no Brasil. Como verdadeiro filho espiritual de São José Marelllo, fundador dos Oblatos de São José, na sua vida curta e intensa ele percorreu extraordinariamente o caminho marelliano da santidade. Com São José, o guarda do Redentor, ele aprendeu a viver constantemente na presença de Jesus e a buscar sempre “os interesses dele”. Ele percebeu encarnadas em São José Marelllo e reproduziu na sua vida as virtudes características do Carpinteiro de Nazaré, a completa disponibilidade à vontade de Deus e o abandono confiante em suas Mãos de Pai.

Como missionário no Brasil, ele imitou o fundador na grande abertura pastoral para que Deus fosse mais conhecido e amado. Lutando contra a sua timidez natural, ele se aproximou com humildade e coragem tanto de crentes como de ateus. Às vezes, com grande sacrifício, ele se tornou disponível para ajudar o clero diocesano nas confissões, na pregação, com o catecismo e a assistência espiritual a grupos e associações. Manteve sempre o coração aberto aos mais necessitados e o





demonstrou sobretudo nas relações paternas e na paciência inalterável com os meninos de rua, vítimas da miséria e da degradação, feridos por tristes experiências familiares, humilhados pela marginalização social e cheios de revolta. Na casa de acolhida palpitava o seu coração de pai e as virtudes de santo para os amar, ajudá-los a recuperar a vontade de viver e prepará-los para a reinserção social.

Quando a doença o obrigou ao asilo, o Padre Calvi consumiu os últimos anos de sua vida no serviço aos doentes do hospital, tuberculoso no meio de tuberculosos, tornando-se uma presença amorosa e misericordiosa de Jesus para os seus companheiros: “Ofereço ao Senhor os sofrimentos e a minha vida ainda jovem, com verdadeiro espírito de penitência; e peço a graça de manter estes sentimentos até o fim para me oferecer a Ele”. Graças à sua atividade sacerdotal, entre os doentes do sanatório da Lapa re floresceram as práticas religiosas: deu vida ao Apostolado do Sofrimento, criou um jornalzinho interno com o título programático “*Guia da Salvação*”, com o qual levava mensalmente aos doentes o conforto da fé; num lugar onde antes existia apenas cinismo e desespero, ele teve a graça e a alegria de ver muitas conversões.

Agradeço ao confrade Padre Guido Miglietta por haver repropósito aos “filhos espirituais de São José Marelló” (Oblatos, Oblatas e Leigos) a vida exemplar do Servo de Deus Padre José Calvi. Que ele nos obtenha do Céu as graças necessárias para que, no mundo atual tão complicado e atraente, também nós possamos viver cada dia na intimidade com Jesus, possamos ter sensibilidade para os problemas dos irmãos necessitados e vivamos generosamente empenhados para tornar o nosso território (casa, trabalho, paróquia, sociedade...) um lugar cristão, onde justiça, perdão, amor e solidariedade sejam a base de todas as relações interpessoais.

3 de abril de 2009, Centenário da Aprovação Pontifícia dos Oblatos de São José.

## Nascimento

Cortemilia é uma aldeia de rara beleza situada entre as colinas do Piemonte meridional. No dia primeiro de maio de 1901, ali nasceu Giuseppe Calvi, oitavo filho de uma família pobre e honesta. Seu pai, Giovanni, era um homem simples, carroceiro de profissão, que ganhava a vida com o trabalho humilde de extrair areia do leito do rio Bórmida,





que atravessava a aldeia, e a transportava para as construções. Sua mãe, Maddalena Listrino, era uma dona de casa que se dedicava com esmero à educação dos filhos. Eram ambos de origem humilde, provados por uma vida de sacrifício, pessoas de grande fé, vivida em profundidade e transmitida aos filhos. Sete dias após o nascimento, levaram o pequeno Giuseppe para receber o batismo na igreja paroquial de San Pantaleo, em Cortemilia. A paróquia possuía naquele tempo a graça de um pároco muito ativo e dinâmico, Padre Michele Coraglia, que estimulava as obras de caridade e suscitou numerosas vocações, entre as quais a de Giuseppe.

## A vida no seminário

Chegou finalmente o dia esperado. Giuseppe, adolescente com 13 anos, numa linda manhã de agosto de 1914 entrou no seminário – a Casa Mãe dos Oblatos de São José em Asti. Notavam-se nele manifestações de reverência com as coisas sagradas. Era comum vê-lo comovido durante a bênção eucarística, beijar a imagem de Jesus ou dos santos, aplicado na leitura de livros espirituais.

No dia 1º de setembro de 1917 Giuseppe começou o noviciado em Asti. Os dois anos de noviciado foram para ele a ocasião para aprimorar um profundo espírito de oração, com grande atenção às normas litúrgicas. O seu padre-mestre assim escrevia a seu respeito: “De natureza calma e tímida, é caridoso e afável... pratica os seus deveres com delicadeza de consciência... faz de tudo para corresponder sempre à santa vontade de Deus, muito esforçado no espírito de união com Deus”.

No dia 1º de outubro de 1919 ele emitiu os votos temporários de pobreza, castidade e obediência.

Desde quando entrou no seminário, ainda adolescente, Giuseppe nunca deixou de conduzir a termo os compromissos que a vida em comum exigia, através de uma das suas admiráveis virtudes: o cultivo da humildade, fruto do esforço constante do jovem seminarista, mas também de muita união com Deus

O superior geral na época, Padre Giovanni Battista Cortona, assim se exprimia com os seminaristas amigos de Giuseppe: “*Observem o vosso confrade Giuseppe Calvi: não tem saúde, é fraco, mas com a sua dedicação consegue sempre fazer tudo, tem um comportamento edificante e é suficiente uma olhadela para perceber que é um santo*”. Padre Stefano Besozzi, seu colega de estudos durante a filosofia e a teologia em Asti, dizia: “*Em*





*consciência, ninguém pude duvidar da sua gentileza. Por causa de sua grande humildade, apresentavam-se como extraordinárias nele as virtudes da caridade e da paciência. Eu nunca o ouvi falar mal de alguém ou criticar o próximo”.*

Padre Luigi Garberoglio, terceiro superior geral dos Oblatos de São José, homem profundo em virtude e no temor de Deus, testemunhou a respeito dele: *“Sempre admirei nele uma misericórdia profunda, uma humildade sincera, uma modéstia angelical, uma caridade indulgente para com os colegas, uma confiança filial nos superiores, confiança esta que cultivou também como sacerdote e missionário, como resulta das suas frequentes correspondências epistolares”.*

## A ordenação sacerdotal

Estava se aproximando a meta para a qual Giuseppe se havia empenhado durante anos com uma intensa preparação, especialmente com o seu compromisso constante e surpreendente em busca da santidade. Ser sacerdote, sentir-se ministro de Cristo era para ele o ponto de chegada mais alto na vida. Na manhã do sábado 29 de maio de 1926, véspera da Festa da Santíssima Trindade e do nascimento para o céu do fundador, São José Marelllo, ele foi ordenado sacerdote, juntamente com outros seis confrades, na catedral de Asti.

## Missionário no Brasil

Durante os últimos anos de preparação ao sacerdócio, o Padre Giuseppe começou a sentir um desejo profundo de se tornar missionário. Era a vontade de servir a Deus em quem mais dele precisava. Em 1919, durante os primeiros dias da sua primeira profissão religiosa, tinha visto o fervor e o entusiasmo de preparativos do primeiro grupo de Oblatos de São José que partiam para ir abrir a primeira missão no Brasil. Na época do seu ingresso no seminário de Asti, tinha visto partir para as Filipinas o primeiro grupo de missionários Oblatos de São José. Com o passar dos anos e um maior conhecimento das finalidades da família religiosa que tinha abraçado, além da premência da necessidade de missionários, ele respondeu com generosidade à abertura das missões.

No dia 16 de setembro, embarcavam no porto de Gênova, no navio Giulio Cesare, o Padre Giuseppe e os confrades Padre Emílio Martinetto, que desde o início de 1919 já era missionário no Brasil, Padre Afonso Rivellino, Padre Carlos Ferrero e o Irmão Teodoro Boiocchi. Padre Giuseppe, de 25 anos de idade, era o mais jovem do





grupo, mas também o mais jovem de todos os missionários josefinos que naqueles anos partiram para o Brasil: quase sem barba, magro, com grandes olhos castanhos e um olhar que parecia de adolescente ou pouco mais. Nunca mais voltou à Itália.

No dia 2 de outubro de 1926, os missionários chegavam a Paranaguá, porto do Paraná no oceano Atlântico, acolhidos pelos confrades.

## No “abrigo dos menores”, em Curitiba

O trabalho oficial do Padre José começou no dia 7 de novembro de 1926, quando ele assumiu a vice-direção do Abrigo.

O Padre José estava sempre disponível também para a pregação e para as confissões fora do Abrigo. Para estas novas tarefas ele tinha recebido a autorização do arcebispo de Curitiba, Dom João Francisco Braga, em agosto de 1927.

As inúmeras páginas dos seus escritos estão a demonstrar o esforço contínuo que o missionário fazia para preparar-se bem para a pregação em língua portuguesa e para administrar os bens de Deus de todo o coração.

Havia pouco mais de um ano de quando tinha começado a trabalhar no Abrigo de Menores a sua saúde começou a dar sinais de enfraquecimento. Nos últimos meses de 1927 começou a sentir cansaço e a emagrecer. Em dezembro começou também a sentir febre, sempre à noite. Com tosse insistente, passou o Natal muito adoentado. O médico recomendou que se internasse no sanatório São Sebastião da Lapa, a sessenta quilômetros de Curitiba.

## Em Paranaguá, na costa do Atlântico

Ele deixou o sanatório no dia 22 de abril de 1929, com a firme convicção de que havia superado a doença, embora o tratamento tenha sido mais longo do que o previsto. E não voltou mais para o Abrigo de Menores, mas foi trabalhar com os confrades Oblatos de São José na comunidade de Água Verde, na zona sul da cidade de Curitiba. Mas uma semana mais tarde recebeu uma nova destinação: Paranaguá, na margem do Atlântico, onde os Oblatos cuidavam da única paróquia da cidade, dedicada a Nossa Senhora do Rosário e do santuário de Nossa Senhora do Rocio, pouco distante, hoje santuário mariano do Estado do Paraná. Os Oblatos cuidavam ainda das comunidades espalhadas num raio de cerca de 100 quilômetros, no interior e no litoral paranaense.





Exerceu o seu ministério na igreja-matriz e paróquia de Nossa Senhora do Rosário. Respeitando a sua saúde frágil, os confrades lhe confiaram a tarefa de cuidar da igreja do Rosário, empreitada que ele realizou com bom êxito.

Vivendo e expressando a sua fé sempre com maior profundidade, o Padre José soube transmitir esperança e conforto às pessoas que viviam com maiores dificuldades. Quem recebeu a ajuda espiritual dos seus conselhos, diz: “Parece que foi Deus que me veio consolar”.

## Pároco em Curitiba – Água Verde

Em Paranaguá, o verão – que vai de dezembro a março – é sufocante e húmido. Por esse motivo, no dia 9 de fevereiro de 1933, o Padre José foi enviado para transcorrer os meses mais quentes em Curitiba, no bairro Água Verde, onde o clima é mais saudável.

Em abril de 1933, foi nomeado pároco da paróquia do Sagrado Coração de Jesus, Água Verde. Na mesma época foi encarregado dos Irmãos religiosos Oblatos de São José e conselheiro da Missão.

A sua dedicação missionária não o deixava sossegado, pois conhecia as necessidades pastorais do povo e a ele se entregava com diligência. Em pouco mais de dois anos, deixou uma marca inesquecível do seu estilo e do seu serviço, que foram fundamentais para dar uma reviravolta na paróquia do Sagrado Coração.

O seu estado de saúde, porém, em novembro de 1935, apresentava uma repentina recaída. Reapresentavam-se as mesmas condições de debilidade física de dezembro de 1928, sete anos antes, que o haviam levado ao sanatório da Lapa.

As condições do enfermo se agravaram de repente e não havia tempo suficiente para conduzi-lo ao sanatório. Mas, para maravilha de todos, inclusive do doente, a colapso previsto não aconteceu. No dia 21 de janeiro de 1936, quando percebeu que começava a diminuir a tosse que o sacudia violentamente, conseguiu descansar e refazer-se. A notícia da repentina recuperação da saúde do Padre José se espalhou rapidamente.

## Outra vez no Sanatório da Lapa

Para conseguir evitar uma possível recaída na tuberculose, o Padre Calvi voltava para o sanatório São Sebastião da Lapa. Em 1929 ele tinha saído daquele mesmo hospital “cl clinicamente curado”. Padre





João Siccardi, seu confrade, assim escrevia numa carta enviada para a Itália: “O Padre José chegou ao sanatório pesando 44 quilos. Agora ele está completamente proibido de usar a voz; exatamente porque a sua ruína foi o cansaço dos pulmões pela exagerada vontade de pregar”.

A disponibilidade à vontade de Deus era uma virtude característica do Padre José Calvi: “O Senhor permitiu tudo para o meu bem. Ofereço-lhe os sofrimentos e a minha vida jovem em verdadeiro espírito de penitência, pedindo a graça de conservar estes sentimentos até o fim e de me oferecer a Ele”.

A sua santidade, dedicação e capacidade de viver na presença de Deus brilharam de maneira resplandecente durante os anos em que ele ficou internado no sanatório. Doente entre os doentes, um anjo, um apóstolo, um pai, um irmão, um amigo para os doentes. Como outro Jesus sofredor e abandonado, transmitiu a eles um exemplo de bondade sem limites, uma caridade dinâmica, fortaleza e disponibilidade heroicas; e, assim, em razão deste seu exemplo, foram muito poucos os que rejeitaram receber dele os sacramentos, pois era quase impossível resistir à suavidade e humildade que o tornavam muito semelhante a Jesus.

O Padre Calvi passou os últimos oito anos de sua vida no sanatório da Lapa. Foram anos longos, levando nas costas a doença, aceita de maneira inacreditável, com alegria, dia por dia, momento por momento, sempre disponível para servir os irmãos doentes. Doente com os doentes, o Padre José tornou-se para todos aquela presença de Jesus que, mesmo sofredor, é amoroso e misericordioso e anima a esperança. O internamento para ele não era somente uma ocasião para tentar curar-se da tuberculose e talvez sarar, mas, muito mais: tornou-se uma missão, porque a disposição mais profunda do seu coração era servir a Deus na pessoa de todos aqueles que estavam internados juntamente com ele.

Para colocar à prova a sua escolha, veio também o momento no qual os superiores dos Oblatos de São José, na Itália, aceitaram o pedido dos seus familiares, mãe, pai e irmãos, preocupados com a sua saúde, para que voltasse para a sua pátria.

Foi então que ele, com força e obediência, tomou a decisão de permanecer *com os seus queridos doentes*.

## Reciprocidade com os doentes – eis a sua missão

Com a presença do Padre José no sanatório, doente no meio de doentes, as práticas religiosas refloresceram. Ele fundou a “Associação





do Sofrimento”, que teve uma notável difusão graças à publicação de um boletim mensal que ele preparava. As primeiras sextas-feiras do mês, o mês de Maio e as principais festas litúrgicas eram celebradas com a participação de quase todos os pacientes do sanatório.

Ele nunca abandonou de nenhum modo o seu temperamento sereno e alegre; de fato, nunca era visto desanimado nem com alguma ruga no rosto por causa de tristeza. O seu grande amor ao Sagrado Coração de Jesus era o sinal da sua esperança inabalável mesmo na dor. Procurava difundir a sua devoção preparando, mandando imprimir e distribuir entre os pacientes um folheto com o título: “Guia para a Salvação”, onde explicava o sentido das nove comunhões que se deviam fazer nas primeiras sextas-feiras do mês. Assim explicava a todos o seu amor para com o Sacratíssimo Coração de Jesus, do qual era apaixonado.

## Oblato de São José na Luz de Jesus

A vida do Padre José no sanatório foi marcada, num primeiro tempo, pela paciência de um internado que mantém a sua boa disponibilidade de ali permanecer para realizar todos os tratamentos. Mas depois de alguns anos transcorridos naquele ambiente, ele chegou à convicção de ter que lá ficar *sem alimentar nenhuma esperança de sair de lá curado*. Foi então que, do seu coração, brotou a maior entrega de si mesmo, a semelhança de Jesus.

Até o fim, ia todos os dias à capela para receber a Eucaristia, conservando a lucidez de mente. Ele se extinguiu de improviso, inclinando a cabeça branca, como um lírio que dobra a corola da sua vida terrena”, com o crucifixo nas mãos. Eram as duas e meia da tarde do dia 26 de setembro de 1943. O Padre Natal Brusasco, Superior da missão dos Oblatos, veio buscar o seu corpo e o levou para Água Verde, em Curitiba, onde o Padre José tinha sido Pároco. Um grande número de fiéis passou a noite em oração ao seu lado; na tarde do dia seguinte ele foi sepultado no cemitério de Água Verde, no túmulo dos Oblatos de São José.

## A fama de santidade do Padre José Calvi

A devoção ao Padre José Calvi começou desde então. Naqueles que tinham tido a sorte de conhecê-lo, a sua bondade já havia transformado o pesar da sua morte na confiança de ter um amigo no céu; já se sentiam em comunhão com ele, constatavam a difusão da sua santidade,





dirigiam-se a ele para pedir graças, luz e ajuda do alto. Um amigo cuja vida tinha sido um livro sempre aberto, que tinha uma palavra para todos, jovens, doentes, pobres, particularmente os seus irmãos e irmãs da família dos Oblatos de São José.

## Servo de Deus

No dia 9 de novembro de 2007, o Arcebispo de Curitiba, Dom Moacyr José Vitti, promulgou o decreto de abertura do processo diocesano para a causa de canonização do Padre José Calvi, Oblato de São José. A partir daquele momento, o Padre José já pôde ser chamado e invocado por todos com o título de *Servo de Deus*. A documentação dos escritos, aqueles perdidos e reencontrados, as inúmeras cartas, os testemunhos de graças obtidas pela sua intercessão e os testemunhos da sua santidade, tudo foi depositado no tribunal eclesiástico da Arquidiocese de Curitiba, capital do estado do Paraná. Quando chegou o “Nada obsta” da Congregação para as Causas dos Santos, de Roma, o Arcebispo abriu o processo diocesano instituindo o tribunal especial que já se pronunciou sobre todos os testemunhos recolhidos.

Muitas pessoas já comunicaram as graças recebidas pela intercessão do Padre José Calvi e colaboram para divulgar cada vez mais a devoção à figura humilde e venerada do Servo de Deus

### Oração pela canonização do Pe. José Calvi

Glorificai, Senhor, o vosso servo **Pe. José Calvi**,  
que, com a palavra, com o exemplo  
e com a caridade pastoral em favor dos doentes,  
zelou pela glória do vosso nome e pela salvação das almas. Amém.

### Oração para obter a intercessão do Pe. José Calvi

Ó nosso querido **Pe. José Calvi**, que fostes para todos  
límpido espelho de pureza, modelo inigualável de obediência  
e exemplo luminoso de caridade para com Deus e o próximo,  
dignai-vos impetrar também para nós essas santas virtudes,  
tão necessárias para nossa vida espiritual,  
a fim de que possamos, como vós,  
levar uma vida autenticamente religiosa e cristã  
e atrair ao caminho do céu, com o nosso exemplo,





os irmãos e irmãs distantes de Deus.  
Obtende-nos, de modo particular,  
com a vossa intercessão junto de Deus,  
a graça que vos pedimos... (*especificar a graça*).  
Vos pedimos, por Cristo Nosso Senhor.  
Amém.

*(Com aprovação eclesiástica)*

## Referências Bibliográficas

Fonte: <http://www.osj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/PADRE-JOS%C3%89-CALVI-SERVO-DE-EUS-E-MISSION%C3%81RIO-DOS-OBLATOS-DE-S%C3%83O-JOS%C3%89.pdf>

Para aprofundar: ler a Biografia escrita pelo Aermanno Capettini, osj, no site <http://www.osj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/VIDA-DO-PADRE-JOS%C3%89-CALVI.pdf>





## CRÔNICA DE UM CENTENÁRIO

PE. MAURO NEGRO, OSJ<sup>1</sup>

Os Oblatos de São José comemoram, no ano de 2019, seu aniversário de cem anos em terras do Brasil. É um acontecimento memorável. Em dois sentidos: memorável, pois é o tempo de marcar uma data que indica a vida, a história, as derrotas e conquistas; é memorável, pois recorda-se de um tempo passado, de uma caminhada já feita. E também é memorável no sentido de ter uma memória a ser valorizada: pessoas, situações, lugares, trabalhos, e tantas outras expressões humanas otimizadas pela Fé, pela Esperança e pela Caridade! É preciso fazer Memória disto tudo. Se hoje estamos aqui é porque, antes de nós, por cem anos, pessoas corajosas e generosas deram de si, ousaram ir além, criaram e formaram.

Este artigo tenta ser um reconhecimento aos Oblatos de São José chamados “Irmãos Maiores”, e a todos os Religiosos e Religiosas, Presbíteros e Leigos que vivem este Carisma, no Brasil, há cem anos.

### Cem anos de história e vida

O aniversário de Cem anos dos Oblatos de São José no Brasil não é algo isolado da história e muito menos da vida. Não se trata apenas da vinda de italianos para o Brasil nos inícios do século passado. Trata-se de um projeto de vida e de Fé que marcou gerações e ainda marca centenas e milhares de pessoas, direta ou indiretamente. É o tempo de

<sup>1</sup> Religioso Oblato de São José. Biblista PUC São Paulo. Administrador Paroquial Paróquia NS Loreto. São Paulo SP. E-mail: mauronegro@uol.com.br





pensar nisto tudo e avaliar, agradecer, perdoar, celebrar, criar e ousar! O Pai e Fundador dos Oblatos, São José Marelo, afirmava, com convicção: “Fixem a meta e olhem para lá, sempre para lá”!

Os Oblatos de São José são os filhos de um notável Santo. Eles escolheram estas terras, nesta Igreja, para viver a vocação cristã. São os Irmãos e Padres, depois também Leigos e, finalmente, Irmãs, que se desdobram na presença no Reino de Deus, que é construído, pedra por pedra, minuto por minuto. A vida destes homens nos causa admiração pela dedicação e intensidade, bem como cuidados apostólicos e escondimentos. É a história de um centenário, que aqui será apresentada apenas como uma simples “crônica”, sem os elementos importantes de uma história. Uma crônica, um passeio pelas vidas e esperanças de gente simples, mas decidida. Cristãos fiéis, com ideais e ânimos diversos e sinceros.

## A pérola, o caminho, a meta fixa

Faz parte da vida de alguém a busca. Sempre se busca algo, de acordo com a fase de vida em que se está. Quando criança, buscam-se um brinquedo, uma segurança. Buscam-se pai e mãe, ambiente e espaço; uma identidade. Quando jovem, buscam-se uma companhia, um caminho de vida, sonhos, ambições e emoções. Quando adulto, buscam-se a segurança da vida já vivida, a tranquilidade das conquistas, a conclusão para a missão realizada.

Os Oblatos de São José conhecem a pequena história que apresenta o papa Leão XIII, afirmando que o Bispo José Marelo era uma pérola de Bispo, o que indica uma preciosidade, um valor inestimável. A conhecida parábola da pérola (em Mateus 13,45–46) indica o valor de um caminho encontrado e vivido com amor e fé.

Os Oblatos de São José, como seu Pai e Fundador, encontraram pérolas no Brasil: seu povo, sua cultura, a acolhida e os desafios. A pérola tem um preço, que pode ser a distância, a diferença cultural, o clima, as enfermidades, os limites da idade, etc. Tudo isso agrega à pérola um grande valor. Faz cem anos que homens corajosos e cheios de fé aceitaram buscar esta pérola. Seu Pai e Fundador já havia sido comparado com uma pérola. Há cem anos os “Irmãos Maiores” deixaram tudo para possuir a pérola, que, agora, um século depois, Irmãos, Padres, Irmãs e Leigos guardam e valorizam com respeito, admiração e santo orgulho.

Esta pérola é o caminho de décadas de esforços e doações individuais que, somados, demonstram o empenho em seguir a meta. Cristo é a meta. Para





ele, com o modelo de São José, seu pai na terra, os Oblatos caminharam neste século de vida e para o qual desejam continuar olhando e seguindo nos próximos centenários de sua história. Isto tudo teve inícios. Vejamos.

## José Marelló: Padre, Pai Fundador, Bispo, Santo

São José Marelló foi Padre da Igreja diocesana de Asti, no Piemonte, norte da Itália, no período da segunda metade do século XIX. Durante seu ministério presbiteral, inspirado por Deus, ele decidiu fundar a Congregação dos Oblatos de São José, e o fez em 14 de março de 1878. Esta Congregação, um grupo de jovens generosos e fiéis, ele a indicava como a “Casa de São José”. Por esta “Casa” José Marelló viveu e ofereceu sua vida. Ela foi de intensa, profunda e constante busca de Deus e de partilha de Fé e Esperança.

José Marelló nasceu de uma família cristã, em Turim, em 26 de dezembro de 1844. Foi batizado no mesmo dia em que nasceu, o que demonstra o zelo cristão de seus pais. Com quatro anos de vida, perdeu sua mãe e, com seu pai e um irmão de três anos, em 1852, foi morar com os avós paternos em São Martinho Alfieri, pequena cidade nas montanhas do Piemonte, linda região do norte da Itália.

Em São Martinho, ele cresceu e recebeu boas influências, inclusive de seu Pároco, que mais tarde o acompanhará até a ordenação Episcopal. Mas foi em um momento marcante, aos doze anos, na cidade litorânea de Savona, que o jovem José Marelló teve sua vida definida. No Santuário de Nossa Senhora da Misericórdia, na histórica Savona, ele decidiu ser Padre, por inspiração interior atribuída por ele mesmo à Nossa Senhora. E ainda que com relutância, teve sua vontade respeitada por seu pai.

É assim que, pouco tempo depois, em 1856, ele entrou no Seminário diocesano de Asti e se empenhou nos estudos e na vida ascética. Isto até que, pouco tempo depois, a guerra de unificação da Itália alcançou os territórios de Asti, desestabilizando totalmente a região. Os seminários foram esvaziados e requisitados como postos do exército. Isto, que pode ter levado ao surgimento de muitas novidades sociais e mudanças positivas, causou também alguns males sociais, econômicos e espirituais na sociedade da época.

Terminada a guerra, em 1862, o jovem José Marelló, um pouco influenciado por seu pai, que o desejava como apoio nos negócios, não retornou aos estudos para o Ministério ordenado. Foi estudar





economia e fez notáveis progressos. Alguns meses depois, caiu doente, de febre tifoide. No delírio da febre que a doença impunha, pareceu-lhe ver a Virgem Maria pedindo para que voltasse à caminhada para o Presbiterato. Foi assim que ele pediu ao pai que permitisse seu retorno ao Seminário. E o pai consentiu. Eis que José Marelo foi, de modo surpreendente, retomando a saúde e, deste modo, voltou ao caminho formativo para a vida Ministerial.

Em 19 de setembro de 1868, José Marelo, com 24 anos, foi ordenado Padre em Asti por seu Bispo, Dom Carlo Sávio. Logo recebeu o encargo de secretário do Bispo. Esta etapa de sua vida foi importante, pois ele aprendeu, ouviu, orou, pensou e começou a idealizar um modo de ser apoio e ação na Igreja. Padre José Marelo teve uma intensa vida pastoral, sempre em auxílio dos Padres que precisavam de apoio. Foi confessor e diretor espiritual muito procurado e ouvido. E preocupou-se com os jovens, com os operários e com os abandonados da sociedade de seu tempo.

Junto ao seu Bispo, dom Carlos Sávio, ele participou do Concílio Vaticano I, entre 1869 e 1870, e percebeu os problemas e desafios da Igreja, especialmente as tremendas oposições que existiam e se reforçavam nos países de antiga tradição cristã, como na Itália.

Padre José Marelo começou a pensar que o desejo de Deus era que ele consagrasse sua vida como contemplativo e, por isso, pediu ao seu Bispo a permissão para ser monge. Mas o Bispo não aceitou. Antes, indicou que esta não seria a vontade de Deus para ele. Na realidade, a vontade de Deus era uma nova experiência de vida e de ação na Igreja.

Foi assim que, depois de observar, pensar, se aconselhar e orar, Padre José Marelo, em 14 de março de 1878, fundou a Congregação dos Oblatos de São José. Era uma “companhia”, um grupo unido pela Fé, que se preocupava com os “interesses de Jesus” sob o modelo de São José. Este foi, segundo o Padre José Marelo, o primeiro a se interessar, na terra, em servir a Jesus, seu Filho. Seria, então, seu modelo. Os Oblatos fariam o mesmo. Mas não seriam religiosos, de uma ordem religiosa tradicional. Eram somente jovens, rapazes leigos, interessados e dedicados aos serviços mais básicos da vida e das necessidades da Igreja.

Na realidade, a vida religiosa, na região do Piemonte, havia sido quase extinta pelos governos e políticas anticatólicas. Criar uma Congregação religiosa tradicional seria difícil. Os Oblatos, mesmo sem ser religiosos, mas com simplicidade, trabalho e fé, poderiam fazer muito pela Igreja, pelos jovens e pelos operários das fábricas que surgiam rapidamente. Era o





momento da industrialização da Itália e os camponeses iam até às cidades em busca de trabalho. Facilmente perdiam alguns valores cultivados na simplicidade rural. Era necessário educá-los, acompanhá-los e catequizá-los. Isto bem faziam os “fradinhos”, como eram chamados os Oblatos.

Aos poucos, porém, Padre José Marelo percebeu que Deus desejava algo maior. Pediram para entrar na família dos Oblatos alguns jovens que desejavam ser Padres. E José Marelo permitiu, seguramente percebendo que isto iria mudar a feição da Congregação. Ele aceitou este desafio. O que ele realmente não esperava era o convite para ser Bispo! E tal convite veio.

Padre José Marelo foi nomeado pelo Papa Leão XIII como Bispo da diocese de Acqui. Foi ordenado Bispo em Roma em 17 de fevereiro de 1889 e, em 16 de junho, chegou na sua diocese. Embora Asti e Acqui sejam cidades próximas, naqueles tempos não era tão fácil o deslocamento, inclusive pelos limites financeiros, pois o dinheiro era pouco. O Bispo José Marelo teve de deixar seus amados filhos, os Oblatos de São José, para ser Pastor em uma Diocese complicada, muito dividida, onde até os Padres não estavam em comunhão. Os Oblatos de São José seriam conduzidos pelos mais experientes do grupo e, por cartas e visitas esporádicas, pelo pai-fundador.

Como Bispo, José Marelo dedicou-se intensamente às visitas pastorais, quase sempre a pé, com muitas distâncias, montanhas e clima adverso. Seus sapatos, ainda hoje guardados pelos Oblatos, são muito gastos e usados, sinais silenciosos de uma intensa dedicação missionária.

O Bispo José Marelo escreveu sete cartas pastorais, abordando os problemas da sociedade e da Igreja. Mesmo com a mentalidade da época e os argumentos que tinha em mente, o Bispo Marelo tinha uma visão própria, intensa, marcante do seu tempo. Seguramente, se tivesse vivido mais tempo, teria produzido muitas coisas interessantes e belas para a sociedade e para a Fé.

Sua vida foi de doação e entrega de si à Igreja. Sua participação em momentos e situações da Igreja foi intensa e constante. E os cuidados com os Oblatos sempre marcantes. Porém, sua saúde não acompanhava as atividades e intenções.

O Bispo José Marelo foi convidado para celebrar em Savona, no mesmo Santuário de Nossa Senhora da Misericórdia, onde havia recebido o chamado vocacional quando criança. E lá foi ele, com





dificuldades físicas, debilitado por problemas de saúde, seguramente resultado dos esforços apostólicos. Presidiu sua última celebração em 26 de maio, com muita dificuldade. E caiu doente. Em 30 de maio, faleceu, com apenas 51 anos de idade e seis anos de Bispo. No seu testamento encontram-se, como palavras iniciais, esta afirmação: “Eu, subscrito, pobre pecador...” José Marelló via a si mesmo como pecador e, deste modo, dependente da graça de Deus.

Sepultado primeiramente em Acqui, onde fora Bispo, José Marelló foi depois transportado para Asti, para junto de seus filhos, os Oblatos de São José.

Estes, que formavam a jovem Congregação, também tiveram provações enormes, contradições e dificuldades. Surpreendentemente, sobreviveram, inclusive porque se dedicaram às missões. Assim é que foram para as Filipinas, em 1915 e, em 1919, aceitaram o convite de vir para o Brasil. Hoje os Oblatos de São José estão nos cinco continentes, nos seguintes países: Itália, Filipinas, Brasil, Estados Unidos, Perú, Bolívia, México, Polônia, Índia, Nigéria, Espanha, El Salvador, Austrália, Moçambique, Alemanha e Indonésia.

## Brasil: a ousadia da missão

Os “Irmãos Maiores”, como são chamados pelos atuais Oblatos, foram os que primeiro vieram para estas terras brasileiras. A maioria não voltou mais para a Itália, fazendo sua história aqui e dando testemunhos de trabalho e dedicação enormes e admiráveis.

Alguns Oblatos já haviam ido para as Filipinas, nas antípodas da Itália, um mundo completamente diferente do que eles estavam acostumados no belo Piemonte. Em 1915, eles partiram e iniciaram uma aventura de Fé, que já faz mais de cem anos, é uma realidade e uma presença marcante.

Mas eis que, em 1919, um Bispo brasileiro, em visita à Itália, bateu à porta dos Oblatos de São José em Asti. Ele se dizia um “pobre Bispo sem Padres”. Dom João Braga, Bispo de Curitiba, precisava dar conta de uma Igreja dispersa por um grande estado, o Paraná, e não tinha os Padres de que precisava. Naqueles tempos a ideia de que um Batizado, um Leigo, podia assumir responsabilidades de liderança e organização na Igreja quase não existia. A Igreja existia sobretudo nos Padres e nos Religiosos e Religiosas. E Dom João Braga estava lá, pedindo auxílio, na casa dos Oblatos, casa que era carinhosamente chamada por eles de Santa Clara.





Os Oblatos se surpreenderam com este fato, pois quatro anos atrás haviam mandado religiosos para as Filipinas e estavam ainda se adaptando à esta ideia de missão em outras terras. Com São José, conforme o Evangelho segundo Mateus, havia sido assim: no meio da noite, um apelo sobrenatural chegou ao seu coração e ele se levantou e fez a história acontecer. Também os Oblatos, como que em um sonho, ouviram o convite, mais uma vez inesperado de uma mudança enorme, e em pouco tempo decidiram aceitar o desafio de enfrentar mais uma vez o oceano. E partiram, dia 15 de setembro de 1919, para o Brasil, longe, no ocidente, na América, onde as terras são vastas, e o sol brilha intensamente.

Em cinco de outubro, chegaram no Rio de Janeiro. Foram acolhidos pelo núncio e passaram lá alguns dias. Logo depois, partiram para Curitiba, para o sul, na capital do Paraná, estado cheio de colônias europeias, dentre as quais os italianos são destaque. Chegaram na terra das araucárias e precisaram adaptar-se ao clima, semelhante em grande parte ao do Piemonte, e à língua, bem mais dura que o doce italiano.

Logo eles tiveram uma missão: descer para o litoral, na cidade de Paranaguá. Lá havia uma Paróquia que eles deviam atender, e um Santuário pelo qual deviam zelar. Depois, precisaram também assumir uma outra Paróquia na Capital, no bairro Água Verde, e outra ainda em Umbará. Nelas, os italianos e seus descendentes eram muitos e precisavam de apoio, instrução e atendimento.

Eles viveram como a Providência desejava e propunha. Estavam felizes, pois serviam a Cristo, como São José. Cuidaram dos seus interesses e viveram a vocação missionária com desprendimento intenso. Tanto é que, por muitos anos, experimentaram uma pobreza material acentuada, sem seguranças e referências. O Bispo que os chamou e acolheu não foi tão solícito em dar-lhes um futuro claro no Brasil. Os Oblatos não tinham uma obra própria, uma casa para chamar de sua! Mas trabalhavam muito, na dedicação à Igreja e aos pobres.

Esta foi uma constante: os Irmãos Maiores, que foram os primeiros em chegar no Brasil, sempre serviram a Igreja na mais absoluta dedicação, sem seguranças ou posses. Sempre junto aos mais simples, aos pobres imigrantes em Curitiba e arredores, e pobres pescadores e caçaras no litoral paranaense. Sem uma casa própria como referência e segurança, sem automóveis, inclusive sem garantias do Bispo que os chamou.

Os cinco primeiros Irmãos Maiores deixaram sua marca de vida e fé. Padre Pietro Bianco era o superior da Missão. Chegou no Brasil





com cinquenta anos. Padre Francisco Omegna tinha 46 anos. Padre Giuseppe Adamo tinha 43 anos. Padre Emílio Martinetto era o mais jovem, com 32 anos. Acompanhava os quatro Padres um Irmão, Bartolomeu Mellino, chamado de Irmão Camillo, com 53 anos. Todos eram adultos, maduros, com uma caminhada de vida e de serviços à Igreja. Contraditoriamente, sem quaisquer experiências com missões, com trabalhos em meio às populações mais afastadas e limitadas, sem estudo da língua portuguesa. O que eles tinham ao chegar eram sete mil liras, que daria para tomar os trens do Rio de Janeiro até Curitiba. E nada mais de material ou de seguranças.

Mas tinham a Fé que herdaram do Pai Fundador, José Marelllo. Tinham a decisão de servir a Igreja e a Congregação. Tinham a coragem da Missão e o zelo de filhos de São José, que se dedicou a cuidar dos interesses de Jesus.

Em 1921 Padre Pietro Bianco foi para a Itália para o Capítulo Geral da Congregação. E foi escolhido Superior Geral, ou, como se dizia na época, Reitor Maior.

Entre os Irmãos Maiores que vieram poucos anos depois, destaca-se um: Padre José Calvi, nascido em 1º de maio de 1901. Um jovem magro, muito fraco, que decidiu ser missionário. Ordenado Padre em junho de 1926, veio para o Brasil em setembro seguinte, com 25 anos. Nem havia concluído a Teologia, o que fez em Curitiba. E lá cuidou de jovens no Abrigo de Menores, uma obra social para menores abandonados. Serviu a missão em Paranaguá, no litoral do Paraná, e em Curitiba, na Paróquia dos imigrantes italianos do bairro Água Verde. Mas sofreu com a tuberculose e, por muitos anos, esteve internado no sanatório da Lapa, uma cidade do Paraná. E lá faleceu em 26 de setembro de 1943. Sua fama de santidade é intensa e muitas graças já foram a ele atribuídas. Ele foi um exemplar filho de São José Marelllo, Pai Fundador dos Oblatos de São José.

Os Oblatos de São José chegaram ao Brasil em 1919 e se dedicaram à educação da juventude e à missão entre os pobres. Serviram a Igreja em Paranaguá, litoral do Paraná, e em Curitiba. Depois da II guerra mundial, com reforços de pessoal da Itália, dedicaram-se à evangelização do norte do Paraná. Praticamente colonizaram amplas regiões que hoje são cidades e Dioceses. Dentre eles foi escolhido um Bispo: Dom Armando Círio, primeiro Bispo de Toledo, no Paraná, e depois primeiro Bispo e Arcebispo em Cascavel.





Os filhos de São José Marelo estão no Brasil há um século e tentam, com sua generosidade e liderança, servir a esta Igreja com o estilo de seu Pai Fundador, São José Marelo.

Este estilo pode ser expresso de vários modos. Trata-se do que se chama de **carisma**. Primeiro, os Oblatos devem viver **escondidos em Cristo**, isto é, sem querer aparecer além do necessário. Em um mundo no qual as pessoas desejam aparecer e escandalizar, os Oblatos devem procurar a discrição, a simplicidade. Depois, os Oblatos devem **cuidar dos interesses de Jesus**, não dos interesses pessoais e mundanos, mas sim da vida interior, da difusão da fé, da formação e educação das juventudes, como discípulos-missionários. Isto os Oblatos devem fazer como **monges e apóstolos**, isto é, vivendo pessoalmente como monges, mas trabalhando em conjunto como apóstolos. O modelo de vida e de ação é São José, que foi, no dizer de São José Marelo, o primeiro a cuidar dos interesses de Jesus. Para o Marelo, São José era o “Maestro” do coro, que dirigia o canto de todos, ainda que alguns também desafinassem. Mas os mantinha unidos e ativos no cuidado com os interesses de Jesus.

Ao lado dos Irmãos e Padres Oblatos de São José estão sempre os Leigos Oblatos de São José. Esta presença é muito importante. Em um tempo no qual a Igreja valoriza os Leigos, os Oblatos se recordam que seu Pai Fundador já valorizava os Leigos naqueles tempos do século XIX. A própria Congregação surgiu como um grupo de leigos. E os Leigos Oblatos, bem no estilo de São José Marelo, vão ao encontro dos que precisam e fazem missão, com doação e entrega de si de modo admirável.

Os Irmãos e Padres Oblatos de São José, filhos de São José Marelo, vivem e servem a Deus e à Igreja nas obras educativas, Escolas e Faculdades. Também servem as Paróquias e as Dioceses onde estão inseridos. Espalhados pelo mundo, eles estão nas missões, no meio dos pobres e abandonados. Estão no meio dos que não partilham a fé cristã, no norte da Índia, perto do Nepal. Estão entre os índios das montanhas do Peru e Bolívia, nas periferias das grandes cidades do terceiro mundo. Estão no meio da secularização dos Estados Unidos, da Austrália e dos países europeus. Estão cuidando dos Interesses de Jesus no escondimento, como discípulos e missionários.

Tudo isso porque um jovem piemontês, no século XIX, decidiu ouvir a voz de Deus, que lhe falava por meio da Virgem Maria da Misericórdia. Decidiu ser como São José, o esposo da Virgem Maria e pai de Jesus. Decidiu viver seu batismo, recebido no mesmo dia de seu nascimento. Decidiu-se por Deus e pelo Reino de Deus e sua justiça.





30

CRÔNICA DE UM CENTENÁRIO

José Marello foi declarado venerável pelo Papa Paulo VI em 12 de junho de 1978. Depois, foi beatificado em Asti em 26 de setembro de 1993 pelo Papa João Paulo II e, em 25 de novembro, em Roma, o mesmo Papa João Paulo II o canonizou. José Marello foi Padre da Igreja de Asti, Bispo da Igreja de Acqüi, Pai e Fundador da Congregação dos Oblatos de São José e, agora, é Santo da Igreja, modelo de Pastor e de contemplativo na ação.

*São José Marello, rogai por nós!*





# 125 ANOS DE AMOR, GLÓRIA E REPARAÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

IRMÃ MARIA VILMA RAVAZZOLI, ASCJ<sup>1</sup>

Ano da graça do Senhor! 2019 é ano jubilar para as Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, que celebram 125 anos de fundação do Instituto. Aos 30 de maio de 1894, em Viareggio, Itália, a Bem-Aventurada Clélia Merloni fundou o Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, cujo Carisma é o próprio Coração de Jesus, no compromisso de torná-Lo mais conhecido, amado e glorificado. Segundo Madre Clélia, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus consiste no amor, na imitação e na difusão do Seu culto, como também no espírito de reparação, uma das características do apostado do Instituto. Tendo Carisma Cristocêntrico, tudo deve partir e convergir para o Coração de Jesus. Nas Constituições nº 21, assim afirma a Fundadora: “Nós, Apóstolas, não devemos ter outro objetivo que a glória do Coração de Jesus”.

A Bem-Aventurada Clélia Merloni, sensível aos apelos de Deus e da humanidade, no contexto sócio-político-religioso na transição do século XIX para o XX, sentiu-se profundamente movida a responder, de forma concreta e com amor reparador, na generosa oferta de sua vida em favor dos menores e menos favorecidos da sociedade. O Instituto foi fundado cinco anos antes do Papa Leão XIII, em 1899, consagrar o mundo ao Sagrado Coração de Jesus.

<sup>1</sup> Irmã Maria Vilma Ravazzoli é Apóstola do Sagrado Coração de Jesus, Curitiba/PR.





Tal período foi marcado pela crescente espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus. Pode-se constatar tal afirmação pelo nascimento de muitas congregações e movimentos na Igreja, cuja espiritualidade é fundamentada no Sagrado Coração de Jesus. Por outro lado, a Igreja lutava em defesa da fé e da moral cristã que eram atingidas pela maçonaria e pelos ideais de liberdade e independência difundidos pelo materialismo, liberalismo e modernismo, que infiltravam o pensar e o agir da sociedade.

Cabe aqui ressaltar que Madre Clélia frequentemente rezava e pedia às Irmãs rezassem pelos sacerdotes apóstatas, os quais, vítimas do sistema vigente (liberalismo e modernismo), desvirtuavam a missão da Igreja na defesa dos menores e excluídos. Outra atenção especial de Madre Clélia eram os imigrantes, pois estes atraíram a presença e o apostolado das Apóstolas desde os anos iniciais da expansão do Instituto no continente americano, no atendimento aos imigrantes italianos.

A sociedade padecia pela pobreza, falta de oportunidades, analfabetismo e precário atendimento à saúde. Muitas famílias viram na emigração uma saída para melhorar a situação de vida, não obstante a dor da separação dos demais familiares e da pátria sobrecarregasse ainda mais seus sofrimentos.

Em meio a tal contexto ocorreu a fundação do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. Fundar um Instituto não é um fato cronológico, mas escatológico; assim, na leitura dos sinais dos tempos e na escuta atenta do Coração de Deus, pode-se questionar e deixar-se questionar acerca da Sua vontade para a realidade em que se vive. Assim aconteceu com Clélia que, muito atenta, não sem empecilhos e inseguranças, buscou a cada dia compreender o plano de Deus sobre si e a missão a ela confiada. “A tudo estou disposta, para que possa, um dia, ver triunfar o Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração e ver minhas filhas desempenharem com retidão, coragem e energia a sublime missão para a qual foram chamadas” (Madre Clélia, Palavra n° 417).

Hoje, passados 125 anos de sua fundação, o Instituto se faz presente em 15 países: Itália, Suíça, Estados Unidos, Irlanda, Albânia, Benin, Moçambique, Portugal, Filipinas, Haiti, Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai e Brasil. As Apóstolas atuam em diferentes campos de missão: educação, saúde, serviço pastoral e promoção humana e social. A mais recente missão do Instituto encontra-se na Sicília (Itália), na cidade de Trapani; é uma missão inter-provincial de atendimento aos imigrantes e refugiados.

O Carisma fundacional concretiza-se nas diversas obras de missão. Nos primórdios da difusão da devoção ao Coração de Jesus, a reparação era





compreendida e difundida como uma espécie de “reposição”. Onde faltasse amor, se reporia amor; onde faltasse perdão, se reporia o perdão e assim por diante. Essa concepção veio aos poucos sendo superada pela causa primeira da reparação que é o amor. O amor gratuito e desinteressado de Deus pela pessoa, obra prima da criação, é a origem da reparação; e a reparação, por sua vez, frutifica em amor e vida plena a quem é o agente e a quem é o objeto da reparação. O amor é a fonte da reparação e a reparação leva ao amor. O ser humano é capaz de amar porque foi primeiro amado por Deus; é capaz de reparar porque foi primeiro resgatado e reparado por Deus, na pessoa de Jesus.

Quando o amor divino se apossa de um coração, suscita nele um grande desejo de ver o seu Deus conhecido, amado e servido; esta alma sofre e geme pelas ofensas feitas ao seu divino Coração, pleno de amabilidade e ternura por todos. Sente um desejo ardente de reconduzir-lhe os pecadores que o abandonaram (Antologia Espiritual, 1992, p. 144).

São João, em sua carta, afirma que “Deus é amor e quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele” (Cf. 1Jo, 4,16). Deus, sendo o amor e a fonte deste, torna-se a fonte da reparação, que é o amor ofertado gratuitamente. A pessoa que faz a experiência do amor de Deus, retribui, com amor, o amor recebido. Jesus, sendo a revelação plena do amor do Pai pela humanidade, é o reparador e o modelo, por excelência, de como precisamos amar e reparar. Tal aspecto foi compreendido e assumido por Madre Clélia como essencial para viver a reparação, pois ela tinha clareza de que é preciso estar unida a Deus para amar o próximo com amor desinteressado. Assim ela escreveu: “É preciso fazer tudo com o objetivo de agradar a Deus, porque Deus não recompensa senão o que se faz por Ele. Se se age por prazer pessoal ou pelas criaturas, perder-se-á tempo e trabalho” (Antologia Espiritual, 1992, p. 64).

Percebemos o quanto Madre Clélia era profunda em suas orientações, deixando clara e sendo atual sua preocupação em fazer o bem por amor a Deus e aos irmãos, não por interesses ou por filantropia simplesmente, como nos adverte o papa Francisco: “Que a fé não se transforme em ideologia e que a caridade não se reduza a filantropia, que a Igreja não acabe por ser uma ONG” (Papa Francisco, 27 de maio de 2016).

O Carisma do amor reparador se torna concreto e significativo quando, em união a Jesus, em comunhão de vida e de vontade com Ele, se age por Ele e com Ele. Atender o irmão ou a irmã é agir em razão de estar motivado/a pelo amor do próprio Cristo. O transbordar do amor





a Deus leva a pessoa a amar o irmão e a irmã concretamente, em ações de solidariedade contínua. Assim sendo, a devoção ao Coração de Jesus é concreta e se realiza plenamente na relação com as pessoas, ou melhor, com os “preferidos” de Jesus, aqueles e aquelas que são colocados à margem da sociedade excludente e midiática, que valoriza a aparência e o ter em detrimento do ser. Quem são os “preferidos de Jesus”? Em quem Jesus hoje é ofendido, injustiçado, desprezado, violentado, excluído e ignorado?

O amor, a glória e a reparação ao Coração de Jesus são revelados nas relações estabelecidas, pois cada pessoa é essencialmente um ser de relações e, sendo assim, sua vida encontra sentido quando estabelece relações geradoras de vida, relações reparadoras. É indissociável a vivência das três dimensões do carisma – glória, amor e reparação – pois, como nos afirma a Bem-Aventurada Clélia Merloni: “É impossível amar a Deus e não trabalhar pela Sua glória”, e ainda “O amor transforma o amante na pessoa do Amado”. Trata-se de uma comunhão de vida, de ideais e de interesses. A comunhão conduz à entrega de vida, dispondo-se ao sacrifício, se for necessário. Assume-se a dor e o sofrimento da humanidade em união a Cristo que passou pelo mundo fazendo o bem, mesmo recebendo incompreensão e ingratidão como recompensa.

Os adoradores do Coração Divino tornam-se os homens de consciência sensível. E quando lhes é dado relacionar-se com o Coração de nosso Senhor e Mestre, desperta-se neles também a necessidade da reparação pelos pecados do mundo, pela indiferença de tantos corações, por suas negligências (São João Paulo II, Angelus, 25/06/1979).

O lema do Instituto: “*Caritas Christi urget nos*” (2Cor 5,14) é o elemento central do Carisma, pois traz em si a essência da vida e da missão de cada Apóstola e Leigo que doa sua vida nas obras de evangelização e promoção da vida humana.

No intuito de continuar levando a chama do amor do Coração de Jesus nos mais diversos campos de apostolado, o Instituto das ASCJ declarou 2019 “Ano Vocacional Cleliano” com o lema “Mostra-me, Senhor, os Teus caminhos” (Sl 25,4). Por meio do reavivamento da própria opção vocacional e do testemunho alegre no seguimento ao Senhor, espera-se despertar em muitos jovens corações o desejo de doar a vida pela causa do Reino, servindo os irmãos e irmãs na pessoa de Jesus.

Nesses 125 anos de existência, a gratidão é o sentimento mais forte que perpassa nossas vidas. Bendizemos ao Coração de Jesus por ter inspirado a Bem-Aventurada Clélia Merloni a fundar o Instituto a Ele dedicado.





Louvamos ao Senhor por nos conduzir com Sua graça e por nos sustentar na missão cotidiana. Nosso reconhecimento a tantas Apóstolas que se dedicaram em terras de missão, sem retornar à pátria. Gratidão às Irmãs e Leigos que se esmeram em “levar a todos um raio da ternura do Coração de Jesus”, fazendo de sua vida um serviço aos irmãos e irmãs.

Compartilhamos com todos a alegria e a profunda reverência ao Coração de Jesus, que nos sustenta com Sua presença e Sua graça. Suplicamos as luzes do Espírito Santo a fim de vivermos nosso apostolado a exemplo de Madre Clélia, que abraçava os pobres, os aflitos, os necessitados. E esse impulso misericordioso provinha da proximidade ao Sagrado Coração e do desejo de percorrer o itinerário dos primeiros Apóstolos de Cristo.

Que a Bem-Aventurada Clélia Merloni continue nos abençoando e interceda ao Coração de Jesus pelas vocações da Igreja!

Fiquemos com a bênção da Bem-Aventurada Clélia Merloni: “Encerro-te no amorosíssimo Coração de Jesus, abençoo-te com toda a expansão de que é capaz o meu coração”.

*[www.ascjroma.org](http://www.ascjroma.org)*





# MISSÃO EM MOÇAMBIQUE

30 DE NOV. A 10 DE DEZ. DE 2018

FREI CLÁUDIO SÉRGIO DE ABREU, OFMCAP<sup>1</sup>

## Introdução

O nome Moçambique, primeiramente utilizado para a ilha de Moçambique, primeira capital da colônia portuguesa, teria derivado do nome de um comerciante árabe que ali viveu, Musa Al Biki, Mossa Al bique ou Bem Mussa Mbiki. Estima-se que tenha mais de 20 milhões de habitantes. A média de idade da população talvez chegue a 51 anos. A maioria da população é da Igreja mulçumana e vive na pobreza extrema. Passou pelo regime comunista e vive os resquícios deste sistema. Há muitas ruínas das missões que existiam antes de os comunistas assumirem o poder.

A Província de Cabo Delgado é uma subdivisão de Moçambique, localizada no extremo nordeste do país. A sua capital é a cidade de Pemba, localizada a cerca de 2.600 km de Maputo, a capital do país. A província tem uma área de 82.625 Km<sup>2</sup> e tinha, em 2017, uma população de 2.332.278 habitantes. A Diocese de Pemba compreende todo o território da Província e tem a estimativa de 800.000 católicos.

A cidade de Pemba é a capital da Província de Cabo Delgado, com 102 Km<sup>2</sup>, 141.316 habitantes em 2007. Até 1996 tinha o nome de Porto Amélia.

---

<sup>1</sup> Membro da Diretoria da CRB Nacional. Conselheiro.





## Visita e Pregar Retiro às Missionárias

37

Atendendo ao convite do Setor Missão da Conferência dos Religiosos do Brasil, na pessoa da Irmã Maria de Fátima, para visitar e pregar retiro para as Irmãs que estão em missão na Salawe ou Silva Macua, Diocese de Pemba, Moçambique, parti, após reunião da Diretoria da CRB Nacional, em Aparecida/SP, às 18h30, 29 de novembro, do Aeroporto de Guarulhos. Fiz Conexão em Johannesburg e cheguei ao Aeroporto Internacional de Pemba às 15h, 30 de novembro.

Estavam à minha espera as Irmãs Telma Silva de Oliveira, da Congregação das Irmãs da Purificação (pertence à Missão da CRB Nacional – Aldeia Salawe) e Irmã Maria Jocélia, da Congregação da Irmãs de Nossa Senhora da Anunciação (chanceler e secretária da Mitra Diocesana de Pemba). Fui muito bem recebido por elas, e a presença da Irmã Jocélia facilitou a documentação. É bom ser religioso, tudo se encaminha bem com a ajuda das irmãs e irmãos.

A seguir partimos para a Casa Episcopal para o encontro e saudação a Dom Luiz Fernando Lisboa, bispo da Diocese de Pemba. Ele foi fraterno e cordial. Conversamos por um bom tempo e falamos da missão e também da realidade de sua diocese. Tiramos fotos, após o encontro, e fui com a Irmã Telma fazer compras para a missão: água, abastecer o carro, lembrancinhas para devotos. Quando as Irmãs vão à cidade aproveitam a viagem para comprar o que não se encontra na Aldeia Salawe, que está a 80 km de Pemba. A viagem foi tranqüila e, ao passar pelas vilas no entorno da rodovia, havia muitas pessoas: crianças, adolescente, jovens e adultos. As casas são cobertas de capim e são pequenas. Uma ou outra coberta de zinco ou outro material fabricado, que chamam de laje. As pessoas permanecem fora de suas casas durante o dia. O clima é quente e as usam apenas para dormir. Cozinham fora da casa e põem a panela sobre três pedras. As crianças caminham o dia todo pelos espaços abertos. Poucas casas têm cercado no entorno. Quando cercam a casa, é com bambu. No período era o tempo de manga, e as crianças passam o dia procurando, colhendo e comendo mangas. Vão à busca delas e as levam também para casa. O companheirismo familiar é bonito. No projeto “Aprender é Crescer” da Missão ouvi este fato: as crianças recebem um lanche e refrigerante individualizado e não comem no local. Levam para casa para compartilhar com a família. Assim relatou a Irmã Telma. Durante a viagem a Irmã Telma compartilhou muito da sua experiência e a realidade da Missão. Também das pessoas que vivem na Aldeia Salawe.

CONVERGÊNCIA – Ano LIV – Nº 523 – Julho e Agosto 2019





Chegamos à Comunidade Inter Salawe no entardecer do dia 30 de novembro. Fomos recebidos pela Irmã Ana da Glória, da Congregação das Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas, que faz parte da missão. A casa é bem construída e confortável. São 10 cômodos: 4 quartos com banheiro, capela, sala, refeitório, cozinha, despensa, lavanderia e um espaço. No quintal há um quarto para hóspedes. Todo o quintal está cercado com bambu, tem horta, garagem para o carro, poço, plantação de mandioca e um local coberto para reuniões, caixa d'água suspensa, reservatório para água de chuva. O local é bem amplo.

O terreno é da Mitra Diocesana de Pemba. É bem grande. Nele está construído a casa das Irmãs, Centro Social “Aprender é Crescer” para crianças de até 6 anos, Capela Santa Catarina de Sena para a comunidade e em uma parte do terreno está sendo cultivada mandioca. O poço perfurado no pátio da casa das Irmãs secou. A empresa contratada não fez a metragem certa, perfurando apenas 3 metros. Estão usando a água colhida no período das chuvas. O banho, lavar roupas, cozinhar, limpar a casa...é desta água. A água para beber, elas compram em Pemba. Isso não tira o amor, ardor e vigor da missão. Há dois homens que trabalham na missão: um durante o dia, outro durante a noite. Precisam deles para a segurança. É orientação da diocese. A missão está dentro da comunidade, e como eu disse, a casa é cercada de bambu.

O povo fala a língua Macua. Somente os que foram ou vão à escola sabem e entendem a língua portuguesa. Ao lado da Capela e da Casa das Irmãs há um poço. Neste poço as mulheres da aldeia vão buscar água juntamente com os seus filhos pequenos. São muitas. Como o poço não tem grande vertente de água, elas têm de esperar ter boa quantidade para tirar a água. Enquanto o reservatório enche, elas ficam conversando. As crianças ficam andando e brincando pelos terrenos e buscando manga, a fruta do tempo. Segundo a informação das Irmãs, elas foram plantadas pelos missionários que vieram no passado. As crianças vivem soltas brincando. Como tem crianças! São dóceis, alegres e saúdam com aquele sorriso!

Pela manhã do dia 1º de dezembro, eu e a Irmã Ana da Glória fomos conhecer a barragem perto da Casa das Irmãs. Ela foi construída para armazenar água no período das chuvas. Durante o ano são muitos os meses sem chuva. A Barragem está seca. Os homens da comunidade foram convocados para tirar a terra que acumulou no fundo e dar mais espaço para acumular mais água no período de chuva, mas não





houve resposta da parte deles. Disse a Irmã que falta solidariedade entre os pertencentes à comunidade. Eles não demonstram interesse. No entorno da barragem foram construídos varais, banheiros e tanques para as mulheres lavarem a roupa. São bem utilizados no período em que há água na barragem. No período da seca, as mulheres fazem pequenos buracos no chão da barragem para pegar alguma vertente de água. Esperam acumular um pouco de água e vão enchendo com paciência o balde. Isso demora. A água é um tanto suja, mas é o que há. As irmãs captam água da chuva pelo telhado da casa e da Igreja. Elas têm um reservatório e compartilham também com as pessoas da comunidade. As casas, por serem cobertas de capim, não captam água de chuva. Há pessoas que vão longe buscar água, com bicicleta e outros tipos de transporte simples, e a vendem na aldeia. O serviço de cuidar da casa, buscar água, cultivar a terra, educar os filhos é das mulheres.

A construção da casa da família é feita pelo homem e pela mulher. O homem prepara as varas, o capim e faz a cobertura. A mulher prepara o barro e faz a colocação entre nas varas. A durabilidade da cobertura é de uns 3 a 4 anos. Algumas poucas casas na Aldeia são de alvenaria e têm piso. A maioria das casas tem dois quartos e sala. Entre a população há muitos mulçumanos e estes têm condição social um pouco melhor por se dedicarem ao comércio. Os católicos estão melhorando aos poucos a sua condição social. A aldeia é governada por um homem, que se denomina chefe e é nomeado. Ele é assessorado por um conselho composto de três homens e duas mulheres. Ele deve manter a ordem e ser a ligação com a instância superior.

Estava acontecendo, neste dia, a reunião do Tribunal para julgamento de pessoas que cometeram delitos. Havia grande número de pessoas. Estas aldeias são vilas dentro do Distrito.

Caminhamos pela aldeia e conhecemos a Capela Santa Catarina de Sena, a barragem, a escola, as rodovias onde estão o comércio. Tudo muito simples. O calor estava intenso. A higiene é bastante precária. O branco é chamado de *incunha*. Eu experimentei ser chamado de *incunha*: houve duas crianças que começaram a chorar. Por que? Eles cultivam a mentalidade de que somos perigosos. Eu me aproximei e passei a mão na cabeça e sorri. O resultado foi bom. Um sorriu e outro ficou sério, mas olhando para mim.

Após a bonita experiência retornamos para casa, almoçamos o almoço feito pelas Irmãs: franco assado na grelha, arroz, salada, suco e água.





Depois do descanso nos reunimos: eu, Irmã Telma e Irmã Ana da Glória. Cada uma disse, num primeiro momento, como estão se sentindo na missão, sobre os trabalhos que estão realizando na paróquia, na aldeia e na diocese. Salientaram a doença da Irmã Francisca, que abalou a comunidade. Ela passou por malária e febre tifoide. Houve inchaço dos rins. Ela retornou ao Brasil e virá a Irmã Bêlgica, da Congregação dos Santos Anjos, para compor a comunidade missionária.

A Irmã Ana da Glória está atuando em visita às pessoas que trabalham nas minas, onde fazem oração e atendimento, reunião com mulheres, crianças desnutridas – pastoral da criança. Irmã Telma atua com crianças e adolescente no processo de alfabetização (4 horas pela manhã e 4 pela tarde), professora no curso de teologia a distância em Pemba e ecônoma da comunidade religiosa.

Comentaram que a realidade das pessoas é de escravidão e maus tratos. Diante disso não podem fazer quase nada. Fazem visitas às pessoas e leem o Evangelho. O retorno tem sido positivo da parte das pessoas. Elas agradecem muito pela presença das Irmãs junto a elas.

O tempo de férias: das Irmãs Missionárias está estipulado no convênio, após três anos de missão, podendo gozá-las no Brasil. Alegam que não há lugar para elas gozarem férias em Moçambique por não serem conhecidas e também não há lugar apropriado. Permanecem em casa. Sugerem trabalhar dois anos e no segundo fazer dois meses de férias no Brasil. Reconhecem que o custo da passagem é alto, mas para elas seria melhor fazer férias após este tempo no Brasil.

A conclusão do convênio das Congregações das Irmãs Telma e Neusa será em 2019. A congregação da Irmã Ana da Glória renovou para um ano, além dos três firmados no convênio. A Irmã Bêlgica, da Congregação das Irmãs dos Santos Anjos, será a futura missionária. A comunidade será constituída novamente de quatro Irmãs. A Irmã Francisca não retornará à missão Inter Salawe, por isso a vinda da Irmã Bêlgica.

Elas compartilharam o sonho para a missão: entrar na realidade do povo moçambicano, proximidade com eles e criar vínculos, atendimento aos necessitados. O projeto é de 10 anos e está no terceiro ano. Criar pontes com o povo moçambicano e dar continuidade aos trabalhos iniciados: projeto de alfabetização de meninos que ficam pela rua.

Apresentaram outros desafios: aprender a língua macua e cuidar da saúde, pois há o perigo da malária e febre tifoide. O povo já está quase imunizado do contágio da malária. Também tem resistência à febre tifoide, mas pode ser transmissor. Por isso, o cuidado com a alimentação e água.





Os recursos econômicos para manter a missão são buscados junto aos católicos brasileiros e de outros países. A Diocese de Pemba não tem condições, pelas informações passadas, de ajudar nos projetos da missão.

Segundo informação, mais de 80% da população da aldeia é portadora de HIV. Poucos procuram medicação no posto de saúde. A maioria prefere não tratar da doença, nem se preocupa em evitar de transmitir a doença. O tempo de vida é reduzido. Uma informação: a bola de jogar futebol é feita de preservativos que ganham para a prevenção.

Outro problema é a febre tifoide, que pode ser passada pela falta de higiene e contato físico. Dá a entender que o povo já tem imunização natural da doença, mas os brancos podem ser contagiados pela falta de higiene e pelo contato.

## Visita à Paróquia Cristo Rei.

Ainda no período da tarde fui com a Irmã Telma conhecer a sede da Paróquia Cristo Rei em Metoro, a 20 km da Aldeia Salawe. Houve uma forte chuva durante o trajeto. Fomos recebidos pelos Padres Adriano (pároco), da Diocese de Jundiaí – SP, e Salvador, da Diocese de Guarulhos – SP. Também estava concluindo o estágio pastoral o seminarista Almiro, do terceiro ano de teologia da Diocese de Pemba. Passamos por um bom momento de convivência à brasileira. A paróquia é composta de 54 comunidades com difícil acesso. O pároco visita cada comunidade a cada dois meses. O ministério dos leigos ajuda muito no serviço pastoral, particularmente no celebrativo: celebração da palavra aos domingos. As Irmãs também realizam este serviço nas comunidades que atendem. Fomos conhecer a Igreja após a chuva. Estava alagada. O telhado não é funcional para conter as fortes chuvas. É coberto de lona, com abertura no teto para a saída do ar quente, e isso favorece a entrada de muita água. É uma Igreja paroquial diferente, como templo. Após delicioso café e boa convivência, retornamos para a comunidade Inter Salawe para o jantar e o merecido descanso. A Irmã Ana da Glória já tinha o jantar preparado, e após boa conversa, o descanso.

## Reinauguração da Igreja Santa Maria e Ordenação Diaconal em Namuro

No domingo, despertamos às 4h30 e partimos às 5h para Namuro, 320 km, para a celebração de reativação da Igreja Santa Maria. Esta Igreja foi construída pelos padres franceses pertencentes à Congregação dos Morfinos. Dois Padres vieram da Tanzânia e foram caminhando, após





as bicicletas quebrarem; os sapatos perderam as solas. Para eles, ali era o local que o Senhor dizia para pararem e iniciarem a missão junto ao povo. Após dois anos tiveram o primeiro batismo e este batizado se tornou o primeiro catequista nativo. A Igreja estava em ruínas, após o regime comunista assumir o governo do país. Foi desativada, utilizada pelo regime até ficar em ruínas e ser abandonada. Dom Luiz, bispo diocesano atual, fez juntamente com profissionais da área o projeto de restauração da Igreja. Ficou linda, confortável e ampla para as celebrações. As ruínas da missão demonstram o quanto era grande e o bem que fazia a tantas pessoas durante o seu funcionamento. O projeto é ir aos poucos usar a estrutura para o bem dos mais pobres.

A celebração de reativação da Igreja e Ordenação Diaconal do seminarista Bento foi muito bem preparada pela comunidade paroquial, que está sob a responsabilidade dos padres Palotinos. Estavam presentes o bispo da diocese de Pembra, Dom Luiz Lisboa, que presidiu a Santa Missa, o arcebispo de Manpola, Dom Inácio (rogacionista), o bispo emérito de Pemba, Dom Januário (que vive em Maputo), muitos padres da diocese, religiosas, seminaristas, autoridades civis e grande multidão de leigos. Foi um evento em nível de Diocese.

A reativação da Igreja iniciou às 9h, de 2 de dezembro. Dom Inácio (arcebispo de Manpola) abençoou a Igreja, descerrou a faixa e abriu a porta principal de acesso. Em seguida deu-se a entrada do grupo de animação da celebração, composto por homens e mulheres vestidos com as cores e símbolos culturais da cultura Macua, com canto e dança. Em seguida a procissão de entrada. O espaço interno da Igreja estava repleto de fiéis. Pela primeira vez na vida me senti deferente na cor: a maioria era negra. Fiz mais uma vez a experiência de me sentir minoria.

A qualidade musical, com vibração e alegria, foi contagiante. Pena que não sabia a letra e a melodia, mas apreciei e rezei ouvindo e vendo a assembleia cantar e celebrar. Experiência única na minha vida. Na celebração foi ordenado a diácono o seminarista Bento. Chamou-se a atenção o ritual da ladainha de todos os santos: o candidato se deitou, foi coberto de uma mantilha com as cores da cultura e no entorno dele 10 mulheres com tigela contendo brasas e incenso. Elas elevavam as tigelas e as colocavam ao chão seguindo o ritmo da música. A mãe do candidato, ajoelhada aos pés, rezava e após o canto fez oração lembrando os antepassados que foram importantes na história familiar, manuseando um pouco de farinha com as mãos. Foi emocionante.





Na procissão das oferendas, quase a totalidade dos fiéis se levantou para por sua oferenda na cesta. Os cantos sempre vibrantes e com vozes cantados por toda a assembleia.

Ao final da celebração as formalidades de sempre: fala do pároco, do coordenador da comunidade, do representante do governo da Província, do arcebispo de Manpola, do representante da nunciatura de Maputo, do bispo diocesano e do ordenado diácono. Foi longa. A celebração durou 5 horas. A maioria permaneceu até o fim. Após a celebração foi cortado o grande bolo para todos. Em seguida os participantes da festa foram divididos em grupos para o almoço. Os bispos, padres, religiosos e religiosas e seminaristas comeram num refeitório preparado em uma das casas da missão. O local tinha o conforto necessário e a comida saborosíssima. Após o almoço foi cortado um outro bolo.

Retornamos para a Aldeia Silva Macua pelas 16h e chegamos às 20h. Padre Adriano foi o motorista de ida e volta. Viajamos em cinco pessoas na ida e quatro na volta. Foram 224 km em estrada asfaltada e 100 km de terra. Passamos por sede de Distritos e aldeias. Locais onde havia muitas barracas comerciais bem simples. Na ida demos carona para uma senhora com seu filhinho até Namuro.

Chegamos na Aldeia Silva Macua às 20h e a Irmã Ana da Gloria havia preparado o jantar. Comemos e passamos para o descanso merecido.

## Retiro para religiosas Missionárias

No dia 04 de dezembro, às 10h partimos para Pemba para o Retiro anual das Irmãs. Chegamos a Pemba pelas 12h e fomos fazer compras para a comunidade Inter Salawe.

Chegamos ao local do Retiro às 12h20. A seguir fomos almoçar e nos encontrar com todas as participantes do retiro: Irmã Vânia, da congregação de São José de Chamberry, Irmã Mariana, da Congregação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus, Irmã Ana, da Glória da congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência Recoletinas, Irmã Rosa – Irmã Adriana – Irmã Jocélia, da Congregação das Irmãs Servas de Nossa Senhora da Anunciação, Irmã Telma Silva de Oliveira, da congregação das Irmãs da Purificação e Irmã Massiel, da congregação das Irmãs Filhas de Jesus. Todas chegaram na hora e dia combinado. Almoçamos às 12h30. O serviço de refeitório foi muito bom. O retiro foi na Casa da Congregação das Irmãs Mercedárias do Santíssimo Sacramento. A





Casa está funcionando faz 4 anos e nela está a Comunidade das Irmãs com a formação de postulantes, que acolhem 40 meninas. Parte da casa é reservada para Encontros e há várias hortas no quintal. As Irmãs da Casa foram muito acolhedoras e prestativas.

Após merecido descanso, iniciamos o retiro às 14h30 na sala de palestras. Foram dadas as boas vindas e o pregador passou algumas orientações sobre a importância e necessidade de fazer o retiro anual. Foi combinado o horário para todos os dias: iniciar o dia com a celebração da Eucaristia, com laudes, café, primeira palestra, tempo pessoal, almoço, descanso, segunda palestra, tempo pessoal, Vésperas e partilha da experiência do dia, jantar, tempo pessoal e descanso. No primeiro dia, celebramos a Eucaristia às 18h15. As formandas da Congregação das Irmãs Mercedárias animaram os cantos das celebrações eucarísticas.

O tema do retiro foi sobre Vida Consagrada. Cada dia houve duas reflexões com subtemas de 45 a 60 minutos. Receberam impressos o conteúdo, as perguntas para reflexão, oração e leituras bíblicas. Fizeram o exercício de rezar e refletir pessoal e comunitariamente.

## Distrito de Mize

Este distrito é composto de 40 mil habitantes e é marcadamente pobre, e muitas pessoas vivem na miséria. As casas são de barro e cobertas de capim. Nesta missão está a paróquia Nossa Senhora do Carmo e é confiada às Irmãs Servas de Nossa Senhora da Anunciação. Estão três Irmãs vivendo na comunidade Paroquial, e a Administradora Paroquial até este ano foi a Irmã Rosa. Está nomeado novo pároco e as Irmãs continuarão servindo a paróquia. Já realizaram um bellissimo trabalho pastoral nos quatro anos de missão, tais como: melhoria na casa das Irmãs, Escola de Ensino Médio, com a direção da Irmã Rosa, projeto de mães para plantio de arroz (patrocinado por mulheres benfeitoras do Brasil), construção do prédio onde funcionará a creche para crianças até 6 anos. A propriedade da missão é de 60 hectares. A sede da missão sempre está fora da cidade. O motivo é evitar o contágio das doenças das cidades: cólera, febre tifoide, malária. As Irmãs estão contentes com o trabalho pastoral, mas com muitos desafios.

A missão está a 30 km de Pemba. Fomos conhecer a Igreja, de estilo moderno e com problema de estrutura. As pinturas no interior da Igreja retratam a história da salvação com elementos da cultura Macua. São





muito bonitos. Conheci a ocupação de parte do terreno da diocese de Pemba por pessoas pobres. Caminhamos pelas ruas e as pessoas vivem em situações precárias.

No dia 10 de dezembro despertamos às 5h15. Celebramos as laudes e Eucaristia, tomamos café e partimos para Pemba. As atividades das Irmãs da comunidade: Irmã Rosa é administradora paroquial, Irmã Jocélia é chanceler e secretária da diocese e Irmã Andréia é coordenadora da Cáritas Diocesana.

Conheci a Catedral da Diocese de Pemba e fomos para a Cúria Diocesana. Mostraram-me toda a Cúria Diocesana, havia vários padres e também os integrantes das comunidades feminina e masculina “O Caminho”. Celebramos os 35 anos de presbiterato de Dom Luiz.

Após o almoço partimos para o Aeroporto Internacional de Pemba para o retorno ao Brasil.

## Elementos Culturais.

Ouvindo as Irmãs que vivem na missão há algum tempo na Diocese de Pemba – Moçambique, conheci alguns elementos da cultura macua. O homem é o senhor da família e segue a tradição tribal. Ele deve defender a família e ser servido pela mulher e os filhos. A mulher tem de agradar o homem e fazer a suas vontades como esposa, educar os filhos, cuidar da casa, trabalhar na roça e produzir os alimentos para sustentar os filhos e o marido, carregar todo peso de ferramentas e demais utensílios para serem usados na roça, caminha com a cabeça baixa e dificilmente ao falar com as pessoas olha na direção dos olhos.

O dia começa bem cedo. Pelas 4h amanhece e as pessoas começam a se movimentar. Elas vão trabalhar e fazer suas atividades até às duas horas da tarde. Almoçam e descansam. Começa a escurecer pelas 17h30 e vão dormir no máximo pelas 21 horas.

São as mulheres que assumem a cachamba (roça – a produção de alimentos). Levam todo o material a ser usado no trabalho e o trazem de volta para casa. O homem leva apenas o facão e vai atrás.

Este costume de o homem ir atrás da família é devido ao roubo de mulheres por outra tribo no passado. Eram roubadas e pintadas com as cores da tribo, não havendo alternativa senão permanecer na tribo, pois os esposos não as aceitavam de volta com as cores de outra tribo.





Na atualidade há um grupo revolucionário no norte do país, chamados Jovens Guerreiros, estão aterrorizando as aldeias através de ataques, mortes, roubos. No momento estão atrás de alimentos. Eles vivem nas florestas e saem para invadir as aldeias e espalham terror. Há comentários que são mulçumanos. Também vão às aldeias para recrutar jovens para se tornarem soldados.

Quando nasce uma menina é motivo de festa na família: ela será o sustento da família. Quando não tem o que comer ou falta qualquer produto que a família necessite com urgência, a mãe diz: “está faltando...” Ela sabe onde deve buscar. A vida sexual das meninas começa cedo. Elas são treinadas para agradar o homem em todas as dimensões, particularmente na sexualidade. As mães procuram iniciá-las o quanto antes na vida sexual. É comum ver meninas com filho.

Ao motivar a produção ou plantio de frutas e outros produtos, as pessoas dizem que não vão comer, então não plantam. Faltam sonhos e autoestima. A famílias pobres e que vivem na miséria fazem apenas uma refeição diária, pelas 14h, e na maioria das vezes é composta de milho e mandioca ou arroz.

No passado os missionários fizeram o plantio de mangueiras e cajueiros em toda a região. Essas fruteiras continuam produzindo e bem. No período de produção as pessoas comem frutas para suprir a deficiência alimentar durante o dia. Eu vi as crianças indo colher mangas e consumindo-as no local e também levando-as para casa.

Muitas pessoas estão aderindo ao seguimento de Jesus Cristo na Igreja Católica Moçambicana. Há batismos e desejo de morrer cristão entre os não-cristãos. Gostam dos rituais católicos e a maneira como vivem.

Testemunho da Irmã Rosa: um casal mulçumano fez orações e promessa pela cura da esposa. Se ela fosse curada, iriam fazer o agradecimento na Igreja. A cura aconteceu e foram fazer a oração de agradecimento num domingo diante da Imagem de Nossa Senhora de Fátima e fazer a oferenda, como é da tradição.

## Agradecimento

Agradeço a Deus por me conceder a abençoada oportunidade de conhecer dois países da África: Moçambique e África do Sul. Tinha o desejo de conhecer, nem que fosse apenas um país da África. E foi





por meio da Conferência dos Religiosos do Brasil, do setor Missão, que pude realizar o meu sonho. O contato e encontro com pessoas de cultura diferente sempre me enriqueceu no meu processo formativo permanente de franciscano capuchinho.

Agradeço à Diretoria da CRB Nacional, na pessoa da presidente Maria Inês, pela confiança e apoio neste projeto. Ao setor Missão, na pessoa da Irmã Maria de Fátima, pelo convite, incentivo e apoio.

47

CONVERGÊNCIA – Ano LIV – Nº 523 – Julho e Agosto 2019





## PSICOLOGIA: CAMINHO DE LIBERTAÇÃO PARA O AMOR

LOURDES DEGRANDIS<sup>1</sup>

*“Não sei o que me oprime o coração - se é minha alma que deseja sair para fora, ou a alma do mundo batendo em meu coração para entrar”.<sup>2</sup>*

Brota água, uma fonte surge. A água corre rasgando na mãe terra seu trajeto: pequeno, frágil, como que desbravando um estreito sulco para fazer seu caminho.

Uma pequena quantidade de água marca o início deste tênue, límpido e transparente riacho. Essa água, à medida que vai fazendo seu percurso, encontra pedras que a purificam, galhos quebrados e folhas secas. À sua margem, encontram-se entulhos largados pelos homens, os quais são jogados, impedindo o prosseguimento sereno de seu caminho, que, até então, parecia tranquilo. Assim, o que parecia normal, ao se deparar com esses obstáculos, precisa de uma limpeza, uma varredura, uma drenagem para que a água possa chegar ao seu destino.

Assim é o ser humano. Nasce cheio de vida, singelo, puro, simples, frágil, mas com a força da vida dentro de si, que o faz espontâneo,

1 Psicóloga Clínica – Especialização em Psicoterapia Corporal, Psicossomática pelo Sedes Sapientiae - SP Neuropsicologia – CDN - UNIFESP- Terapeuta EMDR - membro da sociedade Brasileira de EMDR e Membro do - INSTITUTO ACOLHER – ITA - SP – Instituto à serviço da Igreja. Endereço: Rua Ambrosina de Macedo, 67 – Vila Mariana – São Paulo. E-mail: lodesdis@yahoo.com.br

2 Rabrindanath Tagore, 1991, Poema 168.





que encanta qualquer adulto. Durante o desenvolvimento, uns mais, outros menos, dependendo das condições biológicas, psicológicas, sociais e culturais, acontecem bloqueios, traumas, situações difíceis que o impedem de ser ele mesmo, de se entregar à vida, de viver com liberdade e autonomia; ter adequada autoestima, viver saudável, com boas relações interpessoais, competência emocional e espiritualidade que lhe sirvam de suporte para a vida.

Para compreender esse ser humano, estudar sua psique, debruçar-se sobre suas manifestações emocionais, sentimentais e comportamentais, surge, ao longo da história da humanidade, a Psicologia, como fonte de conhecimento, estudo, ciência que se detém em compreender o ser humano. Essa fonte de conhecimento, como o rio com diversas ramificações e afluentes, a psicologia é composta de diferentes teorias. Seja qual for a abordagem, todas estão a serviço da pessoa humana. Ajudam na compreensão de si mesmo e do outro, o outro diferente do si, que caminha a seu lado e o auxilia em seu reconhecimento. Só se reconhece e descobre na convivência.

Toda história humana é uma história sagrada. História dotada de potencialidades, dons e limites. História que vai sendo tecida de alegrias e tristezas, frustrações e realizações, angústias e esperança, confiança e medos, raiva e decepções. Experienciando a vida e a morte a cada segundo vivido. É um ser fazendo sua trajetória, marcando presença fecunda ou não, dependendo de como consegue viver, deixando seus rastros de luminosidade ou escuridão no ambiente onde vive e trabalha.

“Conhecemos em nossa cultura, principalmente, um tipo de experiência temporal que é vivida como sequencial, fruto de deslocamento no espaço. Nela, o tempo é convencionalmente medido por padrões estabelecidos socialmente, por exemplo, o calendário, o relógio. O tempo assim concebido é um dos elementos fundamentais para a compreensão da realidade compartilhada. É um sentido de tempo que organiza as experiências vividas pelo indivíduo ao longo da vida, dando-lhe uma representação de si mesmo, como alguém que tem uma história, que pode ser narrada, datada e significada pelas medidas temporais convencionadas”.<sup>3</sup>

Mesmo em meio a tudo isto, o ser humano é chamado a perfazer o caminho do crescimento, do desenvolvimento, até atingir a maturidade plena. Ele deve vencer medos, frustrações, apegos e transformar a angústia e a ansiedade que, muitas vezes, gritam dentro de si, com a busca de experiências novas, ricas e com atitudes positivas. Sabe-se que diante do

3 SAFRA, Gilberto. *A Face Estética do Self*. São Paulo: Unimarco, 1999, p. 53.





desconhecido surgem novos medos; sendo assim, é preciso enfrentá-los e confrontá-los. A fé e a confiança devem ser maiores do que os medos, para combater as sombras que teimam em aparecer. Surgem constantemente desafios e surpresas na convivência com as pessoas e, não menos, com as inquietações que a vida impõe. Ficar estressado, preocupado e ansioso tem a “síndrome do pensamento acelerado”<sup>4</sup> incapaz de silenciar e, até, de se escutar, sem saber o porquê. Corre o dia todo, inquieta-se tanto, com tanta facilidade, que ele poderia se perguntar: “cadê você”? Aonde vai assim tão inquieto, apressado e estressado? Correndo atrás de si mesmo? Assim, talvez, não se encontre.

Vivemos na era da fluidez, do descartável, em que a frustração não tem espaço, deve atender a todos os desejos da criança, do jovem, do formando, como se isso fosse a total realização e o cume da felicidade. Os relacionamentos humanos estão comprometidos: notícias negativas, internet, celular, que ocupam grande parte do tempo. Os momentos de silêncio e escuta interior parecem obsoletos, supérfluos. São, no entanto, importantes fontes de encontro, libertação e integração. É no silêncio e na quietude interna que a pessoa se encontra consigo mesma e acontece seu crescimento pessoal.

Inúmeras são as causas que dão origem às dificuldades humanas: bloqueios, crenças, laços de dependências, superproteção, vínculos mal estabelecidos que impedem o curso normal do desenvolvimento, de criar e estabelecer relações saudáveis e a integração pessoal. A dependência dos pais e familiares, fatos vividos que não foram elaborados, mantendo a pessoa no passado, interferem hoje no relacionamento e modificam o comportamento. A cura das feridas emocionais e o saber lidar com os medos, ansiedades, limites, sombras e luzes estão intimamente relacionados à aceitação de si e de suas fraquezas, culminando na paz interior.

Nesse sentido, a psicologia oferece alguns elementos importantes no caminho de libertação para o amor. Vejamos:

## Desapego

O caminho de libertação interior requer desapego. O desapego compreendido dentro do processo de crescimento pessoal é um valor interno precioso que se deve aprender a desenvolver. Praticar o desapego não significa abrir mão de tudo o que é importante, nem romper vínculos afetivos ou relacionamentos pessoais com aqueles que fazem parte do cotidiano. Desapegar-se significa saber amar, apreciar

4 CURY, Augusto. Ansiedade. São Paulo: Saraiva, 2005.





e envolver-se nos relacionamentos com uma visão equilibrada e saudável, libertando-se dos excessos que o prendem. É crescer, progredir, lançar-se para a vida, livremente.

### **Aspectos significativos do desapego:**

#### **Ser responsável por si mesmo**

Ninguém vive pelo outro. Ninguém respira pelo outro. Cada um é o arquiteto, o escultor da sua própria vida e de cada passo que der em seu caminhar. Não responsabilizar os outros pela sua felicidade. Ser responsável, maduro, conscientizar-se por suas escolhas e por suas consequências.

Jesus, em sua pedagogia de libertação, pede às pessoas, no momento da cura, uma atitude de responsabilidade. Vejamos: “... o filho de Timeu, Bartimeu, o cego e mendigo.... Eles o chamaram e disseram: “Coragem, levanta-te, Jesus te chama”! O cego jogou o manto, deu um pulo e foi até Jesus. Então, Jesus lhe perguntou: “O que queres que eu te faça”? O cego respondeu: “Mestre, que eu veja”! Jesus disse: “Vai, a tua fé te curou”.<sup>5</sup>

#### **Viver no presente, aceitar e assumir a sua realidade**

Muitas pessoas estão focadas no passado, o que se torna um fardo pesado no presente. Mesmo que seja doloroso, é necessário aceitar, assumir o passado, e aprender a perdoar e perdoar-se.

Segundo John Brashw, “A marca da plenitude da alma é estar no aqui e agora. Quando estamos presentes, não criamos filmes interiores. Estamos vendo o que está diante de nós. (...) estamos ouvindo o que os outros estão dizendo da maneira como estão dizendo. Quando respondemos, nós o fazemos de maneira congruente. A congruência permite o contato real”.<sup>6</sup>

#### **Libertar-se é também permitir que o outro seja livre**

Assumir que a liberdade é a forma mais plena, íntegra e saudável de aproveitar e compreender a vida em toda a sua intensidade, e criar vínculos, amar e ser amado fazem parte do crescimento pessoal.

“Quando vivemos com liberdade, com a alma plena, escolhemos nossos próprios projetos de vida e nos integramos aos demais. O fato de não estarmos presos ao passado permite muitas possibilidades. Livres de fixações, somos capazes de ver alternativas. Somos livres para responder ao real; operamos no presente vivo e vívido”.<sup>7</sup>

5 Mc. 10, 46-52. Bíblia de Jerusalém.

6 BRADESHAW, John. A Criação do Amor. Ed. Rocco. Rio de Janeiro. 1997. p. 176.

7 Idem nota 5.





Os apegos exagerados não são saudáveis. Temos como exemplo aqueles pais obcecados por proteger os filhos, que os impedem de crescer e avançar com confiança para explorar o mundo. A necessidade de se desapegar é fundamental; cada um deve sair dos seus limites de segurança para enfrentar o imprevisto e o desconhecido.

## O perdão

No processo Psicoterapêutico, a psicologia utiliza-se do perdão. Ele é fundamental na caminhada para a libertação na busca de autonomia, liberdade e maturidade.

Perdoar é uma das maiores formas de generosidade. Perdoar faz parte de todas as relações humanas que mantemos no dia a dia. Conceder e pedir o perdão é uma opção que confere um valor enorme e, ao mesmo tempo, é um ato de libertação.

Há pessoas que escolhem não perdoar, porém são elas as que mais sofrem. A dor permanece em seu interior, transformando-se em uma espécie de punhal afiado capaz de causar enorme dano, muitas vezes de maneira imprevisível. É bom tirar o peso da vida, encher o peito de ar e flutuar sobre a terra, porque é no que parece pesado que se encontra o aprendizado e é no perdão que se encontra a paz.

O não perdão prende o sujeito à raiva e ao ressentimento, ocupando a mente com esses sentimentos negativos. Perdoar não é fácil, mas é necessário para poder se libertar das feridas do passado e deixar para trás qualquer carga emocional que continue machucando.

Dizia Martin Luther King, “Aquele que é incapaz de perdoar é incapaz de amar”. Se estamos falando da Psicologia como um caminho de libertação para o amor, esse é um ponto fundamental. Compreender o perdão como um ato de liberdade, de coragem que promove a cura das feridas. O perdão tem a ver com o sentir-se bem consigo mesmo, com o libertar-se dos rancores ou ressentimentos, facilitando a liberdade interior. Ele é uma escolha de quem quer caminhar livre e leve, vivendo mais no positivo, no presente, sem cargas do passado, propiciando um ato de bondade para si mesmo e para os outros. Perfeição não existe, erros são inevitáveis, mas cada um pode modificar sua maneira de estar no mundo e fortalecer os vínculos relacionais através de gestos generosos de perdão.





Então, erguendo-se, Jesus lhe disse: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou”? Disse ela: “Ninguém, Senhor”. Disse, então, Jesus: “Nem eu te condeno”.<sup>8</sup> Viver a experiência do autoperdão e sentir-se merecedor/a do perdão dos outros liberta e transforma a vida.

O perdão é bom para a saúde mental e espiritual, bem como para a física. O coração agradece quando a pessoa perdoa a si e aos demais. Alivia tensão, fadiga, dores corporais e estresse. Quanta energia é desperdiçada ao carregar nas costas culpas e ressentimentos. Às vezes, é o outro que nos fere; em outros momentos, somos nós que ferimos o outro, ou, então, nós mesmos nos ferimos, quando fazemos algo de que nos arrependemos. É importante o exercício do autoperdão. Perdoar implica se desprender, desapegar-se das falhas ou erros. Perdoar é vestir o que ficou errado com as roupas do coração. “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso. (...) perdoai, e vos será perdoado”.<sup>9</sup> O autoperdão permite fazer o melhor hoje, enfrentando os conflitos interiores e existenciais para eliminação e superação das mágoas do passado, curando as dores do momento presente e fortalecendo os projetos para a vida futura.

Perdoar auxilia a restauração dos sentimentos positivos, restabelece relações pessoais, familiares, sociais, profissionais, cria novos vínculos e novas amizades, gerencia conflitos e fortalece a espiritualidade. Não é à toa que Jesus manda perdoar setenta vezes sete. “Então, Pedro, chegando-se a ele, perguntou-lhe: “Senhor, quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim? Até sete vezes”? Jesus respondeu-lhe: “Não te digo até sete, mas até setenta e sete vezes”.<sup>10</sup>

Quando perdoamos, estamos nos libertando de nossa própria escravidão. Diz Maya Angelou: “O maior presente que você pode dar a si mesmo é o perdão”. Perdoar implica a aceitação do que realmente aconteceu, pois não se pode mudar o fato, mas pode-se mudar a forma de encarar o que aconteceu, dando lugar a um profundo amor. Perdoar é vivenciar sentimentos de equilíbrio, de paz interior, podendo transformar o erro em lições preciosas para o amanhã da vida.

Caro/a leitor/a, caso você ainda carregue um fardo pesado de culpa, mágoas, ressentimentos, tristeza pela história de vida ou outras situações, comece hoje um exercício de perdão. Não conseguindo sozinho, busque ajuda para se libertar e dar lugar para o amor, a vida, a esperança.

8 João 8, 11

9 Lucas 6, 36

10 Matheus 18, 22





Como disse William Shakespeare: “O perdão cai como chuva suave do céu na terra. É duas vezes abençoado; abençoa quem o dá e quem o recebe”.

## Relacionamentos

A caminhada rumo ao amor é tecida de relacionamentos consigo mesmo, com os outros, com o grande OUTRO e com o universo. A psicologia se detém no estudo, aprofundamento e busca de recursos para as pessoas se relacionarem com mais assertividade, profundidade e eficácia. As relações profundas e íntimas, que levam ao conhecimento de si e do outro, não deixam de ser um grande mistério. Exigem maturidade emocional, responsabilidade, sensibilidade, liberdade interior, reciprocidade e abertura. Abertura para o “si mesmo” e para o outro. O que promove melhor ou pior relacionamento de uma pessoa com uma ou com outra? O que favorece a confiança mútua? São muitos os elementos afetivos, emocionais e cerebrais que contribuem neste processo. Um aspecto importante no relacionamento é a responsabilidade por si, não confundida como autossuficiência.

“Há evidentemente muitos aspectos para os quais necessitamos da outra pessoa. Se eu nego e recuso o fato de que preciso do outro, é quase certo que não estarei vendo sua necessidade. Se não levar em conta minha própria necessidade de acolhimento emocional, é pouco provável que seja sensível ao outro, pois a empatia por outrem tem suas raízes na percepção consciente de si mesmo”.<sup>11</sup> Relacionamentos adultos são recíprocos, não unilaterais; devo estar preparado para dar o que espero receber. Caso não seja feito o que está ao alcance, não se dará vitalidade às relações. “Ser esse alguém que faz a diferença para o melhor não é apenas um dom, mas um ato de decisão”!<sup>12</sup>

## O amor

O amor como ponto de partida e chegada é um processo longo e exigente. Envolve trabalho árduo e corajoso. É um processo por vezes tempestuoso e tortuoso; como o riacho precisa ir cavando a terra para fazer seu percurso, assim é o caminho de libertação para o amor. O amor está constantemente se desenvolvendo, aprofundando, se ajustando e se equilibrando. Ele é uma conquista diária, não existem os “felizes para

11 CENCINI, Amadeo. *Com Amor*. 3ª parte. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 255.

12 Cabrera, Sumaia. *Deus vidas, uma escolha*. São Paulo: Academia de inteligência, 2007.





sempre”. Ele tem polaridades, calor emocional e conflitos. Sem conflitos as diferenças reais não são confrontadas, negociadas e respeitadas. Para amar profundamente, precisa-se ter responsabilidade. Amor é ação, atitude, gesto criativo e profundo. O amor liberta e devolve à vida. O amor dá a mão. O amor cobre, recobre e acorda de madrugada, se necessário. O amor devolve a dignidade, o amor conserta, o amor conduz. O amor indica. O amor olha. O amor deixa ir, porque sabe que vai voltar. O amor cuida. O amor busca. O amor encontra. O amor tem pista dupla.

Pautar a vida pelo amor gera mais vida e mais libertação. Jesus liberta a mulher encurvada, devolve-lhe a vida. “E eis que se encontrava lá uma mulher, possuída, havia dezoito anos por um espírito que a tornava enferma; estava inteiramente recurvada e não podia de modo algum endireitar-se. Vendo-a, Jesus a chamou e disse: “Mulher, estás livre de tua doença”, e lhe impôs as mãos. No mesmo instante, ela se endireitou e glorificou a Deus”<sup>13</sup>. Quais seriam as encurvaturas que impedem de amar profundamente a nós mesmos e aos outros? O encurvado não consegue ver ao redor, nem o outro, só vê o chão. Não tem horizontes. A psicologia está a serviço da pessoa para que ela possa amar profunda e livremente. “Que a gente sinta na pele o que o amor faz a gente sentir na alma”<sup>14</sup>.

“Se o Pai é aquele que ama e o Filho é o Amado, o Espírito Santo é o Amor que se dá entre os dois. Portanto, amor intenso e rico em energia; é <água viva>, <fogo>, <chama ardente do coração>, <luz de sabedoria>, <dedo da mão de Deus>, <guia invencível>, <doador de dons>. Amor exuberante de vitalidade a ponto de se tornar Pessoa. Pessoa que não somente expressa uma troca de amor entre dois seres, mas possui uma fisionomia operativa qualificadora, ou um amor e um modo de amar absolutamente original e criativo”<sup>15</sup>. No dia a dia, ver a razão pela qual me sacrifico. Sacrifico-me pelo que é sagrado? O amor é sagrado. Não procure fora o amor, ele está dentro.

### O amor cria liberdade

“É o específico da ação do Espírito. O Espírito está na origem e, ao mesmo tempo, na confluência do amor do Pai e do Filho: é a centelha que assinala o impacto entre a gratuidade nasciva e a pura receptividade filial, centelha que faz explodir uma plenitude infinita de amor e que se tornará fogo no dia de Pentecostes”<sup>16</sup>.

13 Luc. 13, 12-13.

14 Henrique, Pedro. Um Cartão. São Paulo: Enkla, 2016

15 CENCINI, Amadeo Com Amor. São Paulo: Ed. Paulinas, 1997.

16 CENCINI, Amadeo Com Amor. São Paulo: Ed. Paulinas, 1997.





Essa plenitude é a fonte de liberdade, modelo de qualquer liberdade. O que constrói a verdadeira liberdade afetiva são as duas certezas: a certeza de ter sido amado e a certeza de poder amar. No contexto da vida, é a liberdade que oportuniza a interação dialogante e, ao mesmo tempo, é a liberdade de amar e deixar-se amar, intensamente celebrada, que oferece a possibilidade de descobrir e viver a liberdade como dom. “O Espírito Santo é a expressão mais alta da liberdade de quem ama e se deixa amar, liberdade fecunda que cria outras liberdades. É livre em si mesmo e, de algum modo, por si mesmo”.<sup>17</sup>

## Gratidão

Percorrendo o caminho de libertação para o amor, a psicologia se utiliza do poder da gratidão. Filha do amadurecimento psicológico, enriquece de paz e alegria todo aquele que a cultiva em seu ser. No momento em que vivemos com tanta indiferença de valores éticos, a gratidão tem um papel significativo a desempenhar em referência à saúde integral do ser humano. Ser grato, saber louvar ao Senhor, por tudo que a vida oferece, reconhecer a dedicação, o esforço e o carinho do próximo, estimula relações mais amáveis, compreensivas, empáticas e fecundas. Agradecer não custa nada, apenas alimenta a humildade, a compaixão, o amor recíproco, além de tornar a relação mais próxima, duradoura e de valorizar pequenos gestos. A gratidão transforma a vida, torna-a mais feliz, afastando a negatividade e a lamentação. A gratidão ajuda a reconhecer-se como uma pessoa abençoada e amável. Favorece a espiritualidade, pois quem é grato sente a existência de Deus e busca a sabedoria divina, a essência da vida. Transforma as pessoas, tornando-as mais altruístas, éticas, socialmente comprometidas e prestativas, aberta às relações, pensa no outro e na sua necessidade, cultivando a compaixão e a tolerância. As pessoas felizes lembram o passado com gratidão, alegram-se com o presente e encaram o futuro sem medo. Em um coração onde mora a gratidão, também habitará a felicidade. Gratidão é a virtude das almas nobres reconhecendo que a vida é um presente.

## Conclusão

A psicologia, como ciência, auxilia a entrar nos porões onde estão guardadas as mais primitivas e profundas lembranças. Aquele que tem coragem

<sup>17</sup> CENCINI, Amadeo. Com Amor. São Paulo: Ed. Paulinas, 1997.





de entrar nesses porões, visitá-los, ultrapassar e chegar ao fundo, passar do outro lado, tem a possibilidade de se libertar e caminhar para o amor.

São vários os campos em que a psicologia pode colaborar no caminho de libertação para o amor: leituras, reflexões, trabalhos de grupos, psicoterapia, autoanálise, assessorias e tantos outros meios. Vemos o quanto a psicologia tem colaborado com a VRC, seminários, presbíteros para a formação de pessoas mais livres, mais saudáveis e comprometidas com serviço do Reino. Sabe-se o quanto a libertação de traumas interiores, fragmentação, dificuldades relacionais contribuem para uma vida psíquica saudável e uma espiritualidade mais profunda, tornando a vida de oração e as relações dinâmicas, alegres e serenas.

No caminho de crescimento, amadurecimento e na busca de competência emocional nas relações pessoais e interpessoais, a psicologia dá possibilidade de uma nova chance, na reconstrução da vida, no encontro com a alma, a psique, a delicadeza e a beleza interna. Além de entender as diferenças, aceitar o outro como é, realizar-se como pessoa que quer viver plenamente e feliz e desejar o mesmo aos outros. Se quiser encontrar seu tesouro interior, inesgotável, único e singular expressão do amor divino e humano, tenha coragem de mergulhar no seu mais secreto esconderijo. Após esse mergulho certamente encontrará paz interior, que poderá ser sentida por todos que vivem ao seu redor.

### Questões para reflexão

- Quais seriam as contribuições da psicologia na sua caminhada e na caminhada da comunidade?
- Quando ela a auxiliou na sua libertação das amaras e encurvaturas que impediam de amar livremente?
- Como você vive o desapego e a gratidão em sua vida?





# O “CUIDADO DA CASA COMUM” COMO CAMINHO DE ESPIRITUALIDADE E JUSTIÇA

PE. JOSÉ IVO FOLLMANN SJ<sup>1</sup>

## Introdução

Vivemos tempos de degradação civilizacional na sociedade humana em geral e no Brasil em particular. Assertivas sobre este fenômeno que a humanidade enfrenta hoje não são novidade. Também são muitos os estudos e as manifestações, de toda ordem, que se debruçam sobre a temática dos sintomas crescentes e explícitos do estado de gravidade dessa doença da humanidade. Muitas coisas se misturam nos diagnósticos dessa situação, que, segundo alguns, é quase terminal.

Os principais sintomas são: a humanidade perdeu o seu senso de humanidade, embalada em superficialidades e abalada em valores que lhe são fundamentais, como a própria dignidade do ser humano. É escancarada a síndrome da prepotência arrogante e autossuficiente de uns poucos, mascarada de forma vil diante de todos. Existem sinais claros do descaso do ser humano, que em muitas situações políticas, econômicas e sociais não é só equivocado, mas descaradamente

1 Sacerdote jesuíta. Sociólogo das religiões. Professor e pesquisador na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Secretário para a Justiça Socioambiental da Província dos Jesuítas do Brasil. Diretor do Observatório Luciano Mendes de Almeida - OLMA. E-mail: jifmann@unisinis.br.





irresponsável resultando em acúmulo ignóbil de concentração de riquezas e de exclusão e morte dos mais sofridos. Em diversos lugares, tornaram-se assustadoras as manifestações de racismos, xenofobias e preconceitos discriminatórios de toda ordem.

A humanidade sofre, sobretudo, de um descuido clamoroso para com a vida, em todos os sentidos, especialmente na forma como a “Mãe Terra” é tratada. É a degradação, beirando à depravação, que ameaça e leva de roldão os esforços gigantescos e as conquistas da humanidade, após muita construção civilizacional.

Neste cenário, qual o papel da espiritualidade? De que espiritualidade que precisamos? Que luzes a dimensão espiritual oferece para essa humanidade ameaçada e moribunda? Diversas podem ser as respostas; talvez mais perguntas apareçam. A literatura é grande. Vou tomar um atalho conhecido. Entendo que o “*cuidado da casa comum*” é uma das indicações mais originais e completas que chama para uma espiritualidade nos tempos presentes. É uma “fórmula” consagrada pelo papa Francisco na sua encíclica *Laudato Sí*, em 2015.

A espiritualidade leva a um modo de ser. A espiritualidade é o modo como orientamos as nossas vidas, o modo como vivenciamos a nossa dimensão de eternidade e a busca de comunhão com Deus. Significa colocar-nos no Espírito de Deus, a origem e a criação de tudo. Significa cultivar esta originalidade e criatividade em tudo o que somos e em toda a vida que nos envolve. Significa ajudar a colocar tudo no espelho do eterno.

Este modo de ser, esta comunhão acontece na medida em que as nossas vidas se orientam para o cuidado conosco mesmos, com os outros, com a sociedade e com os dons da criação. Em suma, a espiritualidade leva ao restabelecimento de relações justas.<sup>2</sup> A real noção de justiça está em Deus. É no Espírito de Deus. Nele está a fonte da justiça que brota da misericórdia e busca a reconciliação.

2 Na busca por tornar operacional a ideia de “cuidado da casa comum” e o paradigma da ecologia integral em sua complexidade, o OLMA (Observatório Luciano Mendes de Almeida) trabalha, com uma chave tríplice, a “justiça socioambiental”, a saber: 1) O reconhecimento profundo da dignidade de todos os seres humanos dentro de relações étnico-raciais, religiosas, de geração, de gênero, de origem nacional, de visões de mundo e opções, buscando sempre formas de estabelecer o diálogo, o valor da pluralidade e a inclusão de todos/as. 2) A redução das desigualdades, das exclusões sociais e da pobreza, pela busca do acesso universal aos direitos básicos de trabalho, assistência social, previdência, segurança, saúde, moradia, educação, alimentação e nacionalidade. 3) A constante atenção às práticas da boa conservação, preservação e usos adequados dos dons da criação, em vista do cuidado dos ecossistemas saudáveis e da vida para o presente e futuro do planeta terra e de seres nele habitantes. (Pe José Ivo Follmann, sj)





Segundo o Pe Francisco Almenar, sj, devemos “colocar a nossa cabeça dentro do Espírito de Deus e não pretender colocar o Espírito de Deus dentro de nossa cabeça”. A originalidade e a criatividade da nossa vocação humana se fazem efetivamente fecundas nesta abertura radical ao Espírito de Deus, que nos ampara e envolve em seu regaço maternal de misericórdia.<sup>3</sup> É o “Meio Divino” para o qual, também, aponta a genial inspiração do Pe Teilhard de Chardin, sj.<sup>4</sup>

O “*cuidado da casa comum*” exige, em primeiro lugar, o “*cuidado da alma da humanidade*”. Ao longo da história da humanidade muitos caminhos marcaram sulcos fundos, palmilhados por inumeráveis mentes e corações, cujas vidas expressaram e expressam esse cuidado, através das mais diferentes tradições, religiosas e outras. As tradições religiosas podem ser agrupadas, de forma simplificada, em três grandes origens, com múltiplas vertentes:

- As religiões animistas, incidindo sobretudo nas expressões religiosas de raízes e matrizes africanas, americanas e australianas, suas formas de xamanismo e outras.
- As religiões védicas ou sapienciais, presentes a partir do continente asiático, através do hinduísmo, budismo, taoísmo, xintoísmo e outras.
- As religiões abraâmicas ou ético-proféticas, como o judaísmo, o cristianismo, o islamismo e outras.

Junto às religiões, são também sempre lembradas tradições não-religiosas. O “*cuidado da alma da humanidade*” e o conseqüente “*cuidado da casa comum*” estão presentes, de múltiplas formas, em toda essa pluralidade da tradição humana, comportando um colorido infundável de caminhos na busca espiritual. Em todos estes caminhos somos surpreendidos por exemplos de testemunhos pessoais arrebatadores e intensos de vivência espiritual.

A espiritualidade extrapola os limites das tradições religiosas, sendo impossível ser abarcada por elas, mesmo que se manifeste através delas. Ela é a abertura radical à nossa dimensão espiritual, que repousa no Espírito de Deus e sua justiça, que é misericórdia e reconciliação. Na tradição cristã, a manifestação mais paradigmática da espiritualidade foi o momento da “*Oração de Jesus de Nazaré*”, quando o “*Céu se abriu*” sobre ele, e o “*Espírito Santo*” o envolveu, ouvindo-se uma “*Voz do Céu*” que dizia: “*Tu és meu Filho Amado*” (Lc 3, 21-22). Ele se encarnava na história humana e em todo o seu envolvimento material, com o fim de regenerar e de lembrar a humanidade das respostas

3 Anotações de Exercícios Espirituais. (Pe David Romero sj)

4 Ver sobre Pierre Teilhard de Chardin, cientista e místico, Revista IHU On Line, n. 140, 2005.





fundamentais que deve ao Espírito de Deus. Esta manifestação se deu num cenário em que Jesus de Nazaré, solidário com os pecadores, se esvazia (Kénosis) totalmente de sua condição para fazer-se um de nós, assumindo a condição dos seres da criação. (Fl 2, 5-9).

## A vida revelada e que se revela

O que faz esta grandiosidade explodir dentro do ser humano? Precisamos reconhecer que, em escala cósmica, somos, junto com o nosso planeta Terra, nada mais do que um pequeno ponto de luz. Toda prepotência material, por mais apurada e sofisticada que seja, é tristemente ridícula, quando não se submete a esta verdade. Só uma coisa nos faz grandiosos: o dom incondicional e gratuito de Deus. Tornamo-nos grandiosos na medida de nosso agradecimento. É o que nos converte para a saída de nossas ridículas amarras e querelas. É o caminho para que os progressos e avanços sofisticados, inovadores e inteligentes da humanidade passem a estar efetivamente a serviço da nossa vida e da vida de tudo que nos envolve.<sup>5</sup>

Indico com os parágrafos iniciais que o meu foco, neste artigo, tem o seu recorte limitado próprio, a partir da visão cristã, na qual vivo e convivo. Não cabe aqui, também, nenhum esforço comparativo ou descritivo das diferentes características. O que interessa é a profunda contemplação e reverência frente a toda busca infindável da humanidade por ela mesma. Fazendo um atalho, poderíamos concluir que existem, com certeza, muitos caminhos ou canais, mais ou menos conhecidos e desconhecidos, de acesso à *revelação da humanidade à própria humanidade*, como está expresso na fórmula genial de definição da missão de Jesus Cristo, desenvolvida pelo teólogo alemão Karl Rahner.<sup>6</sup>

A própria experiência humana é um atalho para tal. Os seres humanos crescem em sensibilidade ao longo da vida. O convívio na *casa comum* faz com que nos humanizemos e nos tornemos mais justos. As experiências são, evidentemente, diversas e, mais ou menos, felizes. Alegramo-nos quando esta sensibilidade transpira sereno contentamento. Preocupamo-nos quando esta sensibilidade vem revestida de expressões de amargura e dor fundadas no sentimento de injustiça sofrida ou nas reminiscências de algum passado odioso. É difícil penetrar no mistério da existência humana. O que é certo é que a sensibilidade parece crescer em todos os sentidos.

5 Anotações de Exercícios Espirituais. (Pe David Romero sj)

6 Ver sobre Karl Rahner sj, sua teologia e espiritualidade in Revista IHU On Line n.446, 2014.





O sol refulge ao entardecer da vida! Ou seja, quando estamos mais envelhecidos, vivenciamos uma etapa na vida em que algumas dimensões mais profundas do existir tendem a assumir mais importância. Na vida aprendemos a amar e o amor constrói eternidade. É muito lembrada a frase da escritora Adélia Prado: “*O que a memória ama fica eterno*”. A nossa memória nos ajuda a construir uma bela narrativa de nós mesmos, que nos amarra com a eternidade e nos livra ou faz esquecer os elementos e eventos em sua dimensão de aniquilamento no tempo. “*A memória esquece não por ser fraca, mas por ser sábia*” afirma o saudoso educador Rubem Alves (2013).<sup>7</sup>

## A fé que transborda

Talvez a humanidade tenha que reaver e reaquecer mais a memória da sua fonte originária! A nossa fé ajuda a manter vivas as nossas limitações históricas e a capacidade de nos projetarmos ao encontro de nossa originalidade e da origem de tudo. Em 31 de agosto de 2012, faleceu o Cardeal Carlo Maria Martini, sj. O seu testemunho espiritual foi o de alguém que apresentava uma “*fé que transborda fronteiras*”. Inspiro-me no teólogo Faustino Teixeira,<sup>8</sup> ao formular esta frase e destacar que foi de um tremendo simbolismo o fato de o Cardeal Martini ter escolhido Jerusalém como sua morada, depois de ter-se tornado emérito como Arcebispo de Milão. A cidade de Jerusalém é considerada por Martini, como a cidade “*do seu primeiro amor*”, a cidade onde “*Deus toca o mundo*”, a “*cidade da paz*”, na qual se escancara também a dura percepção de que o trabalho em favor da paz envolve, sempre, um “*processo doloroso*”. A ida de Martini tornou-se um espaço simbólico no qual ele mostra, em sua radicalidade, como foi um homem de um tremendo vigor espiritual. Este mesmo espírito, ao longo de toda a sua trajetória, soube elevar Martini acima de querelas mesquinhas. Soube, também, fazer com que enxergasse, com dor, mas com fé, a “*cidade da paz*”, no meio de um turbilhão de não transparências, tensões, conflitos e ódio entre grupos religiosos e outros grupos.

A partir desta sugestiva reflexão sobre o testemunho do Cardeal Martini, podemos concluir que espiritualidade é, também, fidelidade na dor. Talvez seja o testemunho mais radical de fé. É uma forma de martírio, às vezes no anonimato, vivido por muitas pessoas. É o mesmo amor que impulsionava Jesus a ir a Jerusalém, onde a casa do seu Pai havia se tornado um covil de ladrões e onde ele seria rejeitado e condenado pelos poderes humanos. São as lágrimas de Jesus sobre Jerusalém (Lc 19, 41-48).

7 ALVES, Rubem. Lições do velho educador. Campinas: Papirus, 2013.

8 <http://Amaivos.uol.com.br> - 2015 - “Uma fé que transborda fronteiras”





É o mesmo amor que nos torna capazes de não nos escondermos de nossas próprias contradições e fragilidades, onde muitas vezes a “cidade da paz” que somos chamados a ser foi habitada por um covil de ladrões e usurpadores da eternidade, fazendo de nós instrumentos de mesquinhez e obscuridade. É o mesmo amor que nos traz à memória o amor misericordioso de Deus, que gerou e permanentemente gera a vida que nos é confiada em liberdade, clamando pela prática da justiça.

Os ambientes e contextos que simbolizam mesquinhez, vilipêndio humano, obscuridade e injustiça se multiplicam. As “cidades” sobre as quais Jesus chora se tornam incontáveis. O papa Francisco, poucos meses depois de assumir a missão de bispo de Roma e líder máximo da Igreja Católica Romana, num gesto que surpreendeu o mundo, no dia 08 de julho de 2013, visitou a ilha siciliana de Lampedusa, local que testemunha a tragédia cotidiana de grupos de africanos que buscam entrar em território europeu, riscando a perder a vida na travessia do Mar Mediterrâneo e enfrentando a dura incerteza de um futuro sem retorno e sem perspectivas. Muitos perdem a vida antes de chegar ao destino incerto...

Vivemos em uma globalização da indiferença”, clamou o Papa. Ele orou, dizendo: “Peçamos ao Senhor que nos dê a graça de chorar por nossa indiferença, pela crueldade que existe no mundo, dentro de nós e naqueles que, no anonimato, tomam decisões socioeconômicas, a nível mundial, que levam a dramas como este.”<sup>9</sup>

Vivemos tempos em que parece que a humanidade e a Igreja ficaram surdas aos apelos de Deus e de sua justiça, clamando: “onde estás; onde está o teu irmão”? (Gn 3,9; 4,9). A “globalização da indiferença” está associada a uma globalização da “arrogância e da autossuficiência”. Como está expresso de diversas formas na Encíclica *Laudato Sí* (2015), do papa Francisco, o ser humano continua explorando de forma irresponsável e exaustiva a terra que lhe foi confiada. Não está sendo cuidadoso. Não está respeitando o mandato do Espírito de Deus, que reservou ao ser humano a missão de “cuidar do seu jardim” e “compartilhar os seus frutos”. Vivemos tempos em que parece que a humanidade e a Igreja ficaram surdas ao apelo de Deus com relação à própria responsabilidade originária por todos os dons da vida.<sup>10</sup>

9 <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/papa-denuncia-indiferenca-global-diante-da-tragedia-da-imigracao.html>

10 “A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando estes valores são afetados, é necessária a voz profética”. (EG, 2013, n. 218).





“Onde estás”? Foi assim que Deus interpelou Adão. (Gn 3,9).<sup>11</sup> “Onde está o teu irmão”? Foi assim que Deus interpelou Caim. (Gn 4,9). “Como está a criação”? Assim interpela Deus a humanidade, não deixando que ela esqueça seu mandato de cuidar de tudo. (Gn. 1, 26–31; 2, 15).<sup>12</sup> As perguntas ressoam na Bíblia Cristã. O seu sentido ressoa, também, nos textos sagrados das outras tradições. Deus interpela a humanidade, que se esconde de si mesma acovardando-se na indiferença. Deus interpela a humanidade, ao longo de toda a história e interpela através de todas as religiões. São perguntas que ressoam no universo, desde os primórdios da humanidade. São perguntas que a humanidade formula a si própria. Adão se escondeu. Caim matou Abel. A humanidade se esqueceu.

A interpelação do Espírito de Deus é dirigida à humanidade que se esconde, à humanidade que mata e à humanidade que se esqueceu de sua condição mais original e divina, que é o cuidado da própria criação. A interpelação é dirigida a cada um/a de nós que fazemos parte desta covardia, desta mortandade e deste esquecimento vergonhoso. São perguntas de um Deus Justo, que depositou sua confiança radical e incondicional na nossa liberdade.

Esta interpelação divina assume toda a sua radicalidade quando aprendemos, como nos ensina a tradição cristã, que tudo é dom e graça de Deus. Somos frutos da sua misericórdia. O amor incondicional de Deus deveria mexer tremendamente conosco. Adão não suportou esta consciência e se escondeu! De muitas formas e através de muitas iniciativas, a humanidade demonstrou que ouviu o apelo. No entanto, as perguntas de Deus colocam em cheque a própria humanidade, quando ela dá claras mostras de que *esqueceu de seu mandato original* e se põe a tratar de forma irresponsável o seu próprio meio de vida e existência e o meio de vida e existência de todos os seres viventes. As três perguntas apelam para a justiça!

## A espiritualidade que precisamos

As perguntas são: Como reencontrar a nossa capacidade de ser e de sermos humanos? Como contribuir para a superação do abismo da

11 Interpelação originária dirigida à humanidade de todos os tempos, que se esconde, envergonhada de si mesma.

12 No que se refere a Gn. 2, 15 e, especialmente, Gn. 1, 26–31, em termos teológicos “o ser humano na criação” está abordado de forma muito detalhada e profunda por CIRNE, 2013, p. 82–89.





desigualdade socioeconômica e suas implicações sociais, culturais e ambientais? Como cuidar da nossa casa comum? De que necessitamos para restabelecer a humanidade por dentro?

Precisamos de uma espiritualidade que nos mude, radicalmente, em nossas práticas. Que nos faça retomar o verdadeiro caminho da justiça. Leonardo Boff, em *“Reflexões de um velho teólogo e pensador”* (2018), nos aponta que:

A singularidade de nosso tempo reside no fato de que a espiritualidade vem sendo descoberta como dimensão do profundo do ser humano, como o momento necessário para o pleno desabrochar de nossa individuação e como espaço da paz no meio dos conflitos e desolações sociais e existenciais. (BOFF, 2018, p.166)

A espiritualidade é geradora de mudança interior. O autor nos lembra um pensamento radical do grande líder religioso oriental Dalai Lama: *“Espiritualidade é aquilo que produz dentro de nós uma mudança!”* (*“Se não produz em você uma transformação, não é espiritualidade!”*). O autor comenta esta frase, afirmando que existem mudanças e mudanças. O ser humano é um ser de mudanças, pois nunca está pronto. No entanto, há “mudanças que não transformam sua estrutura de base” e há mudanças que são verdadeiras transformações *“capazes de proporcionar um novo sentido à vida ou abrir novos campos de experiência e de profundidade, rumo ao próprio coração e ao Mistério de todas as coisas. Não raro é no âmbito da religião que ocorrem tais mudanças. Mas nem sempre”*. (BOFF, 2018, p.165-166)

Esta manifestação pelo valor da espiritualidade, como força regeneradora, está amparada no próprio grito do autor, que nos diz: *“vamos criar juízo e aprender a ser sábios e a prolongar o projeto humano, purificado pela grande crise que seguramente nos acrisolará”*. (BOFF, 2018, p. 158). Acrescenta: Incentivam-nos as escrituras judaico-cristãs: *“Escolhe a vida e viverás”* (Dt 30,28), e Deus se apresentou *“como o apaixonado amante da vida”* (Sb 11, 24). Andemos depressa, pois não temos muito tempo a perder. (BOFF, 2018, p. 159)<sup>13</sup>

13 CIRNE, 2009, p.191-197, com o subtítulo “ética ambiental e espiritualidade” fala em uma verdadeira conversão do ser humano. Refere dois caminhos paradigmáticos importantes na tradição cristã: a herança espiritual de Francisco de Assis, conhecida sobretudo pelo famoso “Cântico das Criaturas”, que expressa o louvor ao Deus altíssimo, a humanidade que se faz irmã das criaturas e o respeito e admiração por todo o mundo criado; e a herança dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, no qual o próprio Princípio e Fundamento apresenta um caminho de vida no qual Deus, o ser humano e o ambiente (o mundo) estão intimamente inter-relacionados; encontrar Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus é o grande horizonte na “oração para alcançar o amor” dos Exercícios Espirituais Inacianos.





É um pequeno grito que se soma a infinitos outros gritos, que se levantam em todos os recantos da terra, fazendo coro ao grande e insondável mistério de amor do “grito regenerador” de Jesus Cristo. As três perguntas originárias retornam e reboam: “Onde estás”? “Onde está o teu irmão”? “Como está a criação”?

A Espiritualidade, que hoje nos é solicitada, é a disposição de nossos corações para buscar os melhores caminhos para a construção de sociedades geradoras de vida; refazer-nos em nossa capacidade de reconhecer o outro em sua dignidade; de nos indignarmos frente às desigualdades escandalosas e inaceitáveis e à situação desumana, vivida, por muitos irmãos e irmãs; de cuidar da vida e dos dons da criação, impelidos pelo amor a toda a vida que pulsará neste planeta Terra, no futuro. É a disposição de sermos no cotidiano: cultivadores/as de justiça socioambiental.

A atenção à Amazônia é um símbolo de tudo isto, nestes tempos em que a Igreja Católica se congrega impulsionada pelo Sínodo Panamazônico.<sup>14</sup> Em todas essas situações fazem-se necessárias e urgentes fortes decisões políticas, acompanhadas de processos educacionais intensos; essas situações necessitam do alimento cotidiano da sensibilidade humana, do amor, do testemunho de fé, da esperança espalhadas permanentemente no chão da humanidade, quais sementes silenciosas que germinam na noite obscura de um contexto avassalado pelos radicalismos inócuos e assassinos. Hoje, mais do que nunca, a tríplice pergunta do Espírito de Deus nos convoca para sermos construtores decididos de uma sociedade geradora de vida.

## Acendedores da esperança

Como Adão, que se escondeu envergonhado diante da verdade, muitos tendem a encolher-se, “esconder a cabeça” e deixar a onda passar, em tempos de degradação civilizacional como os tempos que vivemos. Além de muito perigoso, pode ser fatal, pois a própria “espiritualidade” tende a ser “des-espiritualizada” e transformar-se no seu próprio veneno mortal, reduzida a fórmulas estereis viradas num obtuso campo de batalha sem sentido. A onda poderá ser demasiado avassaladora. O projeto humano poderá sucumbir, caso não corrermos e cuidarmos para que os respiradouros essenciais da humanidade se mantenham abertos e desobstruídos.

<sup>14</sup> O Sínodo Pan-Amazônico, anunciado pelo Papa Francisco em outubro de 2017, tem o seu momento culminante de encerramento em outubro de 2019.





É urgente cuidar dos respiros da vida e das chamas da esperança. “*Deixa-me acender cem vezes, mil vezes, um milhão de vezes a esperança, que ventos perversos e fortes teimam em apagar. Que grande e bela profissão; acendedor de esperança!*”! É uma frase muito conhecida e muito repetida, que temos como um dos inesquecíveis legados de Dom Helder Câmara. Espiritualidade é cultivo da esperança. Nuvens obscuras, confundindo a visão, são agitadas por ventos perversos e indomáveis, que sopram em todos os espaços e níveis. São ventos perversos porque vêm revestidos de “sopros de esperança”, mas resultam em apagadores de esperança. São indomáveis porque gerados na irresponsabilidade de quem não terá condições de dominá-los. Ventos que, portanto, podem estar anunciando caos e descontrole. Não adianta, no entanto, investir contra estes ventos com discursos inflamados e radicais. A verborreia radical de combate já demonstrou amplamente a sua ineficácia, sobretudo nos “campos religiosos”. Assim como a política do avestruz, que “esconde a cabeça” para não ver o desastre passar, pode ser outra perversidade que o “diabo mais gosta”.

A história sempre nos ensinou que tempos de dificuldades e de perversões, em geral, foram tempos também de forte manifestação da capacidade humana de superação e de afirmação da esperança. Foram tempos, muitas vezes, de purificação e fortalecimento, gerando, a rigor, mais vida do que morte. Tempos de *acrisolamento*, como refere Leonardo Boff. Falar em espiritualidade em tempos de radicalismos obscuros é falar em espiritualidade como forma de afirmar, no silêncio, a vitória da vida e da esperança humana. É tempo de colocar a humanidade frente ao próprio espelho humano. É tempo de a humanidade se reconhecer como permanente fruto do amor e da misericórdia de Deus. É tempo de a humanidade despertar para a sua face divina, tão manifesta e tão oculta em todas as tradições religiosas. É tempo de lembrar à humanidade deixar-se envolver pela sua dimensão espiritual, ou seja, pelo Espírito de Deus.

Frei Betto, em uma reflexão sobre “espiritualidade em tempos de crise”, afirmava que são tempos que nos apelam para o caminho de Jesus, que anuncia o Deus da vida. O caminho de Jesus é o caminho do grão de mostarda (a menor de todas as sementes), do fermento na massa e da esperança. O caminho de Jesus é o caminho daquele que se esvaziou totalmente de si (Fl 2, 7) para, fraternalmente, estar a serviço da regeneração da vida e da humanidade, por ela mesma. Como foi visto acima, o diálogo trinitário no batismo de Jesus está posto no contexto do radical esvaziamento (*Kénosis*) de Jesus de sua condição divina para assumir a sorte de todos os seres da criação.





A fórmula perfeita é a que dá conta da proposta de Dom Helder Câmara, quando se apresenta com a profissão de “acendedor de esperança”. A história humana está repleta de belos exemplos de acendedoras e acendedores de esperança. Nunca os encontramos nos exércitos das insurgências radicais, muito menos no exército das rotinas apáticas. Nestes meios, a negação do humano e a negação do divino têm muito mais chances do que a humanidade e a divindade que habitam em nós.

Estes/as acendedores/as de esperança se encontram em todos os espaços sociais, mas sobretudo no meio daqueles que têm menos a perder, ou porque conseguiram libertar-se de suas falsas seguranças, ou porque nunca puderam ter acesso a falsas seguranças. São acendedores/as da esperança, portadores/as de uma espiritualidade que regenera a humanidade e engendra a prática da justiça socioambiental.

Estes/as acendedores/as de esperança se encontram em todas as pessoas que cultivam em si uma profunda espiritualidade de reconhecimento radical da dignidade humana, por dentro das diferenças étnico-raciais, de religião, de opções de vida. Encontramos estes/as acendedores/as em todas as pessoas que cultivam em si a decisão política de jamais transigir com as injustiças sociais e com o descuido com as políticas públicas de realização plena dos direitos humanos e em todas as pessoas que cultivam o cuidado com a Mãe Terra em todas as infinitas expressões dos dons da criação.

Esta é a espiritualidade para a qual a humanidade está sendo chamada por uma questão de sobrevivência do próprio projeto humano. É uma espiritualidade de regeneração da alma humana para o “cuidado da casa comum”, uma espiritualidade transformadora, de promoção da justiça socioambiental. Um caminho fundamental de salvação da humanidade!

## Palavras para (não) concluir

Nestes tempos de degradação civilizacional, em um contexto de total desagregação do ambiente humano de vida, o apelo se orienta para esta espiritualidade regeneradora da humanidade para a prática da justiça. Como estamos falando em degradação, talvez seja necessário cavar muito para reencontrar as verdadeiras soluções. O caminho de solução está no coração. Aprendi isso de líderes de outras religiões e, sobretudo, de pessoas





sábias do povo. Quando queremos buscar soluções que sejam humanas precisamos substituir a cabeça pelo coração. O coração está mais próximo do Espírito de Deus. Ele está mais próximo das pessoas e da vida. A cabeça cria muitos subterfúgios, incertezas e máscaras de mentira.

Deixemos que o coração responda às perguntas originárias do Espírito de Deus: “*Onde estás?*”? “*Onde está o teu irmão?*”? “*Como está a criação?*”? Parafraseando a referência feita ao Pe Francisco Almenar, sj, citada no início deste texto, podemos concluir: “*É preciso que nosso coração escute o pulsar do coração de Deus!*”! Isto talvez nos ajude a entender a tríplice pergunta do Espírito de Deus.

Perguntas:

- Como e em que sentido o ‘cuidado da casa comum’ pode ser um caminho de espiritualidade nos tempos atuais de degradação civilizacional?
- Qual a ajuda das três perguntas originárias no livro do Gênesis, para uma espiritualidade de nossos dias?
- Em que sentido podemos falar em uma “espiritualidade da justiça socioambiental”?

### Referência Bibliográfica

BOFF, Leonardo. **Reflexões de um velho teólogo e pensador**. Petrópolis: Vozes, 2018.

CIRNE, Lúcio Flávio Ribeiro. **O Espaço da Coexistência: uma visão interdisciplinar de ética socioambiental**. São Paulo: Ed. Loyola, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Sí**. (Carta Encíclica do Sumo Pontífice). São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. (Exortação Apostólica do Sumo Pontífice). São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.



## CRISES NA VRC. APONTAMENTOS A PARTIR DO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

FREI VANILDO LUIZ ZUGNO, OFMCP<sup>1</sup>

A eleição do Cardeal Bergoglio como Papa (Bispo de Roma, como ele se apresentou) significou uma lufada de ar fresco em meio ao marasmo miasmático em que vivia a Cúria Romana e parte significativa da Igreja Católica. Retomando o espírito do Concílio Vaticano II, o papa Francisco abriu as portas e janelas para que o Espírito arejasse os espaços eclesiais com sua novidade e criatividade e, ao mesmo tempo, convidou os católicos a sair das preocupações intraeclesiais e “ir ao encontro” dos grandes desafios que o mundo de hoje apresenta para aqueles e aquelas que querem viver e propagar a Boa Nova do Reino.

O grande impacto provocado pelo novo Pontífice deve-se, em primeiro lugar, ao seu estilo e seus gestos. Um Papa simples, sem fausto, avesso à corte e seus cerimoniais, pobre e próximo dos pobres, disposto a construir pontes entre os diversos grupos afastados e muitas vezes em conflito, tanto dentro como fora da Igreja. Desde a sua primeira viagem à Ilha de Lampedusa para chamar à atenção da Europa sobre os migrantes até a recente viagem ao Oriente Médio e seu encontro com as lideranças muçulmanas, o papa Francisco mostra profeticamente a necessidade de uma “Igreja em saída”. Inspirada na *Lumen*

1 Frade Menor Capuchinho na Província do Rio Grande do Sul. Licenciado em Filosofia (UCPEL, 1987) e Doutor em Teologia (EST, 2016). Professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana de Porto Alegre. Membro da Comissão de Religiosos Irmãos da CLAR. Endereço: zugno1965@hotmail.com





*Gentium*, a expressão, recorrente em suas falas e escritos, quer marcar “uma nova etapa evangelizadora” (EG 17) que busca levar a “Alegria do Evangelho” aos mais diferentes âmbitos da experiência humana.

Se a *Evangelii Gaudium* – primeiro e programático texto – tem como interlocutores os fieis e as lideranças da Igreja visando à renovação das estruturas eclesiais, na *Laudato Sì* o chamado é feito “a cada pessoa que habita este planeta” (LS 7) e é afetado ou se preocupa com os problemas e o futuro da Casa Comum. Na *Amoris Laetitia*, Francisco volta a um dos temas mais caros à Igreja: a família. Outra vez, aqui, o objetivo não é reafirmar uma doutrina, mas convidar e dar critérios para uma ação capaz de acolher e cuidar daquelas famílias e pessoas que vivem situações de dor e sofrimento. Por fim, na Carta Encíclica *Gaudete et Exsultate*, o Papa conclui com uma reflexão que subjaz e sustenta todas as anteriores: o chamado à santidade que Deus faz a cada uma e a todas as pessoas.

Nestes quatro documentos, a VRC é tratada tangencialmente na relação com o tema principal. Propomo-nos aqui, no entanto, assinalar alguns elementos deste Magistério que consideramos inspiradores para pensar – nos dois sentidos da palavra: refletir e cuidar – as crises na VRC. Tomamos livremente os textos e os interpretamos a partir da preocupação que dirige esta reflexão. Sugerimos aos leitores e leitoras ter em mãos os textos dos documentos e, na medida em que vamos avançando, consultá-los e meditá-los construindo suas próprias reflexões.

## Assumir as crises

As crises na VRC não soem acontecer nos primeiros anos de consagração. Estes são, geralmente, de encantamento pela vida comunitária e entusiasmo missionário típicos da juventude. É com o passar dos anos e a instauração da rotina e de ter que fazer a cada ano, a cada mês, a cada semana, a cada dia sempre o mesmo e tudo outra vez de novo, que as crises se apresentam com mais frequência. Crises que nem sempre são fragorosas e perceptíveis para quem está ao lado do/a religioso/a ou até para aquele/a que a está vivendo. Na maioria dos casos, a crise vai se instalando silenciosamente e, quando a pessoa percebe, já tomou conta do seu coração e afeta sua ação e suas relações. Deste caráter cotidiano das crises nasce o desafio de manter a fidelidade nos “momentos insignificantes da vida” e ser capazes de superar “as crises e os momentos de angústia sem fugir aos desafios nem esconder as dificuldades” (AL 231).





Nesse sentido, indica o Papa na sequência, a crise, mesmo provocando dores e sofrimentos, é preciosa oportunidade para retomar o primeiro amor e um possível passo para degraus superiores na consagração. Parafraseando o n. 232 da *Amoris Laetitia*, podemos dizer que

a história de um/a religioso/a está marcada por crises de todo o gênero, que são parte também de uma dramática beleza. É preciso ajudar a descobrir que uma crise superada não leva a uma consagração menos intensa, mas a melhorar, sedimentar e maturar o vinho da consagração. Cada crise implica uma aprendizagem, que permite incrementar a intensidade da vida religiosa ou, pelo menos, encontrar um novo sentido para a experiência de consagração.

Nesse sentido, pode-se dizer com o Papa que cada crise é, a seu modo, uma “boa notícia” porque nos provoca a “saber escutar, afinando os ouvidos do coração” (AL 232). O que o Papa fala aos casais, pode ser, literalmente, aplicado à VRC:

Perante o desafio duma crise, a reação imediata é resistir, pôr-se à defesa por sentir que escapa ao próprio controle, por mostrar a insuficiência da própria maneira de viver, e isto incomoda. Então usa-se o método de negar os problemas, escondê-los, relativizar a sua importância, apostar apenas em que o tempo passe. Mas isto adia a solução e leva a gastar muitas energias num ocultamento inútil que complicará ainda mais as coisas. Os vínculos vão-se deteriorando e consolida-se um isolamento que danifica a intimidade. (AL 233).

Tudo isso não significa que devemos resignar-nos às crises. Pelo contrário. Mesmo sendo elas inevitáveis, é preciso aprender a lidar com elas. E o primeiro passo para enfrentar uma crise é “estar presente”, tanto por parte de quem se sente vivendo uma crise como de parte daqueles que convivem com essa pessoa. A tentação primeira e primária, numa situação de crise é o isolamento e o trancar-se “num silêncio mesquinho e enganador”: *Não quero que vejam que estou em crise*” ou “*-Não quero que o outro saiba que eu sei que ele está em crise!*”

Educar para a capacidade de comunicação é “uma verdadeira arte que se aprende em tempos calmos para se pôr em prática nos tempos borrascosos” (AL 231). Desde a formação inicial e como uma temática a ser constantemente retomada na “formação permanente”, o/a religioso/a precisa aprender a comunicar e a aceitar a comunicação nos momentos críticos da vida.





## Os diferentes tipos de crises

Nem todas as crises são iguais. Há vários tipos de crise que afetam a vida de um/a religioso/a. Saber distinguir a natureza e a origem é importante para o diagnóstico que poderá indicar o caminho da sanção.

Há crises tipicamente pessoais que emergem nas mudanças pelas quais cada pessoa vai passando ao longo de sua vida (AL 236). É muito comum na VRC a falsa ideia de que o/a religioso/a é eternamente jovem e que poderá atuar ao longo de toda a sua vida com a mesma entrega e produtividade de quando tinha trinta ou quarenta anos. Infeliz ou felizmente, religiosos/as também envelhecem! Normalmente entramos jovens na congregação e, aos dez ou quinze anos de consagração, passamos para a fase adulta e mais tarde, começamos o processo de envelhecimento. Em cada fase, as possibilidades e necessidades físicas, mentais, afetivas, psíquicas, sociais e espirituais mudam. E nem sempre o/a religioso/a está preparado para acolher e responder positivamente a estas mudanças que nascem da nossa condição humana.

Junte-se a isso as crises que emergem nos momentos de doença e, nela, da perspectiva da morte. Religiosos/as têm a tendência muito forte de imaginar-se imunes a toda enfermidade e, por consequência, imortais. Confrontar-se com a própria humanidade e sua fragilidade é condição indispensável para aprender a conviver e administrar as crises pessoais.

Pensemos também nas crises advindas do ambiente laboral e que afetam a pessoa nas suas necessidades e sonhos. Para muitos/as religiosos/as, o trabalho se confunde com a atuação pastoral, educativa ou social. E isto pode camuflar as expectativas e frustrações que se fundamentam na necessidade de realização, reconhecimento e recompensa que todo ser humano espera de seu trabalho. Para muitos/as religiosos/as, o trabalho pode tornar-se um vício ou um martírio e isso pode provocar profundas crises pessoais. Nessas situações, não basta rezar e tudo oferecer a Deus. Sem descartar a espiritualidade, que deve sempre ser o motor do trabalho, é necessário estar atentos à dimensão de realização humana da atividade laboral, tão bem destacada pela Doutrina Social da Igreja.

Ou ainda – e muito mais perigosa – as expectativas (verdadeiras ou falsas) que brotam do exercício de alguma função de administração nas obras pastorais, educativas ou sociais ou de governo nas instâncias internas da comunidade ou das congregações. A vontade do exercício do poder é algo inerente à condição humana. E a experiência de seu





exercício pode levar à fascinação ou a extremas decepções. Quantos/as religiosos/as que não conseguem viver longe do poder ou, quando o deixam, também abandonam a vida religiosa!

Mas há também as crises pessoais que têm sua origem no ambiente comunitário ou institucional mais amplo (AL 235). Pensemos, por exemplo, na composição das comunidades. É muito comum que a recomposição dos membros de uma comunidade se torne o caldo para o aparecimento de crises. Não podemos nunca esquecer que nós somos nós e nossas relações! E as relações mais próximas e desafiadoras são as que vivemos no dia a dia com os irmãos e irmãs de comunidade. Quando a comunidade não consegue criar um espaço de convivência transitiva, de cumplicidade na missão, de mútua satisfação afetiva, não há como evitar as crises comunitárias. O habitual, quando um irmão ou irmã entra em crise, é jogar toda a culpa nessa pessoa: “- Ele/a está em crise”! Mas, e a comunidade, não tem ela também participação nesta dor e sofrimento do irmão ou da irmã?

E há as crises de fundo institucional mais amplo. Assim como as pessoas, as instituições também mudam com o tempo. Muitos/as religiosos/as ingressaram em uma congregação com uma determinada expectativa e, mesmo que, no momento inicial, tenham podido realizá-la, com o passar dos anos sentem-se limitados/as pelas premências ou deficiências institucionais. É comum ouvir-se de consagrados/as a afirmação de que “não entrei para a vida religiosa para isso”! Ou então, de que “para viver o carisma ao qual me consagrei, tenho de abandonar a instituição”. São afirmações duras que mostram que a razão da crise não está na pessoa, mas na instituição. Se a instituição não mudar, muitos/as outros/as entrarão em crise.

Por fim, como assinala o papa Francisco (AL 237), há as que nascem da “fragilidade humana”, da imaturidade afetiva ou espiritual, de falsas expectativas em relação à VRC não sanadas durante o tempo de formação. Para essas situações, há necessidade de acompanhamento especializado que ajude o/a religioso/a a “buscar as raízes profundas do que está a suceder, de voltar a negociar os acordos fundamentais, de encontrar um novo equilíbrio” que lhe permita avançar como pessoa humana, como cristão e como consagrado/a (AL 237).

## Alguns princípios fundamentais

Um primeiro e fundamental princípio no tratamento das crises é o de que *a pessoa está acima dos votos*. Com efeito, a fidelidade aos votos de pobreza, obediência e castidade são um parâmetro que ajuda a





estabelecer um limite entre o aceitável ou não aceitável em determinado comportamento ou estilo de vida. Mesmo supondo que os/as religiosos/as sejam pessoas maduras e que, portanto, o que fazem, fazem-no conscientemente, os/as superiores/as que acompanham os irmãos e irmãs nos momentos de crise “não podem esquecer aquilo que ensina, com muita clareza, o *Catecismo da Igreja Católica*: ‘A imputabilidade e responsabilidade dum ato podem ser diminuídas, e até anuladas, pela ignorância, a inadvertência, a violência, o medo, os hábitos, as afeições desordenadas e outros fatores psíquicos ou sociais’ (Cath 1735)” (EG 44).

Não sendo o grau de responsabilidade igual em todos os casos e tendo presente os múltiplos fatores presentes numa crise, “ao mesmo tempo que se exprime com clareza a doutrina, há que evitar juízos que não tenham em conta a complexidade das diferentes situações, e é preciso estar atentos ao modo como as pessoas vivem e sofrem por causa de sua condição” (AL 79).

Decorrente deste, temos o *princípio da gradualidade*. Nem todos os atos decorrentes de uma crise podem ser medidos com a mesma régua. E os mesmos atos praticados por diferentes pessoas em circunstâncias diferentes também devem ser pesados diferentemente. Isso não significa uma relativização da lei, “mas uma gradualidade no exercício prudencial dos atos livres em sujeitos que não estão em condições de compreender, apreciar ou praticar plenamente as exigências objetivas da lei”. (AL 295).

Olhado positivamente, esse princípio lembra que “um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correta de quem transcorre seus dias sem enfrentar sérias dificuldades” (EG 44). Ou, o que é pior ainda, o perigo maior daquele/a religioso/a que faz do ocultamento de suas próprias crises uma falsa virtude que o impede de ver a descida degradante que a cada dia o leva mais ao fundo do poço.

Seja num caso ou no outro, se impõem, acima de tudo, o *princípio da misericórdia* que se fundamenta na longa tradição eclesial evidenciada pelo Papa: “Duas lógicas percorrem toda a história da Igreja: marginalizar e reintegrar. (...) O caminho da Igreja, desde o Concílio de Jerusalém em diante, é sempre o de Jesus: o caminho da misericórdia e da integração. (...) O caminho da Igreja é o de não condenar eternamente ninguém; derramar a misericórdia de Deus sobre todas as pessoas que a pedem com coração sincero (...). Porque a caridade verdadeira é sempre imerecida, incondicional e gratuita” (AL 296).





E ela é tal – imerecida, incondicional e gratuita – porque se fundamenta não numa capacidade humana, mas no próprio ser de Deus que nos salvou e chamou gratuitamente, sem nenhum mérito nosso e sem que nós possamos, por nossas próprias forças, nada a ela acrescentar. Então, se Deus assim me perdoou, “quem sou eu para julgar”?

Três imagens, apresentadas de forma detalhada na Bula *Misericordiae Vultus*, perpassam os escritos papais e nos ajudam a meditar o princípio da misericórdia com a qual precisamos tratar as pessoas que estão em crise: a do pastor que deixa as 99 ovelhas salvas no aprisco e vai buscar a extraviada; a da mulher que não descansa até não encontrar a moeda perdida; e a do pai com os seus dois filhos (cf. Lc 15, 1-32). Segundo o Papa, “nestas parábolas, Deus é apresentado sempre cheio de alegria, sobretudo quando perdoa. Nelas, encontramos o núcleo do Evangelho e da nossa fé, porque a misericórdia é apresentada como a força que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão” (MV). Se Deus é assim, nós, que nos dizemos seus filhos e queremos ser como ele, por que não agiríamos da mesma forma com os irmãos e irmãs que, em meio à crise, se perderam?

Cabe ainda lembrar que “a misericórdia tem dois aspetos: é dar, ajudar, servir os outros, mas também perdoar, compreender. (...) Dar e perdoar é tentar reproduzir na nossa vida um pequeno reflexo da perfeição de Deus, que dá e perdoa superabundantemente. (...) A medida que usarmos para compreender e perdoar será aplicada a nós para nos perdoar. A medida que aplicarmos para dar, será aplicada a nós no céu para nos recompensar. Não nos convém esquecer-lo. (...) É necessário pensar que todos nós somos uma multidão de perdoados. Todos nós fomos olhados com compaixão divina. Se nos aproximarmos sinceramente do Senhor e ouvirmos com atenção, possivelmente uma vez ou outra escutaremos esta repreensão: “não devias também ter piedade do teu companheiro como Eu tive de ti? (Mt 18, 33)” (GE 80-82).

Para as pessoas convivendo e/ou acompanhando processos de crise é imprescindível dar-se conta de que “muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, por de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho” (EG 46).

Decorrente do princípio da misericórdia, está o *princípio das portas sempre abertas*. Se Deus é graça, e se sua graça é misericórdia, quem somos nós para pretender fechar as portas à ação restauradora de Deus?





Como diz o Papa, “muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa” (EG 47).

Não basta, porém, deixar as portas sempre abertas. É preciso deixar que as pessoas entrem e (re)ocupem o seu lugar na comunidade. É o que podemos chamar de *princípio da reintegração*. Com efeito, “ninguém pode ser condenado para sempre, porque esta não é a lógica do Evangelho”! (AL 297). A apocatástase final que anelamos, firmes na certeza de que o amor de Deus é maior que todo possível pecado humano, é um chamado a acolhermos de volta o irmão ou irmã que, superadas as situações objetivas de possível pecado decorrentes da crise, pede para ser reintegrado na comunidade. Cabe a esta discernir o modo desta integração (AL 297-300), mas nunca negá-la definitiva e completamente.

## Disposições espirituais para a superação das crises

No Capítulo IV da *Gaudete et Exsultate*, ao apresentar “algumas características da santidade no mundo atual”, o papa Francisco apresenta algumas disposições espirituais que podem ajudar na aceitação, administração e solução das crises.

A primeira disposição é a da *suportação, paciência e mansidão*. A simples observação destas três palavras poderia nos levar ao engano de considerar que o centro da solução para a resolução das situações conflitivas está nas pessoas nelas envolvidas. Não é isso que afirma o Papa. Segundo ele, a base sólida para a resolução dos conflitos não está nas pessoas, mas em Deus. Só quem deposita sua fé em Deus e não em si mesmo ou na comunidade é capaz de “suportar as contrariedades, as vicissitudes da vida e também as agressões dos outros, as suas infidelidades e defeitos: ‘se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?’ (Rm 8, 31)”. (GE 112).

É a fé de que o fundamento da vida em comunidade não está nos membros da comunidade e nem na instituição, mas no Deus que nos chama e congrega, que nos permite crer na possibilidade de restaurar os laços comunitários danificados ou até mesmo rompidos. Só é capaz de suportar a debilidade do irmão ou da irmã aquele/a que se sabe suportado pelo amor de Deus e, a partir desta experiência, é capaz de “não pagar a ninguém o mal com o mal (cf. Rm 12, 17), a não fazer-se justiça por conta própria (cf. 12, 19), nem a deixar-se vencer pelo mal, mas vencer o mal com o bem (cf. 12, 21)” (GE 113).





É esta força que vem de Deus que gera em nós a capacidade de não nos deixarmos levar pelas “inclinações agressivas e egocêntricas” que fazem parte de nossa condição humana (GE 114). Ela também “impede de nos deixarmos arrastar pela violência que invade a vida social, porque a graça aplaca a vaidade e torna possível a mansidão do coração”. (GE 116).

Para isso, é preciso aprender a conviver com as humilhações da vida: “Sem elas, não há humildade nem santidade” (GE 118). Cristo nos santificou através da humilhação da cruz e nos convida a seguir seus passos (1 Pd 2,21). Há as humilhações públicas e vexatórias como a dos/as cristãos/ãs expostos/as e execrados publicamente por causa do Reino de Deus. Mas há também as humilhações do cotidiano, do calar-se para preservar o nome e a honra do irmão ou da irmã, da comunidade, da Igreja, o evitar falar de si mesmo para que a honra seja atribuída a outro que nem sempre a tem, ou escolher as atividades e postos menos honrados e que ninguém quer assumir, mas que são importantes para o êxito da comunidade e da missão (GE 119).

Só quem passa e toma consciência desta dimensão salvadora da humilhação está apto a compreender o irmão ou a irmã humilhado/a em sua crise e sua dor e disponível para estender-lhe a mão e ajudá-lo a levantar-se.

Outra disposição importante é a alegria e sentido de humor. Com efeito, a fé cristã nasce da certeza de que a salvação prometida por Deus já está realizada e nós dela participamos. Nós acreditamos na Boa Notícia anunciada no Antigo Testamento e realizada de forma definitiva na pessoa de Jesus Cristo. Por isso, mesmo nos momentos difíceis, nos tempos de cruz, em meio às crises e suas dores e sofrimentos, o cristão é chamado a dar testemunho da Alegria do Evangelho (GE 122). A estética da VRC, na tradição ocidental, é marcada pela tristeza, monotonia, monocromatismo, assepsia e uniformidade. Muitas casas religiosas, mais do que casas onde moram pessoas que vivem a alegria do Evangelho, parecem sombras de hospitais, prisões ou cemitérios. É apenas um sintoma. Mas ele é significativo e pede diagnóstico e tratamento.

E o tratamento para isso, alerta o Papa (GE 128) não pode ser feito através do consumismo individualista próprio de nossa sociedade capitalista (LS 203). Não é enchendo a casa com coisas que apenas propiciam prazeres ocasionais e passageiros que se vive uma VRC alegre. A verdadeira alegria cristã é aquela “que se vive em comunhão, que se partilha e comunica, porque ‘a felicidade está mais em dar do que em receber’ (At 20, 35) e ‘Deus ama quem dá com alegria’ (2 Cor 9, 7).” (GE 128).





Da sã alegria nasce, segundo o Papa, o *sentido de humor* (GE 126–127). Falta-nos, muitas vezes, nos momentos de crise, a capacidade de rir de nós mesmos, da importância que damos a coisas tão pequenas e de nos considerarmos mais do que somos no conjunto da Igreja, da humanidade e do universo. Se olharmos as galerias de santos presentes nas capelas e nos corredores de nossas casas, será que encontraremos alguma imagem de santo/a com sequer um sorriso nos lábios? Todos/as sérios/as, sisudos/as, com olhar pesado e rostos contraídos... São apenas imagens. Mas são reflexo dos que os imaginaram e realizaram: religiosos tristes e acobalhados que se tomam mais a sério do que realmente o são. Sejamos capazes de nos relativizar, de rir de nós mesmos, de viver com alegria e humor. E as crises serão mais fáceis de suportar e superar.

Um terceiro elemento é a ousadia e ardor. As crises sempre geram medo e insegurança. É natural que seja assim. Tudo aquilo que estava constituído como base do ser e agir parece esfacelar-se abrindo um buraco que nos engole. Neste contexto, uma tentação frequente é a do fechamento, seja em si mesmo, seja na comunidade. Diante da instabilidade, o mais seguro parece ser o manter-se dentro do mundo conhecido e dominado. Nada mais fatal para quem está em crise do que esta atitude.

Com efeito, cada pessoa não é uma mônada no universo. Como dizíamos anteriormente, nós somos nós e nossas relações. Quando uma pessoa está em crise, também as relações que a constituíam estão em crise. Manter-se dentro do mesmo universo é o primeiro passo para a impossibilidade de superação da crise e a morte certa por asfixia. É preciso sair do mundo que muitas vezes é o fator causante da crise e buscar novas relações.

Para o/a consagrado/a, que tem sua vida orientada pelo Evangelho, a crise só pode ser superada com *parresia*, com ousadia e impulso evangelizador (GE 129). A compaixão para com o outro, que talvez sofra muito mais que nós mesmos (GE 131 e 135) pode ser, na maioria dos casos, um elemento fundamental para a superação de crises que resultam do enimesmamento egocêntrico.

É preciso vencer o perigo da *habituação*, que “seduz-nos e diz-nos que não tem sentido procurar mudar as coisas, que nada podemos fazer perante tal situação, que sempre foi assim e todavia sobrevivemos” (GE 137).

Assim como “a santificação é um caminho comunitário” (GE 141), a superação das crises na VRC sempre passa pela *mediação da comunidade*. Em primeiro lugar, porque, como dissemos acima, muitas vezes, a crise não é da pessoa, mas da comunidade. A pessoa só superará sua crise se





toda a comunidade passar por um processo de sanação. Se é verdade que uma maçã podre apodrece todo o cesto, também é verdade que não adianta colocar uma maçã sã num cesto de maçãs podres. Logo, logo, a maçã boa também apodrecerá.

Nossa cultura ocidental – e nela a VRC – é marcada pelo mito do herói solitário. Aquele homem que, sem a ajuda de ninguém, conseguiu superar todas as tentações e alcançar a glória eterna. Nas narrativas fundacionais, frequentemente se exacerba a importância do/a fundador/a e se esquece a comunidade que com ele/a deu configuração histórica ao carisma. Por trás destas narrativas, está a tentação do pelagianismo, que dispensa a graça de Deus e a mediação da comunidade enquanto sinal sensível da graça de Deus no mundo (GE 47-62).

Nós “cremos na comunhão dos santos”. Ninguém se salva sozinho (GE 141). Por que, então, pretender dispensar a comunidade nos momentos de maior dor e sofrimento? O isolamento só acirra a crise e pode conduzir a um beco sem saída. Assim como a crise eclesial só pode ser superada por “uma Igreja em saída”, também as crises da VRC serão mais facilmente superadas com atitudes missionários, de saída, de desenclaustramento e coragem de assumir novos desafios e novas relações.

Se a *parresia* e a comunidade são as aberturas ao outro que desvendam caminhos para a superação das crises, a *oração* é a abertura para o Grande Outro que nos dá a força para superá-las de forma definitiva. É a abertura a Deus que impede o/a religioso/a de “asfixiar-se na imanência fechada deste mundo” (GE 147).

Para superar as crises, uma importante ajuda é o hábito de dialogar com Deus tanto na vida diária (GE 148) como em momentos extraordinários e exclusivos para o encontro com Ele (GE 149).

Encontro com Deus que não é evasão do mundo (GE 152), mas olhar o mundo com o olhar de Deus e, a partir dele, poder contemplar o panorama da salvação em meio ao qual a crise pessoal ou comunitária se situa. A oração é falar a Deus, sim. Mas é também deixar que ele nos fale e nos descreva a nossa crise tal qual Ele a vê. E assim, sob a luz da Palavra, poderemos tomar as decisões mais acordes com a vontade divina.

## Conclusão

Uma Igreja renovada pelo reencontro com Cristo que convida sua Esposa a sair outra vez a caminho para recolher os/as filhos/as





desgarrados/as e abrir-se às novas realidades, certamente vai gerar uma nova VRC. Esse parto não se dará sem crises, sem dores e sem sofrimentos. É preciso passar por elas. Mas o fazemos com a certeza de que o nosso caminhar é dirigido por Aquele que passou pela crise do Horto das Oliveiras e pela crise da Cruz. Confiado no Pai e com a força do Espírito, foi capaz de superar a agonia e a morte e renascer Ressuscitado. Se, enquanto religiosos/as morrermos com Ele na construção de novas pessoas, uma Nova Igreja, de uma nova humanidade e do Reino de Deus, temos certeza que aVRC renascerá em novas configurações para anunciar e testemunhar, nos novos tempos, a Alegria do Evangelho.

### Para dialogar

- Temos o costume, em nossas comunidades, de conversar sobre as crises pessoais e institucionais? O que facilita e o que dificulta o diálogo sobre as crises pessoais e comunitárias que vivemos na VRC?
- Na nossa Congregação ou nos espaços Intercongregacionais da VRC, há pessoas capacitadas, instâncias ou estruturas de suporte para as pessoas e comunidades que passam por situações de crise? Qual foi nossa experiência ao utilizá-las? Ajudaram na resolução da situação ou foram inócuas? O que podemos fazer para criá-las ou, caso já existam, melhorá-las?
- Partilhar alguma crise vivida ao longo de seu percurso como religioso/a e assinalar o que o/a ajudou na superação da crise.

## Referências Bibliográficas

FRANCISCO, Papa. *Amoris Laetitia*. Exortação apostólica Pós-Sinodal do Santo Padre Francisco aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas, aos esposos cristãos e a todos os fieis leigos sobre o amor na família. Roma, 19 de março de 2016. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html) Acesso em: 15 de fevereiro de 2019.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica do Papa Francisco ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos





fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 24 de novembro de 2013. Disponível em: [https://m.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium\\_po.pdf](https://m.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.pdf) Acesso em: 15 de fevereiro de 2019.

FRANCISCO, Papa. Gaudete et Exsultate. Exortação Apostólica do Papa Francisco sobre a santidade no mundo atual. Roma, 19 de março de 2018. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20180319\\_gaudete-et-exsultate.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html) Acesso em: 15 de fevereiro de 2019.

FRANCISCO, Papa. Laudato Si. Carta Encíclica do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum. Roma, 24 de maio de 2015. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html) Acesso em: 15 de fevereiro de 2019.

FRANCISCO, Papa. Misericordiae Vultus. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Roma, 11 de abril de 2015. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html) Acesso em: 14 de fevereiro de 2019.





# AS FORMAS DE INABITAÇÃO DE DEUS NA ALMA: UMA SISTEMATIZAÇÃO A PARTIR DO PENSAMENTO DE EDITH STEIN

FREI HÉRCULES DE VASCONCELOS MORENO<sup>1</sup>

Baseados no que Edith Stein (Santa Teresa Benedita da Cruz, OCD) expõe em sua obra “A Ciência da Cruz” (mais especificamente no capítulo II e no tópico intitulado “As diversas formas de união com Deus”) na qual ela faz um detalhado estudo sobre os escritos e a vida de seu pai espiritual, o espanhol São João da Cruz, propõe-se ressaltar, no presente artigo, o que ela expõe no tocante à progressiva configuração à imagem divina por meio das formas de união com Deus.

Nesse configurar-se, vêm à tona as três maneiras nas quais, segundo a professora Stein, Deus se relaciona com as criaturas, e de modo mais específico, com a alma, apontando, inclusive, para realidades ocorridas e vivenciadas pelo sujeito, as quais serão descritas em pormenores num oportuno momento.

É necessário salientar que Edith Stein já expõe essa reflexão, com base naquilo que João da Cruz havia mensurado em seus escritos: o que aqui se elucidará será uma categorização ou tipificação e um

<sup>1</sup> Nascido em Bananeiras/PB, é Frade Menor Capuchinho na Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil (PRONEB), tendo feito sua primeira Profissão Religiosa em 12 de outubro de 2015. É Bacharel em Administração de Empresas pela UFPB e graduando em Filosofia pela FAFICA (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru). E-mail: herculesdevasconcelos@hotmail.com.





aprofundamento correlacionado da temática sobre a doutrina e as formas de inabitação de Deus na alma, fundamentada, sobretudo, na explanação desta renomada filósofa e mística.

## O conceito de inabitação: presença unitiva, ação transformadora

Inicialmente, é necessário compreender o real sentido da terminologia “inabitação”, a fim de obter clara consciência diante de sua real significação, relacionando, assim, os elementos que estão presentes nessa abordagem, bem como os autores que tratam eloquentemente da temática da inabitação divina, a qual é íntima união com Deus.

Partindo da análise etimológica, depara-se com a partícula “in”, a qual, vinda originalmente do latim, dentre outras significações, comporta os conceitos de circunstância de lugar (em, dentro de, entre, no meio de, sobre). Conforme o dicionário de latim-português (Editora Porto, 2001, p. 354), o termo *inabitação*, em algumas de suas declinações, está relacionado às palavras *inhabitatio* (habitação, morada), *inhabitor* (habitante), ou ainda, *inhabito* (habitar em).

É crivo ressaltar a correlação etimológica com o sufixo do termo “innatus”, designando nascido em, natural, inato, igualmente conforme o dicionário de latim-português (2001, p. 356). Diante do exposto, nota-se que, muito diferente do que à primeira vista possa parecer, a “inabitação” não se define meramente como uma “não habitação”, mas a uma habitação profunda, um “lugar” que se tornou morada, espaço íntimo, local de efetiva e afetiva presença.

A esse respeito, destacamos o pensamento de Elisabete da Trindade, Carmelita Francesa que, vivendo apenas vinte e seis anos, dedicou-se sobremaneira em não apenas dissertar sobre o conceito em questão, mas foi, certamente, alguém que experimentou de modo intenso, em sua própria vida, os efeitos dessa profunda e íntima comunhão com o Ser Divino, isto é, com a Santíssima Trindade: “É preciso que eu fique em tua casa. É o meu divino Mestre que me comunica este desejo. Ele quer habitar em mim com o Pai e seu Espírito de amor, para que eu viva ‘em sociedade’ com eles”. (TRINDADE, 1993, p. 109).

O que Elisabete diz possui respaldo no pensamento de João da Cruz, o qual menciona, no tocante ao local de tamanha comunhão com Deus, que de fato, na substância da alma, onde nem o centro do





sentido nem o demônio podem chegar, é que se passa esta festa do Espírito Santo. Consequentemente, é tanto mais segura, substancial e deleitosa, quanto mais interior; pois quanto mais interior, tanto mais pura; e quanto maior é a pureza, tanto mais abundante, presente e geral é a comunicação de Deus (SÃO JOÃO DA CRUZ, 2002, p. 832).

Um outro escritor, também espanhol, igualmente elucida um conceito sobre a união com Deus, isto é, a inabitação, relacionando-o com a própria divinização:

No cristão, a inabitação equivale à união hipostática na pessoa de Cristo, se bem que não seja ela, mas sim a graça santificante, a que nos constitui formalmente filhos adotivos de Deus. A graça santificante penetra e embebe formalmente nossa alma, divinizando-a. Mas a divina inabitação é como a encarnação em nossas almas do absolutamente divino: do próprio ser de Deus tal como é em si mesmo, uno em essência e trino em pessoas (Marín, 1977, p. 48).

Diante do exposto, pode-se afirmar que a íntima presença de Deus – Trindade Santa – é a essência da inabitação divina na alma que foi justificada pela Graça misericordiosa de Deus, a qual opera essa união hipostática, isto é, transformadora na própria imagem de Cristo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gálatas 2, 20a).

Ressalta-se a presença e a união com a Trindade, isto é, com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, pois, como afirma Santo Agostinho “é inseparável a habitação de quem é inseparável a operação” (PIKAZA; SILANES, 1998, p. 444).

É claro que a definição supracitada se trata do mais alto grau de união com Deus, o qual se expressa também por uma forma específica de inabitação, a qual será exposta em favorável circunstância. Ademais, tendo introduzido por meio de alguns teóricos o conceito dessa íntima e intrínseca união com Deus, também nomeada como inabitação, sigamos agora para a categorização das formas de união com Deus, elencadas por Edith Stein.

## As formas de Inabitação: degraus para a íntima comunhão com a divina Graça

O arcabouço de informações contido no pensamento da mística professora Stein acerca das diversas formas de união com Deus é dividido em três modalidades, fazendo jus à categorização feita pelo próprio





João da Cruz – o Doutor místico – muito embora, em suas obras, ele as caracterize como “noites do espírito” ou mesmo como estágios de uma mesma noite. É a própria Edith Stein quem assim menciona:

São João da Cruz distingue três formas de união com Deus: pela primeira, Deus está essencialmente presente nas coisas criadas, mantendo-lhes a existência; pela segunda dá-se a inabitação na alma, mediante a graça; enquanto a terceira consiste na união transformadora, mediante o amor perfeito (STEIN, 2014, p. 139).

A fim de melhor expor as três supraditas formas, tratar-se-á de pormenorizar cada um destes modos de união com Deus, separadamente, buscando, contudo, estabelecer relações entre tais.

## Deus presente nas coisas criadas

Como primeira forma de união com Deus, com sua divina presença, Edith elucida a presença da Divindade nas criaturas, concedendo-lhes o dom da vida, mantendo-lhes o sopro da existência, sem o qual ninguém subsiste, conforme cita o salmista no Salmo 103: “Retiras sua respiração e eles expiram [...] Envias teu sopro e eles são criados”.

Segundo São Boaventura,

as criaturas do mundo visível são os sinais das perfeições invisíveis de Deus, seja porque Deus é a causa, seu exemplar e seu fim [...], seja por meio de sua própria representação, seja como figura profética, seja pelo ministério dos anjos, seja por uma instituição divina. Todas as criaturas são, de fato, pela sua natureza, uma imagem ou semelhança da sabedoria eterna (2012, p. 49).

Deste modo, segundo o vocabulário do mesmo Boaventura – o Doutor Seráfico – as criaturas são “vestígios” do próprio Deus, que, por meio das realidades sensíveis, quer que a pessoa seja elevada às realidades suprasensíveis ou eternas, segundo o convite do apóstolo São Paulo: “Procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus” (Col 3, 1b).

A respeito desse aspecto, Edith concatena que “Deus está presente em todas as coisas, mantendo-lhes a existência: sobre essa verdade de fé, familiar a São João, como teólogo, e que Teresa (de Ávila) precisou descobrir, ambos partilham da mesma opinião. Deus prevê todas as coisas e as conhece a fundo em todas as suas transformações e vicissitudes”. (STEIN, 2014, p. 140).





Diante do exposto, fica claro que a primeira forma descrita por Stein na sua releitura de João da Cruz é por meio da própria existência, da própria natureza das criaturas de um modo geral, mormente nos seres humanos, como ela mesma põe em destaque quando, ao se referir à presença de Deus em todas as coisas criadas, realça que “essa inabitação divina existe em cada uma das almas humanas, as quais, desde toda a eternidade, Deus as conhece com os segredos de sua natureza e seu ritmo de vida” (STEIN, 2014, p. 140).

Salienta-se, contudo, que noutro momento de sua obra “A Ciência da Cruz”, Edith chama essa forma de união com Deus de “Divina presença, por não ser inabitação propriamente dita”, ao que ela explica que “para haver inabitação é preciso que ambas as partes sejam seres interiores, ou seja, seres que se apreendam e se compreendam intimamente e que sejam capazes de receber outro ser, de tal modo que, sem a perda da individualidade, ambos possam constituir uma unidade” (STEIN, 2014, p. 147), pois, em se tratando dessa espécie de presença com Deus, “o ser divino e a criatura permanecem completamente separados; entre eles há somente uma relação de dependência existencial e unilateral que não significa união, nem, portanto, inabitação” (STEIN, 2014, p. 147).

Diante do supracitado, pode-se entender que Stein estava mencionando a incomensurável diferença da presença de Deus comum a todas as criaturas, daquela que se dá na união pela graça, e sobretudo, na união de amor perfeito.

Entretanto, para além dessa habitação, comum a todas as coisas criadas, os seres humanos são impelidos, seja pela vocação cristã à santidade, a qual lhes foi impressa por meio do Batismo, seja pelo ardente desejo de comunhão com o transcendente, a aprofundar-se de modo intrínseco e peculiar na intimidade com o Senhor Deus. Desse modo, transpõem-se para a abordagem da segunda forma de união com Deus: por meio da ação da divina graça.

## A inabitação na alma, mediante a graça

A filósofa Stein assegura que tanto João da Cruz quanto Teresa de Ávila – ambos propulsores da reforma do Carmelo, sua ordem religiosa – concordam que existe uma elementar e substancial diferença entre a união divina por meio da existência e esta por meio da graça: “a inabitação de Deus, pela graça, é diferente dessa presença divina comum a todas as demais criaturas” (2014, p. 140).





Destarte, analisaremos, a seguir, o que caracteriza a união com Deus, por meio da ação da graça santificante, a qual nos conduz progressivamente para a íntima e amorosa relação com o Senhor.

Acerca dessa modalidade de união divina, a mística alemã elucidada que “a inabitação pela graça existe apenas nos seres de natureza pessoal e espiritual, porque requer de quem a recebe a livre aceitação da graça santificante” (STEIN, 2014, p. 141), e ainda “a inabitação pela graça implica um fluxo da natureza e vida divinas, as quais agraciam a alma; ora, essa vida é pessoal e só poderá entrar onde uma pessoa humana lhe abre a porta” (STEIN, 2014, p. 141).

O que fora exposto, esclarece que, sob a moção da divina graça, há uma busca, uma sede, um ímpeto, um desejo, um esforço por parte da pessoa que intenta ingressar nas veredas da profunda “comunicação” com Deus, tornando-se, progressivamente, integrada com o mistério trinitário: “A alma que Deus inhabita pela graça não é mero cenário impessoal da vida divina, acha-se nela integrada. A vida divina é trinitária. [...] A convivência da alma com a vida trinitária pode realizar-se ainda que a própria alma não se dê conta da inabitação das três pessoas divinas” (STEIN, 2014, p. 141).

Edith menciona que, “pela graça santificante, nos é dada uma semente que, sob nossos cuidados, deve desabrochar e tornar-se árvore frondosa, produzindo excelentes frutos” (STEIN, 2014, p. 142). Deste modo, podemos comparar essa “presença íntima”, por meio da inabitação pela graça, com a semente que é lançada à terra, cuidada, cultivada, tornando-se, paulatinamente, esta árvore frondosa, segundo sua espécie, e que, a seu tempo, dará os frutos: assim também é a vida da graça, a qual, vinculando a alma fiel à Deus pela fé, esperança e caridade, se fará presença real, comunhão efetiva e afetiva: “Deus vive em seu íntimo, ele pode encontrá-lo dentro de si, a sua vida de graça e virtude é efeito e participação da vida divina na alma” (STEIN, 2014, p. 141).

Sobre essa vida de fé, ela ainda menciona que “a inabitação pela graça confere a virtude da fé, ou seja, a força de aceitar o que não se pode provar rigorosamente com razões e ter como real aquilo que não se percebe em sua presença” (STEIN, 2014, p. 148). É óbvio que nesse “estágio” muito se leva em conta a ação do ser humano, atrelada à suprema e poderosa ação de Deus, e nisto há algo de substancial no tocante ao tênue umbral que divide a união pela graça e a união pelo amor perfeito: nesta última, a qual se consuma num enlace amoroso,





num desponsório místico, num matrimônio espiritual, há puramente a ação divina, diante da qual a alma já está completamente imersa: eis a terceira forma de inabitação, a qual elucidaremos de hora em diante.

## A união transformadora, mediante o amor perfeito

Tanto João da Cruz, quanto Teresa de Jesus se detêm sobremaneira nesse modo de união com Deus, destarte por ser a meta da vida espiritual. De igual modo, Edith Stein também se debruça e se delonga proficuamente no estudo dessa forma de inabitação divina, observando as definições dadas pelos pais espirituais da reforma carmelitana, sistematizando, assim, de modo eloquente, as características e os pormenores referentes a esse específico e peculiar modo de união com Deus.

Primeiramente, evidenciar-se-ão as “características” da união pelo amor perfeito, também conhecida como oração de união ou união mística, as quais lhe diferenciam sobretudo da união pela graça, pois “as três modalidades de inabitação de Deus são diferentes, não só em grau, mas também em espécie” (STEIN, 2014, p. 147).

Diante disso, observe-se o que Stein apresenta, fazendo correlação da união pelo amor perfeito e a união pela graça:

A inabitação pela graça já se aproxima dessa modalidade. Quem estiver voluntária e conscientemente submisso à essência, ciência e potência de Deus e afirmar positivamente essa submissão, recebe Deus em si; seu ser é penetrado pelo ser divino. Mas essa penetração não é completa: é limitada pela capacidade de quem a recebe. Para que se realize a completa penetração do ser divino – e nisto consiste a perfeita união amorosa –, a alma deve estar desvencilhada de qualquer outro ser; deve estar vazia de todas as criaturas e até de si própria, como expõe João da Cruz com tanta insistência (2014, p. 147).

É latente, portanto, que a plena comunhão com Deus não depende somente do esforço humano, mas, acima disto, da benevolência divina, a qual, por infinito amor e bondade, “tocará” ou “visitará” a alma, proporcionando-lhe um encontro íntimo e pessoal com Ele próprio.

Na abordagem sobre a ação humana e divina, vem à tona o pensamento de São João da Cruz, quando se refere à “noite escura”, por meio da qual a alma, progressivamente, se entrega ao Senhor e o próprio Deus se lhe entrega, e isso se dá, respectivamente, de modo ativo e passivo, isto é, naquele há a ação e o esforço da alma; neste, há a pura ação de Deus somente na alma que já foi unida a Ele pela oração de união pelo perfeito amor.





Edith elucida que Santa Teresa “declara com insistência e insofismável clareza que a ‘oração de união’ não pode ser alcançada com esforço próprio” (STEIN, 2014, p. 142). É também Teresa que menciona que “a alma não sabe como pode merecer tanto bem – de onde ele pode advir, quero dizer, pois ela bem sabe que não o merece”. (SANTA TERESA, 2008, p. 495). Na verdade, “tudo isso Deus concederá gradativamente ao homem pela terceira modalidade de inabitação, a vocação mística” (STEIN, 2014, p. 148).

É nessa beatíssima graça da perfeita união pelo amor que dar-se-á o encontro entre Deus e a pessoa: “Deus, com sua essência, toca o íntimo da alma (para João da Cruz, a substância). A substância de Deus nada mais é do que seu próprio ser, ele mesmo” (STEIN, 2014, p. 149).

Diante disso, Edith salienta que não há a exigência da inabitação pela graça para esse toque; entretanto, para que houvesse a entrega recíproca entre Deus e a alma, seriam, sim, necessários a fé e o amor, e em decorrência, a ação da graça:

Observemos ainda que o simples toque no íntimo não exige, como condição necessária, a inabitação pela graça [...] A união, porém, que é entrega mútua, não poderá existir sem fé e amor, ou seja, sem a graça santificante. Numa alma que não a tivesse, a união, para existir, deveria ser acompanhada da graça santificante, tendo como condição um ato de perfeita contrição (STEIN, 2014, p.149).

Deste modo, pode-se compreender esse “Toque divino” como um “estímulo” de Deus para a alma, impelindo-a a desejá-lo sempre mais intensamente, entregando-lhe, assim, todas as suas faculdades e potências, e deste modo, dando-se inteiramente a Deus, o qual, segundo seu beneplácito, também dar-se-á à alma: eis aí o que a literatura mística, sobretudo carmelitana, chama de casamento ou matrimônio místico, externando, deste modo, os sagrados esponsais de Deus com a alma.

Nesse “estágio”, as duas vontades – humana e divina – já se configuram numa só, e a alma, já “perdida” no infinito de Deus, apenas o deseja em plenitude, aspirando continuamente a plena comunhão com ele segundo o vivo caráter poético de João da Cruz (2002, p. 40): “Vivo sem viver em mim, e de tal maneira espero, que morro porque não morro”.

Assim sendo, entendemos que o íntimo da alma é o “lugar de contato pessoal e de união”, o qual Deus escolheu para constituir sua morada, ou no vocabulário de Teresa de Jesus, seu “Castelo”, no qual ele encontra seus deleites: “Não é outra coisa a alma do justo senão um paraíso onde Ele disse ter suas delícias” (2008, p. 441).





A esse respeito, recorremos ao que mencionou um outro escritor teológico e espiritual, o Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus:

Deus é a grande realidade do castelo, é toda a sua beleza. É a vida da alma, a fonte que a fecunda e ‘sem a qual perderia todo o seu frescor e fertilidade’; é o sol que a ilumina e que vivifica as suas obras. Esta presença de Deus no Castelo não é um símbolo, uma criação da imaginação. É uma realidade. Deus habita verdadeiramente na alma (2015, p. 57).

O que fora mensurado a respeito desse “lugar” de íntima comunhão e relação trata-se, portanto, de uma comunhão íntima, de uma frutuossíssima comunicação entre a alma e Deus, que, na verdade, já são um só: a pessoa, toda entregue ao Senhor, o qual já se lhe deu também, se transforma paulatinamente Nele, se “diviniza”, se “deifica”, isto é, é integrado no mistério divino que lhe habita, conforme refere Edith ao diferenciar a inabitação pela graça, desta pelo perfeito amor: “Há algo essencialmente diferente da simples união pela graça: aqui ocorre a mais íntima e profunda absorção pelo ser divino, que por sua vez deifica a alma” (STEIN, 2014, p. 150).

A esse respeito, vale recordar o que mencionou Enzo Bianchi, ao dizer que

o cristão é feito *stravrophore* (aquele que carrega a cruz no seguimento de Jesus) para se tornar *pneumatophore* (portador do Espírito, seu templo, inabitação) até participar da natureza divina (cf. 2Pe 1,4). Acontece, então, a divinização do homem que não é resultado de suas próprias forças, mas operada no homem por obra do Espírito Santo que derrama em nós o amor (ágape) até fazer de nós como o Filho de Deus, o Crucificado que perdoa os inimigos e pede que todos sejam salvos (BIANCHI, 2000, p. 50 – adaptação).

Diante disso, vê-se quão intrínseca é a relação que se dá na inabitação pela ação do amor perfeito, quando o crente, unido, transformado e perdido no seio da Trindade que lhe habita, somente à vontade de Deus aspira e é por isso que “a entrega da própria pessoa se afigura ao mesmo tempo como posse audaciosa, que sobrepuja toda a inteligência humana” (STEIN, 2014, p. 150).

Já próxima de concluir essa abordagem sobre as formas de união com Deus, a mística filósofa expõe mui categoricamente as razões sobre a diferença da entrega amorosa no matrimônio místico (união pelo amor perfeito) e da entrega incondicional da vontade da alma fiel à vontade divina (união pela graça), as quais observaremos nas próprias palavras de Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein):





A diferença é de natureza cognitiva: quando Deus se lhe entrega pelo matrimônio místico, ela chegará a conhecê-lo de um modo pelo qual antes não o conhecia, nem poderia conhecer; além disso, antes ignorava suas íntimas profundezas. Ainda mais: ela não sabia ainda, como agora o sabe, a quem entrega sua vontade, o que entrega e qual a entrega que a vontade divina lhe exige. Há também diferença de ordem volitiva quanto à finalidade: a entrega da vontade tende à união do querer próprio com o querer divino, e não visa ao coração de Deus, às pessoas divinas. Há diferença quanto ao ponto de partida, porque somente agora foi atingido o íntimo, somente agora a vontade se abrange a si mesma, abraça a pessoa inteira, partindo de seu centro mais pessoal; há ainda diferença de realização, pois na entrega nupcial não haverá somente subordinação e integração da vontade própria à vontade divina, mas aceitação da entrega que parte de Deus (STEIN, 2014, p.150).

Nesta profunda união com o mistério trinitário, por meio do matrimônio místico, “quando houver completa integração na vida divina, pela perfeita união amorosa, chegar-se-á a saber que se está vivendo uma vida trinitária – com as três pessoas divinas – e que se tem contato com essas três pessoas” (STEIN, 2014, p. 151).

Certamente, Stein elucida o que se acaba de mencionar, pelo fato de que os que ainda não chegaram na perfeita união mística com o Senhor, apenas perceberão o toque divino em si, não sabendo se “o contato foi com uma ou diversas pessoas” (STEIN, 2014, p. 151). Entretanto, pela própria natureza da Santíssima Trindade, em sua intercompemtração (Pericorese) o toque será uma relação, um contato com as três pessoas divinas – “Eu e o Pai somos um” (cf. Jo 10, 30) –, fato este que apenas será conhecido por quem já vive o matrimônio místico.

Tudo o que fora elucidado certamente já havia sido dito nas sagradas escrituras, quando no Apocalipse lê-se: “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo” (Ap. 3,20). O que o escritor sagrado expõe é o ardente desejo de Cristo, no tocante a habitar a alma, a criar intimidade e relação, a ser presença pulsante no ser humano, estando também a pessoa humana imersa em seu sublime mistério.

## Considerações finais

Diante desta apurada exposição do pensamento de Edith Stein acerca das formas de união com Deus, e mais especificamente das formas de inabitação, à guisa de conclusão, deseja-se apontar o incomensurável valor





da reflexão feita pela mística-filósofa no tocante à análise do que fora dito por João da Cruz, ao se referir aos modos de união com Deus, levando-nos a aspirar mais ardentemente ao íntimo encontro com o Senhor.

Em sua sistematização, Stein traz à tona uma ampla experiência mística, a qual ela própria vivenciou, tendo como inspiração os grandes mestres de espiritualidade, sobretudo os de sua ordem religiosa, dando ênfase, sem sombra de dúvidas, a João e Teresa, ambos propulsores da reforma do Carmelo descalço.

Incomensurável é o valor dessas concatenações, objetivando a distinção e a categorização dos modos de união com Deus, seja pela existência, pela ação da graça ou pela união por meio do perfeito amor, para o qual deve tender a vida do cristão, almejando a profunda e frutuosa relação com o Senhor que habita em seu ser, fazendo menção da tão conhecida exclamação agostiniana: “Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora” (SANTO AGOSTINHO, 2008, p. 299).

Sabendo-se da presença de Deus em nossa vida, ou mais especificamente na alma, cresce na alma fiel a ardente vontade não somente de ser toda de Deus, mas também o desejo de Deus dar-se a ela, isto é, à alma, por meio dos divinos e sublimes esponsais, nos quais dá-se uma sacrossanta permuta, pois, no poético dizer de Teresa de Ávila (2008, p. 967), “os corações se hão trocados: meu Amado é para mim, e eu sou para meu amado”.

À medida que aumenta a intimidade com o Senhor, cresce também o gosto de estar com o divino companheiro e, aos poucos, vai-se tomando consciência do próprio ser como morada do Espírito Santo, pois, conforme menciona o apóstolo São Paulo, “o Espírito de Deus habita em vós” (Rom 8, 8) e “vosso corpo é templo do Espírito Santo que está em vós” (I Cor 6, 19).

Em vias de conclusão, visa-se destacar que o presente artigo, muito distante de ser um estudo estanque sobre a “doutrina” de Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), é um convite ao aprofundamento no pensamento desta ilustre mulher, fato este que pode ser observado pelo notório aumento no interesse pelo estudo de sua obra, e isto em várias perspectivas: psicológica, pedagógica, filosófica, mística.

Por fim, para além das especulações e elucubrações científicas, certamente se fez notar o apanágio espiritual, traço característico de Edith Stein, como uma pessoa que viveu empenhada na ardente e desafiadora busca pelo Transcendente, por Deus, pelo sagrado Mistério que lhe





habitava, do qual ela se apercebeu como templo vivo. Que seu exemplo sirva de modelo a todos nós, a fim de que, vivendo num sublime diálogo com Deus, aprofundemo-nos sempre mais na realidade suprema que nos envolve e da qual também somos morada.

### Questões para reflexão

1. Considerando o exemplo de tantos homens e mulheres que viveram numa profunda intimidade com Deus, sobretudo o modelo por excelência, Nosso Senhor Jesus Cristo, reconheço e privilegio em minha vida cristã e religiosa consagrada a oração como encontro fecundo com Deus?
2. Quais aspectos fundamentais de espiritualidade podem ser destacados na vida de oração do/a fundador/a de nossa Ordem/Congregação/Comunidade?
3. Minha vida cotidiana na comunidade e na sociedade é um reflexo de minha união com Deus, por meio da oração?

### Referências Bibliográficas

- BIANCHI, Enzo. La vie spirituelle chrétienne, in *Vie consacrée* 2000, n. 1, p. 35-52. Disponível em: <http://franciscanos.org.br/?p=26860>. Acessado em 22 de junho de 2018.
- BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. Português. 4. imp. São Paulo: Paulus, 2006.
- Dicionário de Latim-Português. 2. ed. rev. e atual. Porto: Porto Editora, 2001.
- JESUS, Frei Maria-Eugênio do Menino. Quero ver a Deus. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MARÍN, Antônio Royo. Somos hijos de Dios. Madrid: BAC, 1977. Disponível em: <https://ifte.blog.arautos.org/tag/inabitacao-santis-sima-trindade/>. Acessado em 20 de junho de 2018.
- PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereu. Dicionário Teológico “O Deus Cristão”. São Paulo: Paulus, 1988.
- SANTA TERESA DE JESUS. Obras Completas. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2008.





- SANTO AGOSTINHO. Confissões. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- SÃO BOAVENTURA. Itinerário da mente para Deus. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SÃO JOÃO DA CRUZ. Obras Completas. 7. ed. Petrópolis:Vozes, 2002.
- STEIN, Edith. A Ciência da Cruz. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- TRINDADE, Elisabete da. Obras Completas. 2. ed. Petrópolis:Vozes, 1993.

95

CONVERGÊNCIA – Ano LIV – Nº 523 – Julho e Agosto 2019





# POLÍTICAS PÚBLICAS E VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA: O CUIDADO

PE. JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO, SDB<sup>1</sup>

## Introdução

Com este artigo quero fazer eco tanto a Campanha da Fraternidade deste ano que nos traz um tema interessante e comprometedor sobre Fraternidade e Políticas Públicas, como também as Diretrizes finais do encontro convocado pelo papa no Vaticano no mês de fevereiro.

Em tempos de escândalos envolvendo membros do clero, religiosos e religiosas, envolvidos em abusos sexuais de menores e também de religiosas, que muito nos entristece, exige de nós uma postura mais firme e, por que não dizer, educativa preventiva. Papa Francisco alertou claramente sobre o problema no discurso final do encontro sobre “proteção dos menores na Igreja”:

Estamos, pois, diante dum problema universal e transversal que, infelizmente, existe em quase toda a parte. Devemos ser claros: a universalidade de tal flagelo, ao mesmo tempo que confirma a sua gravidade nas nossas sociedades, não diminui a sua monstruosidade dentro da Igreja <sup>2</sup>.

1 Pe. João da Silva Mendonça Filho é Salesiano de Dom Bosco, pertence a Província Salesiano do Norte do Brasil (Inspetoria São Domingos Sávio). Autor de artigos para revistas especializadas, autor de livros para juventude e vida religiosa, pregador de retiro. Atualmente é membro do conselho da CRB regional Norte 2 Pará-Amapá e pároco. E-mail: pe.mendonca@hotmail.com.

2 FRANCISCO, Discurso final do papa no encontro sobre a proteção dos menores na Igreja, Vaticano 21-24/02/2019, [www.vatican.va/](http://www.vatican.va/), acesso: 28/02/2019,





Esta chamada do Papa, dentro do tema da CF, pode nos ajudar a refletir, desde dentro de nossas estruturas de Províncias e comunidades religiosas, a avaliar o exercício do poder que temos e que, às vezes, é usado para explorar, abusar de pessoas e até criar disputas internas nas escolhas e cargos. O poder é sempre um desafio e uma faca de dois gumes. Ele agrega força e negligência, sabedoria e imprudência, medo e ousadia. Para nós, pessoas consagradas, o poder deve ser serviço e não domínio.

## Políticas Públicas à luz da Vida Religiosa Consagrada

Como fazer uma leitura proativa das Políticas Públicas e justiça a partir da Vida Religiosa Consagrada (VRC)? Temos algo a mudar dentro de nossas estruturas para impedir que as práticas de poder sejam evangélicas e responsabilmente livres? O texto base da CF afirma que política pública é “o cuidado do todo realizado pelo Governo ou pelo Estado. São as ações discutidas, programadas e executadas em favor de todos os membros da sociedade” (Cf. Texto base, n. 8). As ações de Governo, em nosso caso, são as metas e programações dos superiores e seus conselhos, cujo executor é temporário, portanto muda conforme se alternam os governantes. As ações permanentes são as de Estado que garantem as necessidades básicas como saúde, segurança, educação, saneamento básico, etc. No caso da VRC, trata-se de nossa comunhão eclesial com o corpo da Igreja onde estamos inseridos. Estas ações exigem continuidade.

As decisões que os Governos gerais assumem em Capítulos podem mudar a cada etapa do desenvolvimento dos Institutos, isto requer a fidelidade criativa. Um superior e uma superiora com seu conselho devem saber propor, segundo os apelos dos tempos, os caminhos pelos quais os membros do Instituto precisam caminhar. Evidentemente haverá uma linha de continuidade na Tradição do Instituto e das deliberações assumidas em outros governos, no entanto, se as próprias Constituições podem ser alteradas para corresponder às demandas da contemporaneidade, imagine a forma de governo. Tudo é passivo de mudança; aliás, como diz a canção de Lulu Santos: “Tudo sempre passará... a vida vem em ondas” e, estas ondas batem fortemente em nossas estruturas e exigem reforço e adaptação. Contudo, as decisões que foram assumidas no contexto da vida religiosa enquanto seguimento de Jesus no carisma fundacional, quer dizer, a essência carismática, isto não muda, mas, sim, nos fazem avançar para águas mais profundas.





Para nós, cristãos e consagrados, as políticas públicas se traduzem em obras de solidariedade e misericórdia, iluminadas pela fé, sempre num processo de purificação de nossas intenções e do cuidado dos mais vulneráveis, com atitudes de proximidade, fraternidade e solidariedade (Cf. texto base, n. 9-11). Ora, tudo isto compromete a VRC com ações que, de um lado, eduquem os religiosos e religiosas para atitudes de coerência com o bem dos destinatários da missão e, por outro lado, fortaleçam as decisões tomadas em capítulos, reuniões e conselhos provinciais. É importante compreender que nossas decisões fundamentadas em nossas Constituições traduzem o Evangelho segundo o carisma fundacional, e toda e qualquer violação destas regras é infidelidade e pecado que envolve desde o plano pessoal até o comunitário. Mais uma vez Francisco nos alerta:

O consagrado, escolhido por Deus para guiar as almas à salvação, deixa-se subjugar pela sua fragilidade humana ou pela sua doença, tornando-se assim um instrumento de satanás. Nos abusos, vemos a mão do mal que não poupa sequer a inocência das crianças. Não há explicações suficientes para estes abusos contra as crianças. Com humildade e coragem, devemos reconhecer que estamos perante o mistério do mal, que se encarna contra os mais frágeis, porque são imagem de Jesus. É por isso que atualmente cresceu na Igreja a consciência do dever que tem de procurar não só conter os gravíssimos abusos com medidas disciplinares e processos civis e canônicos, mas também enfrentar decididamente o fenômeno dentro e fora da Igreja. Sente-se chamada a combater este mal que atinge o centro da sua missão: anunciar o Evangelho aos pequeninos e protegê-los dos lobos vorazes.<sup>3</sup>

## Nossa missão é pela vida

Aqui é importante ressaltar que a VRC tem como política pública o bem de seus membros e, conseqüentemente, o bem daqueles que nos foram entregues pelo Senhor para cuidarmos, ou seja, os destinatários da nossa missão. Então, o poder que exercemos no exercício de nossos trabalhos não pode ser violado com atos contra o bem comum, contra pessoas e até contra nós mesmos, quando nos tornamos abusadores ou vítimas de abusos praticados dentro de nossas comunidades e conventos ou por pessoas que são admitidas em nossas fileiras com tendências ou práticas imorais. O papa reforça esta ética quando diz:

Quero repetir aqui claramente: ainda que na Igreja se constatasse um único caso de abuso – o que em si já constitui uma monstruosidade –, tratar-se-á dele com a máxima seriedade. Irmãos e irmãs: na ira justificada

3 Ibid.





das pessoas, a Igreja vê o reflexo da ira de Deus, traído e esbofeteado por estes consagrados desonestos. O eco do grito silencioso dos menores, que, em vez de encontrar neles paternidade e guias espirituais, acharam algozes, fará abalar os corações anestesiados pela hipocrisia e o poder. Temos o dever de ouvir atentamente este sufocado grito silencioso.<sup>4</sup>

Portanto, como VRC precisamos zelar por soluções de nossas necessidades que garantam nossos direitos e deveres no complexo campo da missão evangelizadora. Esta é uma política pública adaptada à nossa realidade. Neste sentido, as soluções, sejam individuais, sejam coletivas, devem ser iluminadas por princípios e critérios evangélicos e não apenas de poder. O que vem se sobrepondo aos critérios individuais é exatamente a força do poder, fruto da ausência da verdadeira doação de si mesmo, num mergulho cego num estilo de vida às vezes egocêntrica, individualista, autodestrutiva. Francisco foi enfático sobre este crime do abuso do poder quando disse:

É difícil, porém, compreender o fenômeno dos abusos sexuais contra os menores sem a consideração do poder, pois aqueles são sempre a consequência do abuso de poder, a exploração duma posição de inferioridade do indefeso abusado que permite a manipulação da sua consciência e da sua fragilidade psicológica e física<sup>5</sup>.

É neste aspecto que a força do poder dos abusadores sexuais mexe com a credibilidade da Igreja e da VRC. Eles usam do poder, no caso o poder eclesial, do sagrado, para aniquilar pessoas. Estes abusadores acreditam incorporar a divindade. Pensam que nunca serão descobertos porque as vítimas são pessoas comuns enquanto eles são deuses. Na cabeça do abusador está a imagem do deus da força, da impunidade, da perda da vergonha e do limite. O abusador é sempre um criminoso com máscara de anjo.

## O poder é uma faca de dois gumes

O poder de nossas Instituições religiosas existe para viabilizar a concretização do carisma guiado sempre pela ação do Espírito de Deus. É um poder compartilhado entre sócios porque cada membro de um Instituto é, por direito, um sócio e não um estrangeiro. Por conseguinte, há direitos garantidos, mas também deveres a serem cumpridos em vista do bem comum. É preciso, então, que todos os sócios se movimentem

4 Ibid.

5 FRANCISCO, Discurso final do papa no encontro sobre a proteção dos menores na Igreja, Vaticano 21-24/02/2019, [www.vatican.va/](http://www.vatican.va/), acesso: 28/02/2019,





para resolver os problemas de seus Institutos e de suas comunidades e obras. Nenhum de nós pode estar ausente dos problemas e das soluções, é uma questão de política de governo. Todas as ações acabam por ter um impacto social e eclesial no território e na organização geral do Instituto. Portanto, quando alguém sofre um abuso ou é o próprio abusador, toda a organização sofre e são, pelos laços da fraternidade, penalizados juntos com o agressor ou com a pessoa agredida.

Neste sentido, o papel dos Provinciais, animadores de comunidades e gestores de obras precisa ter um caráter estratégico, técnico, político e de criatividade, para saber corrigir os erros, sanar as feridas e concretizar a solução dos problemas. Estes animadores da vida religiosa não podem ser omissos, coniventes com os erros e muitos medrosos em agir com decisões que defendam o interesse de todos os sócios e não apenas os do agressor, como, por exemplo, transferindo para outra obra ou Província. Estamos diante do “espírito do mal”, diz Francisco:

Estamos hoje perante uma manifestação do mal, descarada, agressiva e destruidora. Por detrás e dentro disto está o espírito do mal, que, no seu orgulho e soberba, se sente o dono do mundo e pensa que venceu. Isto gostaria de vo-lo dizer com a autoridade de irmão e pai (pequeno e pecador, sem dúvida, mas que é o pastor da Igreja que preside na caridade): nestes dolorosos casos, vejo a mão do mal que não poupa sequer a inocência dos pequeninos. E isto leva-me a pensar no exemplo de Herodes que, impelido pelo medo de perder o seu poder, ordenou massacrar todas as crianças de Belém. Por trás disto está satanás.<sup>6</sup>

## Conclusão

É importante que as decisões que a Igreja está assumindo, sobretudo depois deste evento no Vaticano, com as lideranças das Conferências episcopais, superiores e superiores gerais e o próprio Papa, não fiquem apenas em boas intenções, mas sejam movidas pela caridade em vista do bem comum de todos e pela correção do abusador ou abusadora.

Por isso, chegou a hora de colaborarmos, juntos, para erradicar tal brutalidade do corpo da nossa humanidade, adotando todas as medidas necessárias já em vigor a nível internacional e a nível eclesial. Chegou a hora de encontrar o justo equilíbrio de todos os valores em jogo e dar diretrizes uniformes para a Igreja, evitando os dois extremos:

---

<sup>6</sup> Ibid.





nem judicialismo, provocado pelo sentimento de culpa face aos erros passados e pela pressão do mundo mediático, nem autodefesa que não enfrenta as causas e as consequências destes graves delitos <sup>7</sup>.

O profetismo naVRC não pode ser perdido neste temporal que derruba valores, abala nossas crenças e mancha nossa credibilidade de homens e mulheres consagrados ao serviço do Reino de Deus. Precisamos ter a coragem de ler os sinais dos tempos que estão aí clamando por nossa conversão. Portanto, reforço aqui as diretrizes finais que Francisco indicou como verdadeiras políticas públicas para resolver os problemas que estamos enfrentando em nossas dioceses, comunidades, conventos e famílias. Todos devemos ficar alertas, pois satanás está ao redor para nos seduzir.

1. **A tutela das crianças:** o objetivo primário das várias medidas é proteger os pequeninos e impedir que caiam vítimas de qualquer abuso psicológico e físico. Portanto, é necessário mudar a mentalidade combatendo a atitude defensivo-reativa de salvaguardar a Instituição em benefício duma busca sincera e decidida do bem da comunidade, dando prioridade às vítimas de abusos em todos os sentidos. Diante dos nossos olhos, devem estar sempre presentes os rostos inocentes dos pequeninos, recordando as palavras do Mestre: «Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem em Mim, seria preferível que lhe suspendessem do pescoço a mó de um moinho e o lançassem nas profundezas do mar. Ai do mundo, por causa dos escândalos! São inevitáveis, decerto, os escândalos, mas ai do homem por quem vem o escândalo!» (Mt 18, 6-7).
2. **Seriedade impecável:** gostaria de reiterar, aqui, que a Igreja «não poupará esforços fazendo tudo o que for necessário para entregar à justiça toda a pessoa que tenha cometido tais delitos. A Igreja não procurará jamais dissimular ou subestimar qualquer um destes casos» (Discurso à Cúria Romana, 21/XII/2018). É sua convicção que «os pecados e crimes das pessoas consagradas matizam-se de cores ainda mais foscas de infidelidade, de vergonha e deformam o rosto da Igreja, minando a sua credibilidade. De fato, a própria Igreja, juntamente com os seus filhos fiéis, é vítima destas infidelidades e destes verdadeiros crimes de peculato» (Ibidem).
3. **Uma verdadeira purificação:** apesar das medidas tomadas e os progressos realizados em matéria de prevenção dos abusos, é necessário impor um renovado e perene empenho na santidade

7 Ibid.





dos pastores, cuja configuração a Cristo Bom Pastor é um direito do povo de Deus. Reitera-se, pois, «a firme vontade de prosseguir, com toda a força, pelo caminho da purificação. A Igreja (...) questionar-se-á como proteger as crianças; como evitar tais calamidades, como tratar e reintegrar as vítimas; como reforçar a formação nos seminários. Procurar-se-á transformar os erros cometidos em oportunidades para erradicar este flagelo não só do corpo da Igreja, mas também do seio da sociedade» (Ibidem). O temor santo de Deus leva a acusar-nos – como pessoa e como instituição – e a reparar as nossas falhas. Acusar-se a si próprio: é um início sapiencial, associado ao temor santo de Deus. Aprender a acusar-se a si próprio, como pessoa, como instituição, como sociedade. Na realidade, não devemos cair na armadilha de acusar os outros, que é um passo rumo ao álibi que nos separa da realidade.

4. **A formação:** ou seja, as exigências da seleção e formação dos candidatos ao sacerdócio com critérios não só negativos, visando principalmente excluir as personalidades problemáticas, mas também positivos oferecendo um caminho de formação equilibrado para os candidatos idôneos, tendente à santidade e englobando a virtude da castidade. Na encíclica *Sacerdotalis caelibatus*, São Paulo VI deixou escrito: «Uma vida tão inteira e amavelmente dedicada, no interior e no exterior, como a do sacerdote celibatário, exclui, de fato, candidatos com insuficiente equilíbrio psicofísico e moral. Não se deve pretender que a graça supra o que falta à natureza» (n.º 64).
5. **Reforçar e verificar as diretrizes das Conferências Episcopais:** ou seja, reafirmar a necessidade da unidade dos Bispos na aplicação de parâmetros que tenham valor de normas e não apenas de diretrizes. Normas, não somente diretrizes. Nenhum abuso deve jamais ser encoberto (como era habitual no passado) e subestimado, pois a cobertura dos abusos favorece a propagação do mal e eleva o nível do escândalo. De modo particular, é preciso desenvolver um novo enquadramento eficaz de prevenção em toda as instituições e ambientes das atividades eclesiais.
6. **Acompanhar as pessoas abusadas:** o mal que viveram deixa nelas feridas indeléveis que se manifestam também em rancores e tendências à autodestruição. Por isso, a Igreja tem o dever de oferecer-lhes todo o apoio necessário, valendo-se dos especialis-





tas neste campo. Escutar... eu diria «perder tempo» escutando. A escuta cura a pessoa ferida, e cura-nos a nós também do egoísmo, da distância, do «não me diz respeito», da atitude do sacerdote e do levita na parábola do Bom Samaritano.

7. **O mundo digital:** a proteção dos menores deve ter em conta as novas formas de abuso sexual e de abusos de todo o gênero que os ameaçam nos ambientes onde vivem e através dos novos instrumentos que utilizam. Os seminaristas, os sacerdotes, os religiosos, as religiosas, os agentes pastorais e todos os fiéis devem estar cientes de que o mundo digital e o uso dos seus instrumentos com frequência incidem mais profundamente do que se pensa. Quero aqui encorajar os países e as autoridades a aplicarem todas as medidas necessárias para limitar os websites que ameaçam a dignidade do homem, da mulher e, em particular, dos menores. Irmãos e irmãs: o reato não goza do direito à liberdade. É absolutamente necessário opor-se com a máxima decisão a tais abomínios, vigiar e lutar para que o desenvolvimento dos pequeninos não seja perturbado nem abalado por um acesso descontrolado à pornografia, que deixará sinais negativos profundos na sua mente e na sua alma. Devemos esforçar-nos por que as jovens e os jovens, particularmente os seminaristas e o clero, não se tornem escravos de dependências baseadas na exploração e no abuso criminoso dos inocentes e suas imagens e no desprezo da dignidade da mulher e da pessoa humana. Destacam-se aqui as novas normas «sobre os delitos mais graves» aprovadas pelo Papa Bento XVI em 2010, onde fora acrescentado como um novo caso de delito «a aquisição, a detenção ou a divulgação», realizada por um membro do clero «de qualquer forma e por qualquer meio, de imagens pornográficas tendo por objeto menores». Falava-se então de «menores de 14 anos»; agora achamos que devemos elevar este limite de idade para ampliar a tutela dos menores e insistir na gravidade destes fatos.
8. **O turismo sexual:** o comportamento, o olhar, o íntimo dos discípulos e servidores de Jesus devem saber reconhecer a imagem de Deus em toda a criatura humana, a começar pelos mais inocentes. Somente bebendo neste respeito radical da dignidade do outro é que poderemos defendê-lo da força invasiva da violência, exploração, abuso e corrupção, e servi-lo de forma credível no seu crescimento integral, humano e espiritual, no encontro com outros e com Deus. Para combater o turismo sexual, é necessária a





repressão judicial, mas também apoio e projetos para a reinserção das vítimas desse fenômeno criminoso. As comunidades eclesiais são chamadas a reforçar o cuidado pastoral das pessoas exploradas pelo turismo sexual. Entre estas, as mais vulneráveis e necessitadas de ajuda particular são certamente mulheres, menores e crianças; estas últimas, porém, precisam de proteção e atenção especiais. As autoridades governamentais deem prioridade e ajam urgentemente para combater o tráfico e a exploração econômica das crianças. Para isso, é importante coordenar os esforços a todos os níveis da sociedade e colaborar estreitamente também com as organizações internacionais para realizar um quadro jurídico que proteja as crianças da exploração sexual no turismo e permita perseguir legalmente os criminosos.<sup>8</sup>

8 FRANCISCO, Discurso final do papa no encontro sobre a proteção dos menores na Igreja, Vaticano 21-24/02/2019, [www.vatican.va/](http://www.vatican.va/), acesso: 28/02/2019,





## O QUE A PASTORAL DA JUVENTUDE ESPERA DA VRC

IR. JOILSON DE SOUZA TOLEDO<sup>1</sup>, FMS

*“Acredito que o mundo quer mais amor”<sup>2</sup>:*

Falar de juventude no alvorecer do século XXI é falar de pluralidade, por isso, há alguns anos, usamos o termo *juventudes* nas Ciências Sociais, na Teologia e nas Ciências da Religião. Não só a condição juvenil é plural, mas também as juventudes que estão dentro Igreja Católica. Há diversas configurações da fé<sup>3</sup>.

Neste artigo fizemos duas escolhas. Uma é a de focar na Pastoral da Juventude (PJ), que tem por referência a Teologia da Libertação, que se reconhece filha das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e neta da Ação Católica<sup>4</sup>.

- 1 Irmão Joilson de Souza Toledo, marista. Membro da Comunidade Marista do Rio de Janeiro, assessor da Pastoral da Juventude, teólogo, mestre em Ciências da Religião pela PUC Goiás, Pós-graduado em Formação para a Vida Religiosa pela ESTEF, Pós-graduando em Juventude no mundo contemporâneo pela FAJE. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional.
- 2 Amais amor. Seu Cuca. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-IZ-Z7UNO6g>>. Acesso em: 20 jun 2018.
- 3 Dick, Hilário. O mínimo do mínimo para anunciar uma boa-nova à juventude. Curitiba: Champagnat, 2013; SOFIATI, Flavio M.. Juventude Católica: o novo discurso da teologia da libertação. São Carlos: EdUFSCar; 2012.
- 4 Na construção deste artigo dialogamos com vários jovens de faixas etárias e localidades diferentes. Todos vindo da PJ e com experiências eclesiais diversas: coordenadores de grupos de jovens, assessores e coordenadores das articulações diocesanas e paroquiais, que estão em serviço de âmbito nacional da PJ. São eles de Vila Velha/ES: Milena de Jesus Oliveira, 20 anos; de Ribeirão das Neves/MG: Denis





A outra escolha foi fazer do artigo um exercício de diálogo com alguns jovens<sup>5</sup>.

Dialogando com falas de jovens tentamos esboçar uma teologia da VRC em sintonia com o processo sinodal. O caminho que Francisco nos propõe e os anseios dos jovens e discipulados hoje pedem *mais amor*. Um mergulho na misericórdia de Deus a partir do seguimento de Jesus, vivenciando um amor sem medidas, tensionando escolhas, posturas e sentimentos até chegarem à estatura de Cristo (Ef 4,13), é o que você encontrará nestas páginas.

## O princípio e o fim: a força arrebatadora do testemunho

Era início de janeiro de 2012, e mais de 500 jovens de todos os estados do Brasil estavam no 10º Encontro Nacional da PJ na cidade de Maringá. Todos os jovens estavam em silêncio e olhavam para um telão, comovidos com a palavra-presença de um religioso de mais de 80 anos<sup>6</sup>. Este era Pedro Casaldaliga, bispo emérito da Prelazia de São Felix do Araguaia/MT. Ele falava ao coração daqueles jovens, dialogava com suas mais profundas esperanças. Reascendia sonhos, provocava utopias. Em seu vídeo-mensagem convidava os participantes do encontro a “ser pessoa do Evangelho, a não ter vergonha de ser feliz com um evangelho exigente, mas que plenifica”. E concluía com a precisão que lhe são características

A juventude incomoda, em parte, é missão incomodar, incomodar sem amargura [...] Eu ando de bengala, caducando um pouco, mas a esperança não caduca. E digo: Deus é amor. Nós somos amor, egoísmo e medo, mas também esperança.

---

Willian Rocha Trancoso, 17 anos e Tiago Carvalho Santos, 27 anos; de Belo Horizonte/MG: Laisa Silva Campos, 25 anos, Ismael Deyber; de Passo Fundo/RS: Davi Rodrigues da Silva, 26 anos; de Aracaju/SE: Carlos Alberto Nunes Junior, 25 anos; de Três Rios/RJ: Leandro Galdino Teixeira, 25 anos; Franciele Ferreira de Andrade Duarte, 20 anos; Vanessa da Silva Bento, 21 anos; Rio das Flores/RJ: Marcela Santos Teixeira, 27 anos; de Duque de Caxias/RJ Felipe Oliveira, 25 anos; Vassouras/RJ: Igor Fontes Vieira do Canto, 18 anos; Valença/RJ: Francismar da Silva Correa, 28 anos; de Japeri/RJ: Renan Gentil dos Santos da Cruz, 23 anos; de Nova Iguaçu: João Oscar de Freitas Rodrigues Porfilho, 26 anos; de Barra Mansa/RJ: Erick Jonathan Oliveira Teixeira, 24 anos; de Silvania/GO: Helia Marina Monteiro, 24 anos; de Niterói/RJ: Nataly Nunes Braga, 25 anos; de Itapipoca/CE: Francisco Gelmo Pinto de Sousa, 23 anos; de Santarém/PA: Marcos Abraão Silva da Silva, 23 anos. Na medida do possível as falas deles serão citadas no corpo do artigo.

5 Mensagem de Dom Pedro Casaldaliga ao 10º ENPJ. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qs7UTJfInZ0&t=307s>>. Acesso em 28 jun 2018.

6 Como são chamados os jovens que participam da PJ.





No entanto, parece lugar-comum entre os religiosos dizer que o principal desafio para se aproximar das juventudes é a idade; mas, por que com este senhor é diferente? Nesta situação, pensamos estar o coração do que os jovens da PJ esperam da VRC. O que se espera da VRC é “mulheres e homens que vivem o seguimento de Jesus com tamanha paixão se constituam companheiros de caminhada dos demais. Pessoas que não se perdem em definições hierárquicas, ou distinções periféricas, mas que arriscam apoiar-se no amor Daquele que as/os chamou”.

Se não é o envelhecimento o principal empecilho, o que seria? Talvez seja a maneira como muitos envelhecem na VRC, e isso é consequência das escolhas feitas durante a vida, ou seja, é a nossa maneira de ser religiosos e não a idade que tem nos afastados das juventudes. E os jovens, em especial os que estão na PJ, esperam de nós o que Pedro Casaldáliga poetizou: “Ser o que se é, falar o que se crê, crer no que se prega, viver o que se proclama até as últimas consequências”.

## Ser gente que escolheu seguir Jesus e se dedica ao Reino

Agora, trabalharemos os elementos que aparecem nas falas/textos dos jovens. Em suas falas, a maneira como acionaram a memória religiosa revela como compreendem, vivenciam e expressam a fé. Um dos jovens chega a dizer:

quando a gente fala na importância da vida religiosa, temos que ter um pouco de cuidado e analisar sobre diferentes matrizes. A vida religiosa, às vezes, nem sempre é uma libertação ou nem sempre uma coisa que ajuda, às vezes pode ser uma coisa que prende.

Espera-se que o religioso seja gente, pois dizem os jovens: “quando vejo uma pessoa religiosa, vejo ali um ser humano, o qual, com todos seus acertos e erros, angústias e sonhos, resolveu fazer da própria vida uma dedicação de serviço constante”. Lembremos que, na caminhada da Igreja Latino-Americana, a frase de São Leão Magno “Tão humano assim só mesmo Deus” tornou-se um marco. De um consagrado espera-se uma pessoa profundamente humana e por isso sacramento do Divino. Alguém profundamente aberto ao transcendente e por isso mergulhado no humano. A diferença que estes ligados à PJ esperam dos religiosos e das religiosas não são os sinais externos, mas sim no *jeito de ser, crer e viver*.





A humanidade, a dedicação/entrega e seguimento de Jesus caminham juntos nos discursos desses jovens. A experiência latino-americana vincula o seguimento de Jesus à opção pelo Reino, e esses jovens seguem esta trajetória. Um deles afirma que espera da VRC “a prática dos valores evangélicos, tendo como pressuposto básico a entrega radical ao projeto de seguimento de Jesus de Nazaré”.

Para eles esse modo de viver na simplicidade é que encanta e me aproxima da experiência simples de Jesus de Nazaré; essa doação de vida de forma integral, que vai em missão, não obstante a saudade da família, que acaba ficando distante geograficamente, joga-se na aventura de viver a fidelidade ao evangelho intensamente.

Desta forma a VRC “se torna a cada dia o forte Sinal da presença de Deus no meio de tantas coisas negativas que assolam a humanidade”. Nos consagrados reconhecem “a experiência da intimidade com o Senhor, a vida religiosa nos remete a essa serenidade de quem se silencia para um bate-papo íntimo com Deus”. E muitos, ao falarem disso, trazem nomes e histórias de religiosas e de religiosos que marcaram suas vidas. Gente que

consegue transformar tudo o que aprendeu em sua vida em um ato de caridade, quando um religioso ou religiosa consegue transmitir seus ensinamentos através de ações práticas e humanas. Está aí a importância da vida religiosa, ser esse sinal do Cristo humano, que fez e faz a escolha por uma vida dedicada a quem precisa, seja de alimento para o corpo, seja para a alma.

Estes jovens reconhecem a VRC como chamado e processo e esperam que sejam pessoas dispostas a fazer caminho. “A Igreja só tem a ganhar com a presença encorajada, clara, vigorosa e vivaz de homens e mulheres transparentes, que chamamos carinhosamente de Irmãos e Irmãs”. Gente que seja sinal, pois para eles a “VRC é importante para dar vigor à Igreja neste mundo de correria e superficialidade. A VRC tem uma importância fundamental para a Igreja e para a sociedade, pois é testemunho de Cristo e da vida fraterna”.

## Proximidade e acompanhamento

No imaginário dos jovens da PJ, a VRC é essencialmente lugar da proximidade. Gente que segue Jesus na relação com outras pessoas. Hoje, com a diminuição, vivemos o desafio de equacionar as obras, e em algumas famílias religiosas, em algumas situações, estamos tão





ocupados em sobreviver, que não há tempo para viver (Mt 16,25). Para estes jovens: “os religiosos têm um trabalho mais no meio do povo. Mais comum para mim é ver Irmãos e freiras no meio do povo. Eu espero destas pessoas que elas contribuam para a formação dos jovens”.

Com a presença da VRC, estes jovens em vários momentos vivem e querem continuar a “experimentar de maneira tão profunda, a doçura do cuidado, a fraternidade de um religioso, a entrega e a preocupação com o mundo que sofre e com a formação de seres humanos para mudar o mundo, essa humildade e caridade”.

A PJ, em sintonia com a herança da Ação Católica e das CEBs, preza pela assessoria, por gente que se disponha a caminhar junto, a “sentar-se ao lado de”. Esperam da VRC “estar juntos, comer juntos, partilhar os sonhos. Acompanhamento. Este vai ouvir a juventude. Acreditar que nós jovens podemos fazer as coisas acontecer”. Que estes “se façam presentes e se dispondo a acompanhar”. Que sejam “pessoas vocacionadas à vida religiosa, consigam viver isso de forma autêntica e coerente, sendo cuidadas e acolhidas, a fim de se tornarem referências nessa construção do projeto do Reino”. Para eles

as juventudes estão carentes de referências e de afeto, e aí veem nas pessoas religiosas um porto seguro, uma possibilidade de escuta e auxílio [...] Quando temos religiosos dispostos a acompanhar as juventudes, vemos o diferencial que se dá nesse processo.

Esperam que tenham na VRC pessoas para acompanhar seus projetos de vida. Estes

podem ajudar nos processos de discernimento, ser companheiros de busca, [...]. Pessoas com quem se pode contar na escuta. Contribuir no processo de amadurecimento da fé, testemunho, ajudar a entender o sentido da vida comunitária, o positivo e o desafiador. Muitos jovens perdem o sentido da fé porque a Igreja nem sempre possibilita isso. Uma casa religiosa aberta pode ser um bom porto, interiorização, crescimento pessoal.

Dizem que “a importância da vida religiosa hoje é se ter algo em que acreditar diante de uma sociedade tão vazia e cada vez mais individualista”. Estes jovens esperam que a VRC seja “sinal concreto do Reino e do sim ao projeto do Cristo Libertador”. Para um destes jovens, “quando a gente pensa num religioso, temos sede de uma reflexão mais coerente do que ele pode trazer para nós”.





Pela maneira como se dedicam a ouvir Deus – não por necessidade de sobrevivência institucional – este deveria ser um ponto importante da relação da VRC com os jovens. Um dos jovens chega a dizer:

Além disso, penso que essa aproximação nos ajuda também no processo do discernimento vocacional. Nós, jovens, precisamos muito de um acompanhamento mais próximo nesse quesito, e os religiosos vivem constantemente esse processo, nos ajudando a clarear nossas questões.

Chegam a dizer que “sinto como um modelo de vida que inspira muitos pejoteiros<sup>7</sup> a ser mais gente, a ter mais empatia, a cuidar mais de seus momentos de oração pessoal e em comunidade, a experimentar o “que Jesus faria se estivesse aqui”.

Um jovem partilha que:

todas as experiências com religiosos e religiosas que eu tive mexeram muito com meu jeito de ser e pensar, emocionaram-me, provocaram, converteram, alimentaram a mística, deixaram-me apaixonado pela missão de servir, aproximaram-me do rosto terno de Deus. Sou provocado e estimulado com o vigor e total doação de vida dessas mulheres apaixonadas pela missão de servir, que estão entre os grupos de jovens dando esse bonito testemunho vivo e despertando vocações de jovens que se apaixonam por esse modelo e veem que é uma vida que vale a pena ser vivida, que traz muita felicidade.

O desafio é que se, um lado, o pós-concílio motivou uma ida em massa para as periferias, o que aproximou de muitos jovens empobrecidos. Por outro um conjunto de vocações vindas das experiências eclesiais dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI bem como a diminuição de quadros, motivaram um caminho mais preocupado com a instituição, por isso um jovem chega a dizer:

A relação da juventude com a vida religiosa, infelizmente, é cada vez menor. Talvez o fato de termos hoje uma vida religiosa predominantemente idosa e pequena. Talvez essa seja uma das causas desse afastamento. No entanto cabe refletir se esse dado das congregações já não é um reflexo de suas políticas de atuação.

Um dos jovens chega a alertar que “o caminho de uma ação estritamente vinculada ao seu carisma é prova de apego institucional, que não supera seu egocentrismo institucional para a vivência de um bem comum”. Esses jovens sabem e lembram que “a relação com a vida juvenil é algo profundamente exigente e requer entrega e escuta atenta”. Dessa forma, consagrados se tornam um suporte para contribuir com os jovens na caminhada. Um jovem chega a dizer:

7 Como são chamados os jovens que participam da PJ.





Eu vejo como maior importância a missão, ir aonde ninguém mais vai, não ter onde repousar a cabeça (Mt 8, 20) [...], se torna mais que necessário o trabalho dos religiosos que alcançam os mais pobres e estão de fato no meio do povo, o povo das comunidades de base, o povo de rua, o povo que vê neles a esperança necessária para acreditar em Cristo e na Igreja, a Igreja que o papa Francisco pede que seja em saída, neles já acontece e faz florescer.

## Opção preferência pelos pobres

Aqui se encontra uma das belezas e um dos grandes sinais de contradição da VRC. Temos espalhados pelo continente inúmeros testemunhos de religiosas e religiosos nas fronteiras. No entanto, nem sempre enquanto grupo/instituição somos vistos assim. Aliás, um dos desafios dos olhares que os jovens que estão na PJ têm da VRC é que, por vezes, veem-se pessoas muito comprometidas, mas isso não é visto em conexão com suas respectivas congregações; frequentemente, parece que algumas posturas e atividades boas são feitas por religiosos para além da congregação e contra o caminho hegemônico. Nisso, os jovens esperam que as congregações sejam um coletivo de testemunho. Resguardando a pluralidade saudável e os níveis de contradições inerentes da pessoa humana, é preciso conectar os caminhos das congregações ao Evangelho. Pois,

Uma Igreja onde os consagrados são pessoas vistas como referências administrativas ou burocráticas não é um espaço atrativo para doar a vida. Quem sonha e se sente chamado por Deus para viver sua vida gerindo pesadas máquinas empresariais maquiadas por uma publicidade que encampa um pesado discurso cristão?

Nem sempre fica claro a opção pelo Reino e, por vezes, os consagrados parecem seduzidos pelo *deus mercado*. Os jovens esperam que o que temos e somos estejamos voltados para o Reino de Deus. Um jovem chega a dizer que:

A meu ver é preciso com urgência uma fiel e coerente opção pela pobreza e pelos pobres, só aí será possível ser sinal de uma vida disposta a doar-se na promoção e vivência da autonomia e da felicidade, antecipando o Reino em meio aos pobres e jovens. [...] É preciso pôr seus capitais financeiros e formativos na roda, sem medo de perdê-los, como na parábola dos talentos.

Estes jovens veem a VRC como pessoas que vivem para além dos esquemas do capital. Por isso que o contrário é tão escandalizador. Para eles, “sua benéfica distância do poder e do dinheiro faz dos religiosos





seres simples que embelezam a Igreja [...] são profetas de um mundo que está por vir, pessoas que doam sua vida na construção do reino de Deus”. É isso que eles esperam da VRC. “E no atual mundo, onde tudo está doente, vários casos de corrupção, violência e de pouco cuidado uns para com os outros, a vida religiosa pode ser um fator de união”.

Falando mais especificamente sobre o Sínodo dos Jovens, um jovem comenta que o processo sinodal deveria dar “sinais de uma Igreja que de fato resgate como prioridade pastoral o amor aos pobres e que os consagrados e consagradas à vida religiosa levem a sério tal compromisso”. Como outros jovens, ele afirma que

a Igreja não pode se furtar a esses assuntos que dizem respeito à vida da população. Portanto, se Jesus Cristo pregou-nos a vida, e disse que era vida plena, de qualidade, que de fato a vida religiosa também esteja disposta a praticar uma espiritualidade que a leve a enxergar Cristo no povo sofrido e oprimido e lutar pela vida do povo.

## Conclusão

A poesia que dá título a este artigo, como a fala dos jovens, afirma “acredito na força de um sonhador, na dureza do asfalto a sempre um flor.” Assim se deu o seguimento de Jesus no decorrer dos séculos. Este é o caminho e o que se espera da VRC. Os jovens da PJ, como expressam as falas que perpassaram este artigo, esperam que religiosos e religiosas façam da própria vida uma resposta ao questionamento do mestre: “... tu me amas?” (Jo 20,15-17). Foi por acreditarem que o mundo precisava de mais amor que os fundadores se colocaram na aventura de seguimento de Jesus. É o testemunho de pessoas humanas, próximas das juventudes e reflexos da opção de Jesus de Nazaré, que os jovens dizem que se espera da VRC.

## Referências Bibliográficas

- CHITTITER, Joan. *Fogo sob as cinzas: uma espiritualidade da vida religiosa contemporânea*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- DICK, Hilário. *Mínimo do mínimo para anunciar uma boa-nova à juventude*. Caderno ciência e fé. V. 1. N. 3. Curitiba: Champagnat, 2013.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o Convertido: A religião em movimento*. Petrópolis: vozes. 2008.





PALMÉS, Carlos. *Ser o no ser: la vida religiosa del siglo XXI*. Lima: Paulinas, 2011.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Juventude Católica: o novo discurso da teologia da libertação*. São Carlos: EdUFSCar: 2012.

113

CONVERGÊNCIA – Ano LIV – Nº 523 – Julho e Agosto 2019

